MYER PEARLMAN

LUCAS

O EVANGELHO DO HOMEM PERFEITO

CPAD

MYER PEARLMAN

LUCAS

O EVANGELHO DO HOMEM PERFEITO

CPAD

MYER PEARLMAN



LUCAS

O EVANGELHO DO HOMEM PERFEITO



MYER PEARLMAN

LUCAS

O EVANGELHO DO HOMEM PERFEITO

Tradução: Gordon Chown

2ª edição

CPAD

Rio de Janeiro
2020

Todos os direitos reservados. Copyright © 2002 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Autor: Myer Pearlman

Capa: Fábio Longo

Conversão para ebook: Cumbuca Studio

CDD: 220 - Bíblia

e-ISBN: 978-65-86146-07-3

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: https://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro - RJ

CEP: 21.852-002

2ª Edição/2020

Índice

-

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Índice

1. O Nascimento de João Batista

2. Jesus e Maria, Sua Mãe

3. O Rei Prometido

4. O Cântico de Maria

5. Adorando o Menino Recém-nascido

6. Simeão e Ana

7. Jesus Quando Menino

8. Jesus Ressuscita os Mortos

9. O Bom Samaritano

10. O Filho Pródigo

11. O Rico e o Lázaro

12. Jesus Ensina Acerca da Gratidão

13. A Conversão de Zaqueu

14. Pedro Nega o Seu Senhor

15. A Crucificação de Jesus

16. A Ressurreição

17. A Caminho de Emaús

18. O Senhor Ressuscitado e a Grande Comissão

Landmarks

Capa

Folha de Rosto

Página de Créditos

Sumário

Início

O Nascimento de João Batista

Texto: Lucas 1.5-25; 57-80

Introdução

Os evangelhos apresentam quatro retratos do Senhor Jesus Cristo, elaborados sobre panos de fundo diferentes. Cada evangelho ressalta um aspecto específico da sua personalidade e obra. Lucas o apresenta como Filho do homem, ressaltando-lhe a humanidade divina e seu ministério aos perdidos: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido” (Lc 19.10).

Um certo homem, não-cristão, declarou ser este evangelho “o mais belo livro do mundo”. Sejam os nossos olhos abertos pelo Espírito Santo, para que vejamos as belezas do Jesus verdadeiro, e as possamos mostrar a outras pessoas.

Deus é sábio: nunca faz qualquer coisa importante sem primeiro preparar o caminho. Neste capítulo, estudaremos o nascimento daquele que foi chamado para ser o precursor do Filho do homem.

I. Os Pais de João Batista (Lc 1.1-10)

Zacarias e Isabel não tinham filhos, provação e triste vergonha para qualquer família judaica. Isto porque, além do amor natural às crianças, havia sempre a esperança de que um dos filhos fosse o libertador do seu povo. O casal orara durante muito tempo, até a esperança tornar-se desespero. É justamente a esta altura, porém, que Deus costuma surpreender-nos com a bênção.

Os sacerdotes e levitas das várias partes do país eram divididos em vinte e quatro turnos, ou plantões. Cada turno durava duas semanas. À entrada de um novo turno, tiravam-se sortes para a distribuição dos deveres, tais como cuidar do fogo do altar, ministrar ao lado do altar e cuidar do candelabro. A honra maior e mais desejada era oferecer incenso no altar de ouro, no Lugar Santo - ato que simbolizava a apresentação das petições da nação. Tão grande era a honra que uma lei impedia ao sacerdote usufruí-la mais de uma vez.

A tão desejada honra coube a Zacarias. Enquanto a multidão orava no Templo, o sacerdote aproximou-se do altar de ouro, colocou brasas vivas na grelha e espalhou por cima um punhado de incenso que subiu em nuvens à presença de Deus. Ao incenso juntou Zacarias sua petição, pedindo um filho. Por que não renovar as esperanças, tão próximo estava do trono do Rei?

II. A Grandeza de João Batista (Lc 1.11-17)

A petição do sacerdote realmente chegara ao trono da graça, pois logo apareceu o anjo Gabriel, trazendo-lhe a promessa de um filho. Ao pai temeroso, tranqüilizou: “Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida”. Em conexão com o menino, haveria:

1. Um grande nome. “João” significa “o Senhor dá graça” ou “o Senhor é gracioso”, nome muito apropriado àquele que estava para ser arauto da nova dispensação.

2. Uma Grande alegria (v. 14). A alegria que acompanhava o nascimento deste filho ultrapassaria os limites da família; estender-se-ia à nação inteira.

3. Um grande caráter. “Porque será grande diante do Senhor”. Seu caráter conformar-se-ia ao seu nome. Seria uma vida aprovada aos olhos daquEle que examina o coração.

4. Uma grande consagração. O israelita desejoso por consagrar-se ao Senhor de modo especial fazia o voto de nazireu. Enquanto Durasse o voto, tinha de abster-se do vinho, deixar os cabelos crescerem e evitar qualquer contato com cadáveres (Nm 6). Este voto às vezes vinculava-se a uma vocação ou serviço, como nos casos de Sansão e Samuel. Seu significado espiritual era a separação do mundo.

5. Uma grande unção. “Será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno”. Haveria de ser um novo Sansão, recebendo grandes forças pelo canal de uma vida de abstinência sob a unção do Espírito Santo. Desde a infância seria cheio de um poder espiritual mais eficaz que qualquer estimulante.

6. Um grande sucesso. João haveria de ser um profeta como Elias (v. 17), levando a nação ao arrependimento. Que João Batista comoveu a nação inteira é um fato histórico. Reuniu ao redor de si um grupo de discípulos, e estes espalharam sua mensagem para muitos países (At 19.1-3).

III. Nascimento e Infância de João Batista (Lc 1.18-20, 57-64)

O sacerdote achou boa a mensagem; por um momento, boa demais para ser verdadeira. Pediu mais um sinal. Não lembrava ele de Abraão e Sara, de Isaque e Rebeca? Sua descrença era ofensa grave, merecedora de punição. Condenou-o então o anjo à mudez. Isto lhe seria por sinal e castigo. Mesmo assim, ao julgamento acompanhava a misericórdia. Foi-lhe prometido que voltaria a falar na ocasião do nascimento do menino (Sl 30.5).

1. A alegria da mãe. Completou-se a alegria de Isabel; os parentes e as amigas regozijavam-se com ela. Veio o momento da circuncisão e de dar nome à criança. Sugeriram os vizinhos lhe fosse dado o nome do pai. Surpreenderam-se, no entanto, ao saberem que receberia um nome desconhecido na família do sacerdote. Isto era novidade. Até hoje, dão-se aos filhos de judeus os nomes de parentes mais velhos ou falecidos, a fim de manter viva a memória deles em Israel.

2. O louvor do pai. O sacerdote recuperou a fala, e irrompeu em louvores a Deus. Enquanto derramava o coração diante de Deus, o Espírito Santo apoderou-se da sua língua, transformando a canção em profecia inspirada: Deus não desamparara o seu povo; um Libertador se levantaria da família de Davi, e o filho de Zacarias seria o seu precursor.

3. O crescimento da criança. As promessas cumpriam-se na vida do pequeno João. Os que o conheciam maravilhavam-se, não só com a história do seu nascimento, como pelo rápido desenvolvimento de forças na jovem vida: "E a mão do Senhor [o poder de Deus] estava com ele" (v. 66) - expressão que lembra cenas da vida de Elias e de Eliseu, cujas obras poderosas atribuíam-se à "mão do Senhor" sobre eles.

“O menino crescia, e se robustecia em espírito”. Ao crescimento físico seguia o crescimento espiritual. Sob o sol da graça divina e ao sabor da vivificante brisa do Espírito, amadureciam os poderes espirituais do menino, enquanto seu corpo se fortalecia no clima das montanhas da Judéia.

“E esteve nos desertos até ao dia em que havia de mostrar-se a Israel”. Os pais de João provavelmente morreram antes que ele chegasse à idade adulta. O jovem, deixado sozinho no mundo, optou pela solidão como forma de preparar-se para o ministério. No deserto, meditava sobre as profecias e buscava ao Senhor, aguardando a ordem divina para começar a obra entre o povo.

IV. Ensinamentos Práticos

1. Deus nos encontra no caminho do dever. O anjo apareceu a Zacarias enquanto este cumpria seus deveres. Tal situação é propícia à visitação de Deus. Talvez seja a nossa tarefa pequena, e ansiemos por outra, mais importante. Deus cumprirá nosso desejo se nos achar fiéis, se estivermos fazendo com todas as nossas forças aquilo que nos cabe cumprir.

Que bênção teria perdido Zacarias se estivesse ausente do dever! A ausência faz muitas pessoas perderem a bênção. Leia em João 20.19-24 a história do “homem ausente”. Tomé “não estava com eles quando veio Jesus”. Péssimo momento para estar ausente da casa de Deus! Perdeu grande alegria, paz de espírito e o sopro do Espírito Santo.

2. “A tua oração foi ouvida”. Quando crianças, lemos a história Aladim. Era muito afortunado. Achou um anel, esfregou-o, e surgiu um espírito pronto a cumprir-lhe os desejos. Achou uma lâmpada, esfregou-a, e surgiu um espírito, ainda mais poderoso, para dar-lhe tudo que quisesse. Naturalmente, não passa de um conto de fadas, mas sabemos que os contos de fadas têm um aspecto

verdadeiro: são ficções edificadas sobre os desejos mais profundos do homem. A história de Aladim é a expressão do profundo desejo humano de ver cumpridas todas as suas vontades.

Como cristãos recebemos, por assim dizer, algo semelhante ao anel dos desejos: “Se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome”. Temos aqui uma declaração muito direta, e são incontáveis os testemunhos de sua veracidade. No início, a declaração foi aceita pela fé; depois a reconheceram na própria experiência.

No entanto, a promessa não funciona como um passe de mágica, ou seja, não acontece automaticamente, sem respeitar condições. Grande seria a tragédia, se Deus concedesse ao homem tudo quanto este deseja. Mas sejam nossas petições submetidas ao conselho de Deus. Ele sabe o que é melhor para nós. Ignoramos o futuro; só Ele pode saber se o nosso pedido nos será bênção ou maldição.

Outra condição é a sinceridade. Nem sempre somos sinceros em nossa oração. Agimos como o menino que orava: “Senhor, faze-me um bom rapaz - mas ainda não”. Muitos adultos não maduros na fé oram: “Seja feita a tua vontade”, enquanto no fundo do coração, dizem: “Ainda não!”

Seja toda oração proferida “em nome de Jesus”. Estas palavras não são uma fórmula. “Nome” significa poder, autoridade e aprovação. Portanto, quando oramos em nome de Jesus, estabelecemos profunda comunhão com o Filho de Deus, a quem o Pai celestial nada recusa. Naturalmente, ao orarmos desta maneira, é essencial reconhecermos as petições suficientemente importantes para merecer atenção, e que as tais agradam ao coração do Salvador. O jovem que ora, pedindo emprestado o carro do pai para passear, está envolvendo o Filho de Deus num assunto de somenos importância. Se, porém, ao iniciar uma viagem, pedir proteção para continuar a viver para Deus, estará desejando algo compatível aos interesses divinos.

A oração verdadeira recebe resposta, seja qual for a ocasião, maneira e lugar. “Deleita-te no Senhor, e Ele te concederá os desejos do teu coração”.

3. Grande diante do Senhor. Há dois tipos de grandeza: a grandeza diante dos homens e aquela diante do Senhor. Napoleão era um grande homem; seu gênio militar e político mudou o mapa da Europa. Era grande por causa dos seus feitos brilhantes e grandiosos. Porém, não era grande diante de Deus, porque o impulsionava uma ambição implacável que custou milhões de vidas. Sua obra nada fez para elevar-lhe o caráter e mudar-lhe o coração.

Comparemos três estimativas de grandeza humana à grandeza divina.

• A humanidade costuma confundir tamanho ou brilho com grandeza. O tamanho de uma conta bancária, a altura da pessoa, o luxo do lar, a elevada posição política ou social - são maneiras ingênuas de estimar a grandeza. Na África, a grandeza do homem é calculada pelo número de esposas e filhos que possui.

• O bárbaro identifica a grandeza com a força bruta. O índio não pode imaginar elogio maior do que chamar seu honrado hóspede de “Grande Touro”. Muitos daqueles a quem se deu o cognome “O Grande” foram pouco mais que touros de briga, pisoteando seres humanos na louca corrida atrás da fama. Não há um elemento bárbaro de grandeza no culto prestado hoje às competições atléticas? O nocaute é aplaudido freneticamente, e quem o aplica é considerado herói.

• O grego mede a grandeza pelo intelecto. É uma estimativa mais nobre que as anteriores. Mesmo assim, a grandeza intelectual muitas vezes torna-se desagradável por causa do orgulho.

• Em João Batista temos um exemplo do padrão divino de grandeza constituída por firmeza e coragem inabaláveis, total sinceridade, perfeita consagração a Deus e ardente entusiasmo pela justiça. Autenticava-lhe a grandeza o fato de não saber ele que era grande! Era apenas uma voz a clamar no deserto, preparando o caminho para alguém maior que ele. Tinha de diminuir, enquanto seu sucessor crescia. Era como se dissesse ao povo: “Não se preocupem com a minha pessoa; simplesmente obedeçam à minha mensagem”.

Mede-se tal grandeza pelo serviço abnegado, e mesmo o mais humilde pode candidatar-se (Mt 20.25-28). No dia em que se distribuírem os prêmios, a coroa de honra será dada “aos que, com perseverança em fazer o bem, procuram glória, e honra, e incorrupção” (Rm 2.7).

4. A abnegação. Desde o nascimento, João Batista foi consagrado nazireu - uma vida de abnegação e separação. Os nascidos de novo são nazireus espirituais. Consagram-se por meio de votos a uma vida de separação e serviço. Sem dúvida, houve quem levasse a consagração a extremos - como o santo que viveu muitos anos em cima de um pilar, dedicando seu tempo à oração.

Os crentes são atletas espirituais, e nenhum atleta será bem sucedido afastado da disciplina. Treinemos nossas almas, conservando-as fortes e limpas para a corrida da vida. O galardão é duplo: primeiro, a saúde de alma e a paz de espírito que acompanham a abnegação; segundo, a coroa que nos será concedida ao final da carreira (1 Co 9.24-27; 1 Tm 2.5).

5. Cheio do Espírito Santo. Diz-se que a natureza não tolera o vácuo. Isto significa não haver lugar vazio no Universo. É possível produzir um vácuo artificial, expulsando-se o ar contido num receptáculo. Mas, basta a mínima abertura, e o ar corre novamente para dentro.

Também assim a natureza humana. Não existem espaços vazios na alma. À alma que se esvaziou das coisas erradas mas não se encheu de coisas boas, retornam os antigos demônios (Mt 12.43-45). Deus nos esvazia do pecado a fim de encher-nos com Ele mesmo. É seu plano sejamos cheios do Espírito. Sua presença, tomando conta da alma toda, não deixará lugar ao diabo.

Ser cheio do Espírito Santo significa mais que a experiência única de ser nEle batizado: é a vida vivida continuamente sob o controle de Deus.

6. A descrença silencia o louvor. A mudez foi o castigo para a descrença de Zacarias. No sentido espiritual, também é a mudez conseqüência lógica da descrença. "Cri, por isso falei", declarou Paulo (2 Co 4.13). O oposto é também verdadeiro. A descrença nos sela os lábios na hora de declararmos o poder e a bondade de Deus. O coração cheio de fé produz língua eloqüente.

"Tome tempo para ser santo". Talvez não nos seja possível passar tanto tempo no deserto, como João Batista. Mas é a solidão temporária imprescindível ao crescimento espiritual. Não nos podemos tornar espirituais no meio da corrida; precisamos de tempo para ser santos. Alguns dentre nós são extremamente ocupados, exigências sem fim a tomar-lhes o tempo. Ser-lhes-ia aconselhável um pequeno "deserto" onde pudessem ler, meditar e orar.

Jesus e Maria, Sua Mãe

Textos: Lucas 1.26-33; 2.41-51;

João 2.1-4; Marcos 3.31-35;

João 19.25-27

Introdução

O objetivo deste capítulo é estabelecer o caráter e posição de Maria quanto ao seu relacionamento com aquEle que era, ao mesmo tempo, filho e Senhor.

I. Predito o Nascimento de Jesus (Lc 1.26-33)

1. A profecia. "E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3.15). Esta gloriosa promessa brilhou nas trevas em que o pecado lançara nossos primeiros pais. Predisse o conflito entre a raça humana e o poder do mal que lhe causou a queda, e a vitória mediante alguém nascido de mulher. A esperança da salvação era um menino que viria da parte de Deus. Talvez pensasse Eva ser Caim o descendente prometido (Gn 4.1); mas, com grande decepção, descobriu

que aquele que imaginara ser o vencedor da serpente demonstrou ter o espírito do próprio maligno. Nascendo-lhe Sete, porém, renovaram-se-lhe as esperanças; exclamou: "Deus me deu outra semente" (Gn 4.25).

Passaram-se séculos, e, através da boca de Isaías, foi reafirmada a promessa: um filho da casa de Davi, nascido de uma virgem, instauraria o Reino de Deus (Is 7.14; 9.6,7). Doravante, a esperança de libertação vinculava-se ao nascimento de um descendente de Davi; à mulher judia, não poderia haver mais alta esperança que a de ser a mãe do Messias.

2. O cumprimento. Imagine, agora, os sentimentos de Maria, ao ouvir do anjo que tão grande honra lhe caberia: "Salve, agraciada; o Senhor é contigo. Bendita és tu entre as mulheres"! Embora nada possa diminuir a honra devida ao Filho, e que a Ele exclusivamente adoraram os magos quando o acharam com Maria na noite do seu nascimento (Mt 2.11), foi ela grandemente honrada por Deus, sendo escolhida para ser a mãe humana de Jesus; sem dúvida, tinha um caráter exemplar de pureza, humildade e ternura, exemplo da glória e nobreza de ser mãe, digno de ser seguido por todas as outras.

Podemos imaginar as emoções de enlevo e medo misturadas em Maria, ante à extraordinária informação. Enlevo, pela honra de ter sido escolhida, entre milhões de mães judias, para dar à luz o Salvador do mundo; medo, por causa dos mal-entendidos e acusações falsas que pesariam sobre ela, se a gravidez fosse noticiada antes do casamento com José. Curvou-se, no entanto, à vontade do Senhor: "Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra". Maria crê e submete-se à mensagem, disposta a aceitar e enfrentar todas as conseqüências. É esta a verdadeira fé!

II. A Visita ao Templo (Lc 2.41-51)

A primeira visita ao Templo é história bem conhecida. Ao voltar da festa da Páscoa, Maria e José sentiram falta de Jesus. Após busca ansiosa, acharam-no a debater com os rabinos, no Templo. Nesse período, o Templo exercia grande fascínio sobre Jesus, porque a este fora dada, pelo Espírito, a clara visão de sua natureza divina e missão celestial.

1. O espanto de Maria. "E quando o viram, maravilharam-se; e disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu, ansiosos te procurávamos" (v. 48,50). Espanto natural, pois chegara ao humilde lar de Maria um tesouro grande demais o qual ao próprio céu era difícil conter. Não estranhemos, portanto, seu desconhecimento quanto ao valor do filho e ao motivo da ausência, e que lhe desse suave repreensão. É verdade que já recebera revelação quanto à natureza divina de Jesus (Lc 1.32,33), mas, sendo mãe exemplar, era perfeitamente natural que os cuidados maternos predominassem sobre quaisquer considerações. Não importa quão grande e famoso alguém seja, sua mãe sempre o considerará seu "menino". Napoleão era um poderoso ditador, diante de quem nações inteiras tremiam; mas, para a sua mãe, era o mesmo menino levado que ela antes disciplinava com vara!

2. O assombro de Jesus. "E ele lhes respondeu: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?" Há surpresa nas palavras de Jesus, como se dissesse: "A senhora foi informada, mesmo antes do meu nascimento, sobre minha natureza e o que vim fazer neste mundo. Um pouco de reflexão, e saberia que um bom lugar para me procurar seria na casa do meu Pai, já que meu desejo é fazer a vontade dEle".

"E desceu com eles, e foi para Nazaré; e era-lhes sujeito. E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas". Nestas palavras, Lucas deixa-nos entender que a declaração de Jesus do verso 49 não se constituía em repúdio aos deveres de filho humano. Apesar de Filho de Deus, jamais procurou ver-se livre das responsabilidades, obrigações e fardos desta vida. Às revelações, não as tratou a mãe como assunto de conversa, mas guardou-as como preciosos segredos. E, quando veio a entender totalmente seu significado? Ver Atos 1.14.

Nas palavras de Jesus vislumbramos a futura mudança naquele relacionamento. O filho de Maria revelar-se-ia Filho do homem, quando teria de deixar em segundo plano os relacionamentos, a fim de criar uma família espiritual. Tal conceito surge nos dois incidentes seguintes.

III. As Bodas de Caná (Jo 2.1-4)

Ver o respectivo comentário. “E, faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm vinho”. A falta de vinho redundaria em desonra para a família hospedeira. Maria leva o assunto a Jesus, com singeleza. “Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora”. Jesus estava ingressando no ministério público; seu papel de filho de Maria passava a segundo plano. Maria, humildemente, aceitou o inevitável, sabendo que não mais lhe caberia ditar normas na vida do filho. E disse aos servos: “Fazei tudo quanto ele vos disser”. A fé e a obediência seriam doravante a única maneira de se chegar ao coração de Jesus.

IV. Os Temores de Maria (Mc 3.31-35)

A popularidade de Jesus multiplicara-se rapidamente, mas, de outro lado, fora despertada a hostilidade dos escribas, cuja frieza espiritual Ele desmascarava sem hesitação. Não obstante, seu ministério crescia. Tanto o assediavam as multidões que não lhe sobrava tempo para alimentar-se. Os amigos preocupavam-se, pensando que o zelo excessivo lhe perturbara a mente (Mc 3.21).

À Maria, assaltou-lhe a preocupação, quando as autoridades denunciaram o ministério de Jesus como sendo de Satanás (v.22). Procurou, então, fazer com

que Ele se retirasse - pelo menos por um pouco - da vida pública: “Chegaram então seus irmãos e sua mãe; e, estando de fora, mandaram-no chamar”. Maria talvez o imaginasse em perigo entre as multidões, as quais os fariseus facilmente poderiam incitar contra Ele. Ela permitiu a seus filhos mais jovens, irmãos de Jesus, persuadirem-na a intervir na situação.

Ressuscitado o instinto materno, Maria voltou a demonstrar o mesmo espírito que, já por duas vezes, Jesus repreendera ternamente (Lc 2.49; Jo 2.4). Maria e os irmãos de Jesus foram por demais presunçosos em fazer aquela interrupção, apelando ao relacionamento puramente natural, por estreito que fosse. Queriam sobrepor interesses naturais àquEle ocupado em distribuir o Pão da Vida aos espiritualmente famintos. Jesus, então, esclarece que os vínculos familiares são inferiores aos do Reino de Deus: “E ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, olhando em redor para os que estavam assentados junto dele, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Porquanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe”. Verdadeiro parente de Jesus é aquele que é espiritualmente semelhante a Ele. Como Filho do homem, Jesus tinha parentes na carne; como Filho de Deus, porém, não reconhece parente algum, a não ser os filhos de Deus. Indicam tais palavras não serem os laços naturais a maior glória de Maria, mais o seu relacionamento espiritual com Ele. Sua presença no cenáculo (At 1.14) sugere necessidades espirituais idênticas às dos demais seguidores de Cristo.

V. Maria Junto à Cruz (Jo 19.25-27)

Ver o respectivo comentário: “E junto à cruz de Jesus estava sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria de Cleofas, e Maria Madalena. Ora Jesus vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho”. Vendo a mãe aflita, desamparada e confusa, e sentindo-lhe a angústia por contemplá-lo assim, quis o Filho de Deus que João, o discípulo amado, a retirasse da triste cena, e lhe oferecesse um lar onde Jesus era amado.

VI. Ensinamentos Práticos

1. A mensagem de Maria às mães. A mãe do maior de todos os filhos transmite grandes lições às mães modernas:

• Mães que desejam filhos de nobre caráter devem, elas mesmas, possuir um caráter assim. John Quincy Adams, presidente dos Estados Unidos, declarou: "Tudo quanto vim a ser, minha mãe conseguiu fazer de mim". Napoleão disse sobre seu país algo que se aplica a todas as nações: "A maior necessidade da França é de haver boas mães". Caterina Booth, filha do fundador do Exército da Salvação, resolveu que nunca teria um filho que menosprezasse a religião, e não teve mesmo. A primeira e principal oportunidade para moldar o caráter de uma pessoa, tem-na a mãe. É de suma importância que esteja espiritualmente qualificada para tal tarefa!

• Não se estrague a criança pelo abuso de comentários orgulhosos sobre suas capacidades e virtudes. Coisas maravilhosas haviam sido ditas sobre Jesus, e pareceria natural que ela as compartilhasse com as amigas e vizinhas. No entanto, "guardava todas estas palavras, meditando-as no coração". Esta lição aplica-se a muitas mães. Falam tanto sobre as virtudes dos filhos, que os ouvintes se cansam e os próprios filhos estragam-se por convencimento. Como resultado, só os choques dolorosos da vida podem retirar-lhes o orgulho infundido pela irresponsabilidade da mãe. Seja ensinado às crianças de grande talento a modéstia e o hábito de prestar contas a Deus, fonte única de toda boa dádiva.

• Manifestem as mães de filhos talentosos simpática compreensão aos ideais que eles alimentam. Mostram-nos os trechos examinados três incidentes em que Maria parece ter esquecido a divina missão de Jesus que lhe fora revelada. Sabia do terrível destino que o aguardava (Lc 2.34,35), mas talvez o seu intenso amor maternal quisesse desviá-lo do caminho do sofrimento e indicar-lhe um caminho mais fácil. Sem faltar com respeito à mãe, Jesus firmemente a fez lembrar a

prioridade das reivindicações divinas sobre sua vida. A tríplice repreensão de Jesus recomenda às mães simpatia aos ideais dos filhos, mesmo quando não os entendem muito bem. Não sejam as crianças presas com os laços da sua própria voluntariedade.

2. A mensagem de Cristo às crianças. Jesus, mesmo em agonia excruciante ao morrer pelos pecados do mundo, não esqueceu de cumprir o dever simples e prático de cuidar da mãe. Lembra-nos isto que nenhum dever, por importante que seja, justifica a falta de cuidado pelas pessoas que dependem de nós.

3. A família divina é composta de pessoas piedosas. "Qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe". Não nos ensina isto fazer a vontade de Deus independentemente de Jesus, porquanto este revelou: "Sem mim nada podeis fazer". Somente pela união espiritual com Cristo podemos demonstrar sua bondade. O que Ele está nos ensinando é que, se realmente somos seus parentes espirituais, faremos a vontade de Deus, não para nos tornarmos cristãos, mas porque somos cristãos. Tem sido levantada a objeção de que aqueles que pregam a salvação pela fé muitas vezes negligenciam a ênfase à retidão prática. Tal possibilidade foi reconhecida por Tiago: "A fé sem obras é morta". A doutrina correta, as experiências extáticas e as formas externas são todas necessárias; no entanto, são apenas o andaime para a edificação do caráter conforme a vontade de Deus. É mediante o cumprimento da vontade divina, seja em grandes ou pequenos feitos, que os crentes demonstram pertencer à família divina.

O Rei Prometido

Textos: Lucas 1.26-38; Isaías 9.6,7;

Daniel 7.13,14

Introdução

Como recompensa pela sua fidelidade, Davi recebeu a promessa de uma dinastia eterna (2 Sm 7.16). Surgiu, assim, a convicção de que, independente do que acontecesse à nação, surgiria, no tempo determinado por Deus, um rei pertencente à linhagem de Davi. Em tempos de angústia nacional, os profetas lembravam esta promessa ao povo, anunciando a redenção de Israel e das nações pelas mãos de um grande rei procedente da casa de Davi (Jr 30.9; 23.5; Ez 34.23; Is 55.3,4).

Durante o ministério de Isaías, um perigo rondou a casa de Davi. O Reino do Norte (Israel), aliando-se à Síria, preparava-se para invadir Judá e remover o seu rei (Is 7.6). Como garantia de que o trono de Davi permaneceria em segurança, o Senhor promete ao rei um menino nascido de uma virgem (Is 7.14), que asseguraria a presença de Deus junto ao seu povo. Não seria um menino comum, pois receberia nomes divinos: “Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9.6,7).

Judá foi levado ao cativeiro, e de lá voltou sem rei, para ser sucessivamente sujeitado à Pérsia, Grécia, Egito, Síria e, após breve período de independência, a Roma. Enquanto amargava a sujeição aos gentios, o povo pensava nas glórias passadas do reino de Davi e clamava: “Senhor, onde estão as tuas antigas benignidades, que juraste a Davi pela tua verdade?” (Sl 89.49). Porém, jamais perderam a esperança. Reunidos ao redor do fogo da profecia, aqueciam seus corações, e aguardavam com paciência a vinda do Filho de Davi. Não foram decepcionados. Séculos depois, quando a casa de Davi não mais reinava, um anjo aparece a uma jovem judia, anunciando o nascimento do Rei, o qual seria chamado pelos nomes profetizados por Isaías (Is 9.6,7).

O Rei cresceu. Mas, vindo para os seus, estes não o receberam. Dia haverá, porém, em que Ele virá em glória (Dn 7.13,14), e “depois tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao Senhor seu Deus, e a Davi, seu rei” (Os 3.5). E proclamar-se-á: “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” (Ap 11.15).

I. A Saudação do Anjo (Lc 1.26-28)

Seis meses se haviam passado desde que o anjo Gabriel anunciara o nascimento do precursor do Messias. Agora, traz as novas àquela que será a mãe do próprio Salvador. Era imprescindível fosse Ele da casa de Davi, conforme as antigas profecias. A linhagem real parecia extinta, mas Deus não a perdera de vista. Em Nazaré, cidade quase desconhecida, vivia José, carpinteiro, noivo de uma jovem humilde chamada Maria. Eram os sobreviventes daquela casa antes tão graciosa.

Isaías havia predito que a casa de Davi seria cortada como uma árvore, até restar apenas o toco. Mesmo assim, um broto subiria daquele pedaço de tronco. Das suas raízes surgiria um Renovo - O Rei Messias (Is 11.1). Quando a casa de Davi encontrava-se reduzida ao seu nível mais baixo, cujos herdeiros vivos eram um

carpinteiro e uma jovem humilde, então, por miraculosa intervenção divina, o Renovo brotou e cresceu até ser árvore poderosa, servindo, ainda hoje, de abrigo às almas cansadas.

“E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo”. Durante séculos, a mais alta ambição das mulheres judias fora ser mãe do Rei e Libertador de Israel. Agora, a singela moça de Nazaré descobre-se agraciada com esta honra sem igual. Foi, de fato, favorecida acima das outras mulheres.

Certos setores da Igreja tanta honra dão a Maria, que a imagem do Filho é eclipsada. Tal posicionamento tem levado os mais supersticiosos a adorarem-na, como se fora deusa. Lemos, porém, que os Reis Magos, “prostrando-se, o adoraram” (Mt 2.11). Não adoravam à mãe, mas ao Filho! Aos que hoje a adoram, Ela certamente aconselharia: “Não dirijam a mim seus louvores. Não os quero. Basta-me seja o meu Filho honrado. NEle vivo eu, e na sua honra me alegro”.

Evitemos, no entanto, o outro extremo: deixar de honrar a Maria. Afinal, foi ela escolhida para ser a mãe do Filho de Deus, escolha esta certamente baseada num caráter de especial dignidade. Sua pureza, humildade e ternura são exemplo a todas as mães. Será ela perpétua lembrança da glória e nobreza da maternidade.

II. A Proclamação Celestial (Lc 1.31-33)

Maria foi altamente favorecida, não pelo que ela era, mas por causa do que seu Filho viria a ser. Quem seria Ele?

1. O Salvador. Seu nome seria Jesus, "a salvação do Senhor", ou "o Senhor salva" (Mt 1.21). O Antigo Testamento ensina ser Deus a fonte da salvação; Ele é o Salvador e Libertador de Israel. O seu povo o conheceu como Salvador quando Ele libertou Israel da escravidão no Egito (Sl 106.21; Is 43.3,11; 45.15,21; Jr 14.8). Deus, no entanto, opera através de agentes. A Israel, salvou-o através do misterioso "anjo da sua presença" (Is 63.9). Às vezes agentes humanos eram empregados. Moisés foi enviado a libertar Israel da escravidão do Egito; de tempos em tempos, juízes eram levantados por Ele para socorrerem às tribos oprimidas. "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de que recebermos a adoção de filhos" (Gl 4.4,5). Não era necessário, aos primeiros pregadores, explicar o significado da palavra "Salvador". Os judeus o haviam aprendido por sua própria história (At 3.36; 13.23). Assim entendiam a mensagem do Evangelho: da mesma forma como Deus enviara Moisés a libertar Israel do cativeiro, enviou também o seu Filho, Jesus, a libertar o seu povo dos seus pecados. Entendiam, mas nem todos acreditavam.

Mesmo antes de morrer, Jesus era Salvador, no sentido de perdoar pecados e curar enfermos. Na cruz, tornou-se Salvador do mundo, e vive eternamente para salvar a todos que nEle crêem.

2. "Será grande". Que Ele é grande, sabem-no milhões de cristãos. Até os descrentes reconhecem não haver surgido ninguém maior entre os filhos dos homens. Alguns rabinos, libertando-se de antigas tradições, declaram ter sido ele o maior ensinador e profeta que Israel conheceu. As palavras de Gabriel cumpriram-se literalmente.

3. Filho de Deus. "E será chamado Filho do Altíssimo". Na linguagem bíblica, "filho de" significa quem participa da natureza de algo ou alguém. O "Filho do Altíssimo" participa da natureza de Deus. É verdadeiramente divino.

4. Rei de Israel. "E o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará

eternamente na casa de Jacó" (ver Sl 132.11). Da casa de Davi nasceria o Rei divino de Israel e das nações. Apresentava-se Jesus como Rei de Israel (Mt 21.9), mas seu povo o rejeitava (Jo 19.15). Mesmo assim, subiu ao céu para receber um reino e depois voltar (Lc 19.12-15). Voltará a Israel e ao mundo, depois de haver sido o seu povo purificado por muitas aflições. Então Israel o receberá como "Davi seu Rei", ou seja, como legítimo rei da casa de Davi (Jr 30.7-9).

III. A Resposta de Maria (Lc 1.29,30; 34-38)

Notemos as reações de Maria à mensagem do anjo.

1. Temor. "E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta". A visão do anjo era algo maravilhoso, e a saudação, estranha. Maria ficou perplexa. Mesmo assim, conservou silêncio; preferia calar-se a falar impensadamente sobre o que não entendia.

2. A pergunta. "Como será isto, visto que não conheço varão?" Estas palavras não expressam dúvida. Maria apenas não entende a maneira como se cumprirá a profecia. O anjo responde: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o santo que de ti há de nascer será chamado Filho de Deus". Jesus relacionava-se com o Espírito Santo desde o primeiro momento de sua existência humana. O Espírito Santo veio sobre Maria, e o que dela nasceu tinha o direito de ser chamado santo. Através do nascimento virginal, o Filho de Deus tomou sobre si natureza humana. A união das naturezas divina e humana resultou numa Pessoa, Jesus Cristo (Jo 1.14). Nota-se o efeito da operação divina no nascimento de Jesus pelo fato de ser Ele isento de pecado, pela inteira consagração e consciência ininterrupta de que era Deus o seu Pai. Rompera-se, finalmente, o poder do pecado, e aquEle nascido de uma virgem , embora homem, foi santo e Filho de Deus. O segundo Homem veio do céu (1 Co 15.47). Sua vida vinha de cima (Jo

8.23), seu decurso era uma vitória sobre o pecado, e o resultado, a vivificação da raça humana (1 Co 15.45). AquEle que não tinha pecado e ainda podia salvar a outros, só poderia ter nascido do Espírito Santo.

3. Fé (v.36). O anjo, intentando encorajar-lhe a fé, contou a Maria como Deus exercera seu poder no caso de Isabel: "Porque para Deus nada é impossível" (Gn 18.14).

"Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra". Ao assentimento da mente segue-se o consentimento da vontade. Maria crê na mensagem do Senhor, entrega-se a ela, disposta a aceitar suas exigências. Sua submissão foi um exemplo de santa coragem. Sabia que por um tempo seria objeto de suspeita para José e outras pessoas. Sua reputação estava em jogo. Curvou-se, no entanto, à vontade de Deus. Fé significa ousar, crer em Deus e confiar nEle, aconteça o que acontecer.

IV. Ensinamentos Práticos

1. O Cristo do Natal. Predizendo a libertação de Israel e das nações, o profeta, inspirado, proclamou: "Porque um menino nos nasceu". Depois, identificou a criança com cinco nomes gloriosos: "Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz".

"Maravilhoso" pode ser traduzido como "o milagre". A vida e personalidade de Cristo são um milagre do começo ao fim. Entrou no mundo por um milagre, e de modo milagroso o deixou. Perguntaram a Daniel Webster se ele entendia Cristo. Respondeu que não, e acrescentou que, se o entendesse, não poderia crer nEle como poder de Deus. Tinha razão. Um Cristo cuja natureza fosse compreensível ao raciocínio do homem seria um Cristo humano. E um Cristo humano não seria um Salvador. No Natal, comemoramos um mistério, aquele mediante o qual o

Filho de Deus se torna homem - a Divindade reveste-se de humanidade, o Criador aparece como criatura.

Como tirar o melhor proveito de nossa vida curta? Escutemos aquEle que disse: “Eu sou a luz do mundo”, aquEle que lança luz sobre os grandes problemas da vida e de quem foi dito: “Tu tens as palavras da vida eterna”. Sua é a palavra que pode guiar-nos em todas as experiências - tristezas, decepções, perdas, lutos, esgotamento. Nenhum problema é por demais complexo para esse Conselheiro divino.

Nasceu-nos não meramente um ensinador, líder, pregador ou operador de milagres, mas um Salvador. Revela-nos João: “O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. Ele não somente é o Filho de Deus, mas também Deus, o Filho. Precisava ser Deus para oferecer substituição ao peso opressor do pecado, bem como para dar-nos uma esperança mais forte que o poder humano e mais veraz que a verdade mortal. Somente um Salvador divino - um Deus Forte pode oferecer resgate à alma humana (Sl 49.7-9; Mt 20.28).

Nos dias do Antigo Testamento, descrevia-se o soberano que governava com sabedoria como um “pai” para o seu povo (Is 22.21,22). Assim era “pai Davi” (Mc 11.10), o maior rei de Israel. No entanto, Davi era humano, e morreu. Seu reino dividiu-se. Seu descendente, porém, haveria de ser divino, e reinaria para sempre. Davi foi um pai temporário para o seu povo. O Messias será um pai eterno, conforme anunciou o anjo: “O seu reinado não terá fim”. Como ansiamos pelo tempo em que o Reino e o cuidado do Pai da Eternidade prevalecerão por toda a terra! (Sl 71). “Ora, vem, Senhor Jesus!”

“E paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem”. Cristo é o Príncipe da Paz porque promove a paz entre os homens, e entre o homem e Deus. Paz trará às nações na sua segunda vinda. Quando perguntaram ao antigo Príncipe de Gales o que pensava da civilização, ele respondeu: “É uma boa idéia, vamos começá-la!” Quando chegar o Príncipe da Paz, a civilização será uma realidade,

não apenas este tênue véu a cobrir o egoísmo e brutalidade do homem (Is 2.1-4; 11.1-9).

2. “Será grande”. A vida terrena de Cristo parecia desmentir esta profecia. Veio ao mundo como criança indefesa. Cresceu num lar pobre, necessitando trabalhar como carpinteiro. Tão pobre era que não tinha onde descansar a cabeça. Finalmente, foi rejeitado pelos de sua religião e caluniado pelos líderes religiosos; foi abandonado pelo povo, e sepultado em túmulo alheio. AquEle chamado “Filho do Altíssimo” sofreu a morte reservada aos mais vis entre os homens.

A profecia do anjo tem-se cumprido, não obstante. Mesmo não-cristãos prestam tributo à sua grandeza. Einstein, famoso cientista judeu, afirmou: “Sou judeu, mas encanta-me a figura luminosa do Nazareno”. Strauss, crítico destrutivo da Bíblia, descreveu Jesus como “o mais alto objeto imaginável da religião, o ser sem cuja presença a piedade perfeita é impossível”. Renan, o cético francês, declarou: “Jesus é, em todos os aspectos, único; nada pode comparar-se a Ele... Mil vezes mais vivo, mil vezes mais amado desde a tua morte do que nos teus dias na terra, tornar-te-ás pedra angular da humanidade, sendo que retirar o teu nome do mundo seria sacudi-lo até os alicerces. Já não se fará mais distinção entre ti e Deus”. O historiador Lecky escreveu: “O simples registro dos três curtos anos da vida ativa de Cristo fez mais para enternecer e regenerar a raça humana que todas as discussões filosóficas e exortações moralistas”. Comentou o rabino Salomão Freehof: “Através de Jesus, a consciência de Deus chegou a milhões de homens e mulheres. O tempo não fez desbotar seu retrato vívido. A poesia ainda canta os seus louvores. Ele é ainda o companheiro vivo de vidas incontáveis. Nenhum muçulmano canta: ‘Maomé, que ama a minha alma’, e nenhum judeu diz a Moisés: ‘Cada momento preciso de ti’”.

Se tais louvores partem daqueles que não o reconhecem como Senhor e Salvador, quanto mais deve ser “glorificado nos seus santos e... admirável... em todos os que creem” (2 Ts 1.10).

3. A santa curiosidade. Sobre a pergunta de Maria, no verso 34, Spurgeon comenta: "Devemos inquirir sobre muitas coisas, devemos ter uma santa curiosidade. Devemos perguntar: 'Como Ele nos escolheu?' Porque o nosso Senhor responde: 'Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado'. Mas ainda, por que eu? Por que eu? Pode fazer esta pergunta. A santa gratidão a exige. E como nos redimiu com o sangue do seu Filho Unigênito? Como Ele nos renova? Como nos aperfeiçoará? Como teremos uma mansão no céu e seremos semelhantes ao nosso Senhor? E como seremos ressuscitados? Podemos fazer muitas perguntas que, se não feitas em descrença, receberão uma resposta, ou servirão para aumentar-nos a gratidão reverente".

O Cântico de Maria

Texto: Lucas 1.26-56

Introdução

A nota central da canção de Maria é a satisfação pela vinda de um libertador para consolar os arrependidos, satisfazer os famintos de coração e corrigir as injustiças da terra.

Olhando para os mais de dezenove séculos de história da igreja, muitas coisas há pelas quais podemos sentir-nos gratos, apesar do fracasso de muitos eclesiásticos. A Igreja é o Corpo de Cristo. Algumas células podem perecer. O próprio Corpo enfraquece quando os membros não oram, e sofre se atacado pelos inimigos do Evangelho. Mesmo assim, a Igreja tem sobrevivido, por causa da sua divina alma - o Espírito Santo que nela habita. Enquanto conosco, o Espírito é para nós motivo de júbilo. Regozijamo-nos, qual Maria, porque Cristo nasceu em nós. Oremos para que possa Ele nascer nos corações de muitos.

I. A Alegria de Maria (Lc 1.46-48)

1.Fervorosa adoração. “A minha alma engrandece ao Senhor”. Estas palavras expressam o louvor espontâneo e extático dos que experimentam a bondade de Deus. As palavras “minha alma” distinguem os sentimentos de Maria da mera admiração superficial. A bondade de Deus tocou-a no mais profundo do ser. “Engrandecer” é glorificar ou anunciar a grandeza de Deus. Evidentemente, nada podemos acrescentar à dignidade ou poder de Deus, mas é possível engrandecê-lo em nosso íntimo, dando-lhe maior lugar em nossa mente e sentimentos, e anunciando alegremente sua bondade e grandeza. Em Números 13.26-14.10 temos exemplo de algumas pessoas que engrandeceram ao Senhor, e de outras, que valorizaram as dificuldades.

2. Alegria abundante. “E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador” (Lc 10.21). Não cabe aqui extensa dissertação sobre alma e espírito. Mas diga-se que ambas as palavras descrevem a parte invisível do ser humano em contraste ao corpo. Talvez possamos assim defini-los: a alma é a parte que opera através do corpo; o espírito é a parte mais profunda, que mantém comunhão com Deus. A exclamação de Maria testifica que todo o seu ser, suas emoções, aspirações e desejos saltitavam em adoração a Deus por sua bondade.

Regozijava-se ela em Deus, seu Salvador. Ao libertar o seu povo do Egito, deu-lhe o Senhor revelação de si mesmo. A partir de então, os israelitas sabiam ser Ele seu Salvador e Libertador (Sl 106.21; Is 63.8; 12.2; 43.3,11). Mais tarde, é revelado o plano de Deus: libertar o seu povo através do Messias. A “bendita esperança” de Israel, agora, era a salvação por meio do Rei ungido pelo Senhor. Maria experimenta a alegria ímpar de saber que dará à luz àquEle cujo nome será “Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mt 1.21).

É a salvação a mais profunda das alegrias - conhecer o poder libertador de Deus (Sl 40.1-3; 51.12).

3. Alegre surpresa. “Porque atentou na baixeza de sua serva; pois eis que desde todas as gerações me chamarão bem-aventurada”. O contemplar de Deus, nas

Escrituras, é sinônimo de misericórdia (Lc 9.38). "Humildade" descreve a posição pouco destacada de Maria no mundo. Ela não entendia por que uma jovem pobre de uma vila obscura fora objeto do favor divino. "Todas as gerações me chamarão bem-aventurada". Por iluminação profética, prevê que o favor sem igual a ela concedido trará benefícios a todas as eras. E todos a terão por privilegiada.

A humildade de Maria destaca-se nas suas atitudes, servindo-nos de lição. Almas nobres não se entusiasmam com a fama e nem com a prosperidade, pois estas as levariam a perder de vista o Deus a quem tudo devem.

II. O Deus de Maria (vv. 49-55)

Maria, uma verdadeira israelita, sabe ter sido favorecida, não por causa dos seus próprios méritos, mas pelo amor de Deus ao seu povo, amor este que se estende a todas as nações. O elemento pessoal desaparece, e Maria engrandece o caráter de Deus, destacando-lhe alguns atributos:

1. Santidade. "Porque me fez grandes coisas o Poderoso; e santo é o seu nome". Nas Escrituras, cada nome de Deus representa algo do seu caráter - o modo como Ele é conhecido ou revelado a nós. Deus é santo porque separado e muito acima de tudo que é humano e terreno - imperfeito. Neste atributo incluem-se a beleza e a perfeição da natureza divina. Ao descrever o brilho ofuscante daquEle que se assenta no trono celestial, os serafins cantam: "Santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos" (Is 6.3; Ap 4.8).

As palavras de Maria neste versículo podem ser assim traduzidas: "O que me foi feito revela o poder de Deus, um ato possível somente àquEle que é divino".

2. Misericórdia. “E a sua misericórdia é de geração em geração sobre os que o temem”. Entre os tementes a Deus incluem-se Zacarias e Isabel, porém Maria se refere a todos os que formavam o Israel espiritual. As palavras “de geração em geração” mostram que Deus é imutável - o mesmo ontem, hoje e para sempre. A palavra “temor” indica a reverência que devem as crianças ao pai, os servos ao seu senhor e os súditos ao rei. A reverência leva-nos a obedecer os mandamentos de Deus e a fazer sua vontade. Difere este temor do respeito fingido comum às relações hierárquicas.

3. Poder. “Com o seu braço obrou valorosamente; dissipou os soberbos no pensamento de seus corações. Depôs dos tronos os poderosos, e elevou os humildes” (vv. 51,52). A misericórdia mostrada aos humildes contrasta-se à severidade com que Deus punirá a arrogância dos poderosos. No estilo comum aos pronunciamentos proféticos, Maria fala de eventos futuros no tempo passado, porque tem certeza do que Deus fará. A escolha de pessoas humildes (tais quais Maria e Isabel) é sinal de que Deus já rejeitou os orgulhosos - princípio que estará presente no estabelecimento do Reino de Deus. Esta profecia cumpriu-se no ministério de Jesus: ele escolheu humildes pescadores, entre outros, para serem os futuros líderes do seu Reino enquanto os orgulhosos fariseus, escribas e saduceus eram rejeitados e denunciados. “Bem-aventurados os pobres [humildes] de espírito, porque deles é o reino dos céus”, disse Ele (Mt 5.3).

Há dois tipos de transtornos: o errado, mediante o qual as coisas certas são reviradas; o certo, mediante o qual as coisas são viradas até ficar nos seus lugares certos. Maria, em seu hino de louvor, exulta em Deus, criador do transtorno correto - o que conduz a uma situação ideal. Tinha ela bons motivos para jubilar, pois, como leal israelita e mulher de coração terno, certamente comovia-se pelas tristezas e injustiças do mundo. Vivia numa época em que o poder muitas vezes significava injustiça, e as riquezas, luxo e sensualidade. Muito provavelmente ela já sofrera a cruel cobiça do cobrador de impostos. E, olhando o poderio dos dominadores romanos, por certo a entristecia saber que toda aquela grandeza e opulência fora edificada às custas dos pobres e indefesos.

A indignação contra a injustiça era, com certeza, característica do Filho de Deus. Ao pecador arrependido, por mais horríveis que tenham sido seus pecados, tratava com ternura. Porém, aos negociantes que profanavam o templo e "santos" que faziam longas orações nas esquinas e depois consumiam as casas das viúvas, reservava os "ais", enquanto relâmpagos chispavam de seu olhar. Os que têm o Espírito de Cristo, semelhantemente, sentem ardente indignação contra as injustiças e a opressão. Conta-se que F. W. Robertson, grande pregador inglês, era terno e longânimo com os fracos e arrependidos; a falsidade, a hipocrisia e a exploração dos fortes sobre os fracos comoviam-no até às profundezas do seu ser. Um amigo escreveu: "Já o vi rilhar os dentes e cerrar os punhos ao passar por um homem que ele sabia estar planejando a ruína de uma moça inocente". Ele mesmo, depois de descrever as opressões sofridas por mulheres, revelou: "Meu sangue corria como fogo líquido". Que Paulo, o apóstolo, sentia intensamente os sofrimentos dos fracos, revelam-nos suas palavras: "Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu me não abrase?" (2 Co 11.29).

Há três tipos de revolução expressos na canção de Maria:

3.1. Revolução intelectual. "Dissipou os soberbos no pensamento de seus corações". A sabedoria humana já não ocuparia lugar de autoridade espiritual. Os filósofos e rabinos já não ensinariam o povo, mas trabalhadores e pescadores iletrados ensinariam àqueles as verdades acerca de Deus. "Ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos", exclamou Jesus referindo-se à cegueira dos que se arvoravam como líderes espirituais do povo.

O orgulho está por trás de todo grande erro. Constitui-se na adoração do próprio-eu, que leva o homem a colocar-se à parte de Deus e da bondade, e assim, a desprezar e maltratar os semelhantes. A exagerada valorização do próprio-eu produz o andar soberbo e a arrogância, sendo completamente oposto ao Espírito de Deus e muito semelhante ao espírito de Satanás. Deus reage a tal atitude. Certo fazendeiro tinha tantos cavalos, que disse: "Nunca me faltarão cavalos,

mesmo que Deus não queira que eu os possua". Pouco depois, uma epidemia destruiu todos eles. "Pode humilhar aos que andam na soberba" (Dn 4.37).

3.2. Uma revolução política. Na segunda vinda de Cristo, cumprir-se-ão as palavras: "Depôs dos tronos os poderosos e elevou os humildes" (Mt 5.5; Lc 12.32; Ap 2.26,27; 11.15; 20.4).

3.3. Uma reviravolta econômica. "Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos" (Sl 72; Lc 6.20,21; Tg 5.1-8).

4. Graça. "Encheu de bens os famintos, e despediu vazios os ricos". Os "famintos" representam as pessoas que, a exemplo de José e Maria, mal ganham para sobreviver. Os "ricos" representam os que, na abundância, se esquecem da sua dependência de Deus e da responsabilidade para com os necessitados. Não significam estas palavras que alguém será salvo por ser pobre, ou condenado por ser rico. Indigentes há que são inimigos de Deus, e ricos que amam ao Senhor. "Ricos" e "pobres" são símbolos espirituais. As pessoas que têm riquezas tendem a tornar-se pessoas orgulhosas, auto-suficientes e independentes. Por isso a palavra "rico" é muitas vezes empregada figurativamente para representar o orgulho. Já os pobres tendem a tornar-se pessoas humildes, dependentes e cônscias de suas necessidades. A palavra "pobre", então, é usada para descrever os humildes. Era o povo comum que escutava de bom grado a pregação de Jesus, enquanto as classes privilegiadas o rejeitavam. "E despediu vazios os ricos". Por quê? Porque estavam por demais cheios de si! Ver Mateus 19.22.

Os fisicamente famintos tipificam os que têm fome espiritual, assim como os ricos tipificam os que sentem complacência em sua própria retidão. Aos primeiros, assim referiu-se Jesus: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos". O bom apetite é uma bênção; é a marca de uma vida sadia e normal, o caminho para o crescimento e fonte de prazer físico. A perda de apetite é um alerta da natureza.

Semelhantemente, fome espiritual indica saúde espiritual. E, o que é fome espiritual? É a insatisfação com o quanto já galgamos, o anseio por algo superior nas esferas moral e espiritual. Tão forte é este desejo quanto o de um faminto por comida. Muitos anseios jamais serão satisfeitos. Cristo, porém, assegura que o desejo por mais justiça e bondade será satisfeito (Pv 2.3-5; Is 55.1; Lc 11.13).

Se desejamos a plenitude do Espírito Santo, antes de orarmos: “Senhor, enche-me!”, peçamos: “Senhor, esvazia-me!”

5. Fidelidade. “Auxiliou a Israel, seu servo, recordando-se da sua misericórdia (como falou a nossos pais) para com Abraão e de sua posteridade, para sempre”. O nascimento do Messias era o cumprimento da promessa de misericórdia e libertação a Israel. Em essência, Deus prometera a Abraão que, através de uma nação, seriam abençoadas todas as famílias da terra (Gn 12.1-3). Ver Atos 3.25,26. Outras passagens bíblicas ensinam que, por causa desta promessa, Deus preservava Israel, apesar da infidelidade deste (Jr 33.19-26; Mq 7.20). Ao enviar seu Filho ao mundo, Deus estava provando lealdade às suas promessas (Rm 15.8).

Deus enviou Cristo a primeira vez, conforme prometera. Seria menos fiel em sua promessa de enviá-lo segunda vez?

Adorando o Menino Recém-nascido

Texto: Lc 2.1-14

Introdução

Cristo veio “na plenitude do tempo” (Gl 4.4), justamente quando o mundo mais ansiava por um Salvador. Entre os judeus, as esperanças despertadas pelas profecias messiânicas tornara-se chama ardente. E os pagãos cansados da vida ansiavam por luz para a mente e pureza para o coração. Mas estava marcada no relógio da eternidade a hora do nascimento daquEle que seria “luz para revelação aos gentios, e para glória do teu povo Israel”.

O mundo, hoje, precisa tanto dEle quanto naquele tempo. O caos em que nos encontramos mostra que o homem perdeu o seu caminho. Cristo poderia mostrar o caminho, mas pouco lugar lhe é dado nas conferências internacionais.

I. Um Grande Evento (Lc 2.1-7)

A profecia declarava que o Messias nasceria em Belém. E Deus, sempre no

controle da História, empregou o mecanismo do Império Romano para cumprir sua palavra: decretou-se um censo no império (o mundo de então), para fins de impostos. Recentemente, foi descoberto um antigo documento no Egito, que nos dá as palavras exatas do decreto:

“Estando perto o censo por família, é necessário notificar todos os que por qualquer motivo estão fora de casa, que voltem aos seus lares, para cumprirem as regras costumeiras do censo e continuarem firmemente cuidando da propriedade que lhes pertence”.

Declarava também a profecia que o Messias seria um descendente de Davi, e, por divina providência, sobreviveu a família de Davi. O herdeiro do trono era um humilde carpinteiro chamado José, direito que passou a Jesus. Sendo da família de Davi, o censo os levou a Belém, cidade de seu ancestral. Aqui nasceu Jesus, filho de Davi.

O mundo tinha pouca idéia daquilo que Deus estava fazendo. Não houve procissão, nem sonido de trombetas, nem apoteótica recepção: a glória de Israel e luz dos gentios nasceu numa manjedoura.

II. Grande Alegria (Lc 2.8-12)

Não apareceram os anjos a orgulhosos fariseus, nem a saduceus mundanos, nem a formais escribas, mas a humildes pastores. Os pastores freqüentemente aparecem na Bíblia. Moisés e Davi receberam sua vocação enquanto cuidavam de ovelhas. Uma das mais belas descrições de Deus é a de Pastor (Sl 23). O Salvador do mundo é comparado ao bom pastor que deixa noventa e nove ovelhas no curral para procurar uma que se perdeu. Portanto, nada mais apropriado fosse o anúncio do nascimento do Cordeiro de Deus feito a pastores.

Mas, por que a estes pastores especificamente? Sem dúvida, havia virtude de caráter nestes homens, porque, na Bíblia, visões e revelações usualmente são concedidas a pessoas preparadas. Certamente eram homens tementes a Deus. O anjo encontrou-os ocupados. Deus manifesta-se às pessoas que diligentemente cumprem os seus deveres.

1. A confiança outorgada. "Não temais". O anjo tranqüilizou os pastores a fim de que pudessem escutar com calma a mensagem. O homem enche-se de terror diante do sobrenatural - medo às vezes inspirado pelo sentimento de culpa. Cristo, porém, veio libertar-nos de nossos medos. O medo escondido no fundo do ser é removido na Encarnação. O sorriso de Jesus dissipava os temores dos homens, fazendo-os desaparecer em risos. Era sua exortação comum: "Não temais". Ele veio ao mundo dissipar o abatimento, o desânimo, o pessimismo e o terror. Ainda hoje, fala à alma perturbada: "Não tema".

2. A explicação. "Eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo". É bom exortar pessoas a não terem medo; melhor ainda é dar-lhes razão para não temer. Os pastores não deviam temer, porque a mensagem do anjo não era aterrador juízo, mas boas novas - literalmente "evangelho" - de Deus.

Ameaças de juízo são necessárias aos que não se arrependem; mas lembremos ser o Evangelho acima de tudo boas novas - o perdão gratuito oferecido por Deus. Estas boas novas trazem "grande alegria" a todos os povos. É lastimável a idéia de que o Evangelho torna as pessoas tristes e sombrias. Cristo veio ao mundo para trazer a alegria de viver - a vida abundante.

3. A declaração. "Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor". Salvador, Messias e Senhor são os nomes dados ÀquEle tão esperado por Israel.

3.1. Salvador. Judeus esclarecidos esperavam fizesse o Messias dupla libertação: uma espiritual, com o perdão dos pecados (Ez 36.25-29), e outra política, com a restauração nacional (Ez 27.22-28). Esta esperança vinculava-se ao Menino nascido da casa de Davi (Is 9.6,7), e cumpriu-se quando o anjo anunciou a José: "E dará à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles" (Mt 1.21). "Jesus" quer dizer "salvação".

3.2. Cristo (ou Messias). Cristo é o Ungido de Deus: Profeta para iluminar o povo, Sacerdote para purificá-lo e Rei para governá-lo. As esperanças de libertação do pecado, sofrimento e opressão reúnem-se em torno da palavra "Messias".

3.3. Senhor. Esta palavra descreve o Menino recém-nascido como aquEle diante de quem se curvará todo joelho, e toda língua confessará Senhor (Fp 2.9-11). Chamá-lo Senhor é atribuir-lhe divindade (1 Co 12.3; cf. Mt 16.16,17).

4. O sinal. "E isto vos será por sinal: achareis o menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura". A cena incomum de um recém-nascido deitado numa manjedoura confirmaria a mensagem do anjo. Tal lugar era impressionante contraste à declarada glória do Menino.

III. Grande Paz (Lc 2.13,14)

"E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus, e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens". Quadros há que representam os anjos flutuando, mas é possível que tivessem formado fileiras em torno dos pastores

para cantar.

Era natural fosse o advento de Cristo acompanhado por anjos. Estes seres celestiais interessam-se pela história e bem-estar da raça humana. Eles inquirem com celestial curiosidade acerca do relacionamento entre Deus e o homem (1 Pe 1.12), admiram a sabedoria com que Ele o trata (Ef 3.10), regozijam-se quando as pessoas se arrependem (Lc 15.10) e ministram a elas em suas necessidades (Hb 1.14). Assim como cantavam e se regozijavam na criação do mundo (Jó 38.7), regozijam-se agora com a esperança da redenção.

"Glória a Deus nas alturas, paz na terra". As hostes celestiais louvam a Deus pelo maravilhoso amor dedicado à humanidade, e proclamam os resultados do advento de Cristo:

1.Glória a Deus. Cristo glorificará a Deus no grau máximo ao dar ao mundo a grande manifestação da sua natureza (Jo 1.1,14; 2 Co 4.6).

2. Paz na terra. Centenas de anos antes, o profeta anunciara o título de "Príncipe de Paz" àquEle que haveria de ser o Salvador do mundo. Cristo veio estabelecer a paz entre o homem e Deus, entre homem e homem, e do homem consigo mesmo. Assim, restaurou os relacionamentos estragados pelo pecado (Ef 2.14).

IV. Ensinamentos Práticos

1."Não havia lugar... na estalagem". Este fato prefigurava a atitude de Israel: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam". Assim também as nações, hoje. Não tem havido lugar para Ele na movimentada hospedaria das relações

internacionais, da indústria e outros círculos deste mundo ocupado consigo mesmo.

Há também uma aplicação pessoal. Nossas vidas, sobrecarregada pelos afazeres, empobrecerão se não deixarmos lugar para Ele.

2. Almas singelas. "Havia naquela mesma comarca pastores". Povo simples! Consideremos sua humildade - nenhum sentimento de orgulho a brotar do grande privilégio. Contemplemos sua singela coragem - foram direto a Belém prestar homenagem ao Menino. Notemos-lhe a singela alegria ao encontrarem o Menino.

São eles exemplo vivo da necessidade de nos tornarmos como crianças para entrar no Reino (Mt 18.3). Huxley, grande cientista do passado, disse ser esta a melhor atitude para a descoberta das verdades espirituais. A auto-suficiência, o egoísmo e o orgulho mirram a alma. A verdadeira grandeza só existe nas almas singelas.

3. "Vos nasceu hoje o Salvador". Não será um sistema político ou econômico que consertará o mundo. Israel recebeu de Deus um código perfeito de leis, mas o sistema fracassou pela maldade da natureza humana. Por esta razão a Nova Aliança promete mudar o coração do homem, para que este possa guardar os mandamentos de Deus (Jr 31.31-34).

As melhores leis podem ser violadas, evitadas ou aplicadas de modo interesseiro. Ao coração purificado do pecado e do egoísmo, poucas leis são necessárias. O Messias veio introduzir o Reino de Deus, ou seja, fazer com que os homens se submetam às leis divinas. Assim faz ao perdoar pecados e transformar corações. Regeneração, e não legislação: esta a maior necessidade do mundo.

4. “Príncipe da Paz”. Muitas vezes, o Natal é celebrado enquanto nações estão em guerra. E as pessoas perguntam, perplexas ou com ironia: “Onde está o Natal?” Em tais circunstâncias, “paz na terra” parece zombaria.

No entanto, a prometida paz não seria entregue como se fora uma mercadoria. Tal promessa segue-se à submissão à liderança de Cristo. De fato, Ele predisse que entre algumas pessoas sua vinda teria o efeito oposto (Mt 10.34,35). Previu que a própria recusa à paz produziria conflitos.

Contudo, neste mundo confuso, onde guerras irrompem a cada momento, os filhos de Deus têm paz no coração. Cumprem-se neles as palavras do coro angelical.

Na sua segunda vinda, o Senhor travará a guerra que terminará com todas as guerras. A paz, então, cobrirá a terra como as águas cobrem o mar (Is 2.1-4; 11.1-9; Ap 19).

Simeão e Ana

Texto: Lucas 2.25-38

Introdução

Os dois primeiros capítulos de Lucas impressionam pela quantidade de referências ao Espírito Santo e pelos hinos e profecias inspirados, referentes ao Messias e seu Reino. Concluímos que Deus preparou o caminho da primeira vinda de Cristo mediante um derramamento do Espírito, expresso em pronunciamentos proféticos. Receberam-no israelitas devotos que ansiavam e oravam pela vinda do Messias. Entre os que viviam na época da primeira vinda do Messias, havia um homem chamado Simeão, e uma mulher, Ana, ambos muito idosos.

I. O Caráter de Simeão (Lc 2.25-27)

1. Justo. "Homem este justo e piedoso". Simeão era "justo" com respeito aos mandamentos de Deus - vivia corretamente - e "piedoso" em seu relacionamento com Ele - amava ao Senhor e era espiritual. Chamariam-no os vizinhos "homem bom", "generoso", "misericordioso" e "benevolente".

2. Esperançoso. “Esperava a consolação de Israel”, ou seja, a vinda do Messias. Havia entre os judeus piedosos da época a convicção de que a vinda do Messias não seria adiada por muito tempo (cf. Mc 15.43). Era comum a oração: “Deus conceda que eu possa ver a consolação de Israel!”

3. Ungido pelo Espírito. “E o Espírito Santo estava sobre ele”. Havia muito tempo, o Espírito Santo deixara os líderes de Israel, e eles jaziam em meio à palha seca da formalidade. Deus estava procurando almas humildes e consagradas, sedentas de retidão. Por vezes a morte de igrejas estabelecidas leva-o a despertar novos movimentos espirituais entre as pessoas humildes e simples. O reavivamento wesleyano é um exemplo.

4. Ensinado pelo Espírito. “Revelara-lhe o Espírito Santo que não passaria pela morte antes de ver o Cristo do Senhor”. Pessoas virtuosas e sinceras têm confundido o intenso anseio pela volta do Senhor como sinal de que a verão acontecer. No caso de Simeão, porém, houve genuína revelação de que o desejo do seu coração seria satisfeito.

5. Orientado pelo Espírito. “Movido pelo Espírito foi ao templo”. Um impulso secreto o fez dirigir-se ao santuário. Era um momento crítico, quando tudo dependia da sua obediência à voz de Deus.

II. A Gratidão de Simeão (Lc 2.27-33)

1. Sua ação. “E, quando os pais trouxeram o menino Jesus para fazerem com ele o que a lei ordenava, Simeão o tomou nos braços”. Oito dias após o nascimento, circuncidava-se ao menino israelita. Era sua inclusão formal à aliança abrâmica. Um mês depois, a mãe oferecia sacrifícios especiais por ele no

Templo. O primogênito do sexo masculino era apresentado ao Senhor. Este ato significava que Deus tinha o direito de exigir o serviço de todos os membros do seu povo. Ler Êxodo 13.2; Números 8.16; 18.15. Nossa praxe de dedicar criancinhas tem raízes neste costume judaico.

Os pais de Jesus, antes de entregar o Menino ao sacerdote, fizeram-no repousar nos braços de quem era espiritualmente um sacerdote de Deus, ungido, não com o símbolo do Espírito (o óleo), mas com a realidade. A cena de um homem muito velho segurando o Salvador recém-nascido tem forte simbolismo: Simeão representa a Antiga Aliança, já esgotada pela velhice (Hb 8.13), pronta a abraçar o Evangelho e ir-se embora em paz.

2. Sua oração. Qual cisne a cantar antes da morte, assim também este servo de Deus irrompe num salmo de ações de graças ao ver o Salvador. Cumpriu-se a profecia de que não passaria pela morte antes de vê-lo. Com piedosa gratidão, despede-se da vida, uma vez cumpridos os seus desejos. "Agora, Senhor [literalmente: Mestre], despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra" (v. 29). Estas palavras não são propriamente uma oração, mas a declaração de um fato, como se dissesse: "Senhor, minha vida tem sido dedicada ao teu serviço. Esta criança é o sinal da minha retirada. Estou pronto para ir". Note a ilustração contida nas palavras de Simeão. Ele aplica a si mesmo a figura de um sentinela colocado por seu mestre num lugar elevado, a fim de observar o aparecimento de certa estrela e dar notícias de sua chegada. Avistada a estrela, anuncia seu aparecimento, e pede licença para deixar a posição.

3. Sua fé. "Porque os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos". Simeão vê na criança pequena e indefesa o meio que Deus determinou para a salvação da raça humana. Ver Jesus é ver a salvação. Sendo a criança semelhante a qualquer outro nenê, como sabia Simeão tratar-se do Salvador? (Lc 2.27; 2 Co 5.7).

4. Sua revelação. O Salvador viria para gentios e judeus, revelando-se de modo

mais apropriado às suas necessidades. Ele seria "luz para revelação aos gentios" cercados de trevas espirituais. Ao povo escolhido, agora humilhado e pisoteado, seria "glória do teu povo Israel". Ele trouxe glória a Israel. O seu nascimento é a razão de os israelitas serem honrados entre as nações (embora eles não reconheçam este fato).

5. Sua bênção. "E José e sua mãe se maravilharam das coisas que dele se dizia". Não que Simeão profetizasse algo novo. Mas surpreenderam-se que um desconhecido possuísse tão profundo conhecimento a respeito do destino da criança.

"Simeão os abençoou". Por que Simeão não abençoou a criança? (Hb 7.7).

III. A Profecia de Simeão (Lc 2.34,35)

Esperanças ilusórias facilmente poderiam ter tomado posse dos amorosos pais, ao ouvirem as palavras registradas nos versos 29-32. Simeão, porém, acrescenta solene predição que lhes coloca no coração a gota amarga que nunca falta à alegria, mesmo espiritual, neste mundo pecaminoso. Simeão predisse a maravilhosa influência que teria aquela criança na história do mundo; viu que o aceitá-lo seria fonte de bênção, e o rejeitá-lo resultaria em séria condenação.

1. Para seus inimigos. A criança seria a ruína de muitos em Israel. É provável haver aqui uma referência a Isaías 8.14, que descreve o Messias como rocha: serviria de refúgio aos que cressem, mas esmagaria os que contra ela se rebelassem.

Os líderes israelitas ficaram escandalizados com a origem humilde de Jesus, seu

amor para com os pecadores e sua oposição às tradições. O povo escandalizava-se com a sua mansidão, que desfazia a imagem popular de um Messias guerreiro. Como resultado, os líderes faziam-lhe cerrada oposição, e o povo se dividia em opiniões. Os judeus continuaram a se escandalizar com a mensagem do Cristo crucificado (1 Co 1.23), até que, quarenta anos após a crucificação, veio o julgamento divino. Jerusalém e o Templo foram destruídos. A nação tropeçara e caíra.

2. Para o seu povo. Era também destino da criança "a elevação de muitos em Israel". Firmando os pés sobre a Rocha, muitos humilhados alcançariam honra e estima; abatidos ganhariam esperança; e os filhos da terra receberiam as glórias do céu (1 Co 1.18).

3. Para a sua mãe. "E uma espada traspassará também a tua própria alma". A oposição a Jesus chegaria a tal ponto que o coração de Maria seria terrivelmente atingido. E, ao ver o filho crucificado, a espada da angústia traspassou-lhe o coração (Jo 19.25).

4. Para toda a humanidade. Os antigos usavam uma pedra preta (pedra de toque) para testar a qualidade do ouro e da prata, a partir da marca que estes metais deixavam na pedra. Assim também Cristo. Seu contato com as pessoas fazia-as revelar, cada uma, o seu caráter. A salvação chegara, "para que se manifestem os pensamentos secretos de muitos corações". Por baixo das formas externas de piedade, havia hipocrisia, avareza e orgulho. Simeão profetizou que o ministério de Jesus seria a ocasião de revelar este veneno oculto sob a capa da religiosidade. Enquanto Jesus ensinava, revelavam-se os corações. Os que amavam ao Senhor, seguiam-no; os que preferiam as trevas, para disfarçar suas más obras, rejeitavam-no.

IV. Gratidão e Testemunho de Ana (Lc 2.36-38)

Havia no Templo uma mulher piedosa que ficara viúva sete anos após o casamento. Possuía os dotes espirituais das grandes mulheres do Antigo Testamento: Miriã, Ana, Débora, Hulda. Talvez tivesse reputação de profetisa, razão pela qual era-lhe reservado um pequeno quarto no Templo. Ali orava, e talvez fizesse algum serviço no santuário. Teve, também, o privilégio de ver o rosto do menino recém-nascido, e, a partir daquele momento, "falava dele a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém".

V. Ensinamentos Práticos

1. A velhice piedosa é uma coroa. "O senhor não está muito cansado?" perguntou a visitante ao piedoso camponês alemão, Gottlieb. "Não, senhorita", respondeu ele, oferecendo-lhe peras maduras. "Não fico cansado; estou apenas esperando, esperando. Acho que agora estou mais ou menos maduro e que, dentro em breve, cairei por terra; e então, imagine só: o Senhor me recolherá! Senhorita, você ainda é jovem, começando a florescer; vire-se para o Sol da Justiça, a fim de que possa ficar madura no seu serviço".

Sejam os últimos dias do crente os melhores. Os oradores empregam o máximo de perícia e cuidado no desfecho do seu discurso, com o objetivo de causar profunda impressão. O crente deve viver de tal forma que seus últimos dias sejam a coroa de sua vida inteira.

2. Pronto para a vinda do Senhor. Como preparar-se para a vinda do Senhor? Esta pergunta é comum hoje em dia. Simeão tinha um caráter que o tornava digno de contemplar o Senhor. O Espírito Santo era o seu Líder; a fé, o seu consolo; a piedade, a sua vida; o Salvador, sua alegria; e o despedir-se da vida, o seu desejo.

Não se constitui erro concluir que os nascidos de novo, que amam ao Senhor e

andam conforme sua Palavra, estão preparados para se encontrar com o Senhor. Os que estão “em Cristo” serão levados para junto dEle (1 Ts 4.17). Estar “em Cristo” ser controlado por Ele, viver para Ele.

3. A Visão de Cristo remove o temor da morte. “Ele então o tomou em seus braços e louvou a Deus”. O gesto de Simeão ilustra o reconhecer e aceitar o Salvador. Simeão reconheceu Cristo logo que o viu, abraçou-o logo que o teve próximo e sentiu prazer nEle logo que o abraçou. Chegara o fim de longos anos de espera; estava pronto a morrer e a contemplar a glória de Deus.

Ninguém estará pronto para morrer até que tenha visto a Jesus. E não há preparo melhor para se enfrentar a morte. Mesmo que não se tenha realizado as ambições da vida, ou levado a efeito alguma obra grandiosa, não importa: a maior realização da vida é ver a Jesus.

4. Revelando os corações. “Para que se manifestem os pensamentos de muitos corações”. O Senhor Jesus julgará a raça humana naquele dia final (At 17.31). Já em seu ministério terreno mostrava-se Juiz, por sua capacidade de revelar o caráter das pessoas através do ensino. Os fariseus e saduceus, Caifás, Pilatos e outros, imaginavam estar julgando Jesus; na realidade, eram eles os réus. E a História registrou o veredito.

Ninguém que procurasse Jesus continuava o mesmo após a entrevista. A exposição dos padrões divinos e das necessidades pessoais revelava a cada um a natureza do seu coração, determinando-lhes, muitas vezes, o destino (Mt 19.21-23; Lc 9.57-62; Jo 6.26,27). As interrogações dos apóstolos e demais ouvintes davam ao Senhor a oportunidade de julgá-los e corrigi-los. A reação da pessoa aos ensinos do Mestre determinava-lhe o destino.

Certo estudioso disse não haver regra de conduta melhor que viver de maneira a

ser aprovado por Cristo. Para viver assim, a pessoa precisa tornar-se cristã, vindo a seguir a regra mais sublime: agradar ao Mestre.

Cristo continua a perscrutar os corações, e, mediante seu Espírito, trazendo à luz tudo o que está oculto, para que conheçamos a nós mesmos (Jo 21.15-17).

5. Sofrendo com Cristo. "E uma espada traspassará também a tua própria alma". O fato de ser mãe do Messias trouxe a Maria grande honra, mas Simeão advertiu-a de que enfrentaria sofrimentos. Honra e sofrimento aguardam também àqueles unidos a Cristo pelos laços da fraternidade espiritual. Este relacionamento torna-os filhos de Deus, irmãos e co-herdeiros de Cristo. Mas isto significa ser também co-participantes de seus sofrimentos. Certa tradição atribui a Jesus esta frase: "Quem está perto de mim, está perto do fogo". Para acompanhá-lo, é necessário carregar a cruz.

Esteja o discípulo pronto a aceitar bênçãos ou adversidades, honra ou censura.

6. O Salvador rejeitado. É natural aceitarmos o que de bom nos é oferecido. Simeão, porém, predisse que Jesus seria "alvo de contradição". E por quê? A ignorância é uma das razões. Pessoas há que não confessam necessitar dEle porque não conhecem seus próprios corações. Além disso, existe na mente do homem uma aversão natural às coisas de Deus. A maioria das pessoas considera este mundo o único verdadeiro. Poucos estão dispostos a abrir mão dele por um outro, invisível, porém melhor.

É difícil entender, às vezes, por que tantas pessoas rejeitam as bênçãos do Evangelho. Contudo, não sirva tal fato para desencorajar-nos em nossos esforços de divulgar o Evangelho. Desde o princípio, profetizou-se que muitos não acreditariam na mensagem.

7. A escolha do homem determina o seu destino. "Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel". O mesmo sol que torna frutífera a terra, pode transformá-la em deserto. O Evangelho que derrete um coração pode levar outro a endurecer-se. A mensagem que traz salvação a uns causará a condenação de outros. É a atitude do homem para com a mensagem de Deus que lhe determina o destino. Mesmo no mundo físico, as coisas boas, quando indevidamente empregadas, podem destruir o homem. A utilíssima eletricidade pode reduzir alguém a cinzas se manuseada de modo descuidado. O poder salvador de Jesus pode também destruir aos que o rejeitam e opõem-se a ele.

O homem moderno não gosta de ser encostado contra a parede para decidir o destino de sua alma. Prefere um meio-termo, evitando extremos de bondade e maldade, e deixando as coisas acontecerem naturalmente. A verdade, porém, é que o Evangelho significa uma escolha entre Cristo e o mundo, entre o céu e o inferno. E a pessoa precisa decidir-se. "Quem não é por mim, é contra mim".

8. Uma mãe em Israel. Ao descrever a viúva a ser apoiada e sustentada pela igreja, Paulo escreveu: "Ora, a que é verdadeiramente viúva e desamparada espera em Deus, e persevera de noite e de dia em rogos e orações" (1 Tm 5.5). Ana enquadra-se muito bem neste perfil; sua vida era toda oração e intercessão.

Ana foi a primeira mulher a dar testemunho de Cristo, testemunho este inspirado por uma longa espera, baseado em visão pessoal, dado com grande coragem, selado por uma vida santificada e coroado por uma velhice feliz.

O considerar sua vida faz-nos render graças a Deus por todas as mães em Israel, cujas orações significam mais para a obra de Deus do que a maioria reconhece.

Jesus Quando Menino

Texto: Lucas 2.39-52

Introdução

Mateus enfatiza a soberania de Cristo. Marcos destaca os seus atos. João ressalta a sua divindade. Lucas mostra em primeiro plano a sua humanidade. Mostra-o como Deus-homem, o Homem perfeito, em todos os aspectos semelhante a nós - porém isento de pecado. Faz-nos entender o evangelista que o Filho de Deus viveu uma vida perfeitamente humana, necessária para que se tornasse nosso Salvador e Sumo Sacerdote. Não se fez assim pela degradação da natureza divina, mas para glorificar a natureza humana. Fez-se o Filho do homem a fim de que os seres humanos pudessem tornar-se filhos de Deus.

Portanto, não é de surpreender ter sido Lucas o único a narrar um incidente da infância de Jesus. O ser humano passa por etapas específicas de desenvolvimento mental e físico. Prova-nos Lucas que a encarnação (Jo 1.14) não era fingida. O Filho de Deus cresceu como qualquer criança.

Consideremos juntamente os versos 40 e 52, pois transmitem a mesma idéia. Estes versículos declaram que Jesus crescia espiritual, mental e fisicamente, e a

visita ao templo ilustra este fato. Fisicamente, era como um menino de doze anos, mas deixou atônitos os estudiosos pelos grandes conhecimentos demonstrados acerca das Escrituras. Espiritualmente, possuía o testemunho íntimo de que era o Filho de Deus - o Messias.

I. Jesus, Perdido na Multidão (Lc 2.42-45)

1. A viagem. "Ora, todos os anos, iam seus pais a Jerusalém, à festa da páscoa; e, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa". A Lei de Moisés exigia a presença dos judeus nas três grandes festas nacionais: Páscoa, Pentecoste e Dia da Expiação. Mas a dispersão do povo por terras estrangeiras tornou impraticável a observância desta lei. Mesmo assim, muitos judeus devotos, especialmente os que viviam na Palestina, compareciam regularmente a estas festas. A ordenança era obrigatória somente para os homens, mas o conceituado rabino Hillel recomendava a presença das mulheres na Páscoa, a maior festa de Israel. A presença regular de José e Maria indica fiel observância à Lei de Moisés. Aos doze anos, Jesus foi levado pela primeira vez à festa em Jerusalém, fato que pode ter conexão com a proximidade dos treze anos. Nessa idade, o menino judeu atingia a maioridade religiosa, celebrando formalmente o evento.

2. A separação. "E, regressando eles, terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o souberam seus pais. Pensando, porém, eles que viria de companhia pelo caminho, andaram caminho de um dia". No Oriente, um menino está mais maduro aos doze anos que os da civilização ocidental. É razoável, portanto, supor-se ter sido o menino deixado por sua própria conta a maior parte dos sete dias da festa. E, ao invés de reunir-se ao grupo de peregrinos para a viagem de volta, Jesus foi para o Templo, onde por certo já passara boa parte do seu tempo, porque nesse período de sua vida sentia fortemente a consciência de ter sido chamado para tratar dos assuntos de seu Pai. Durante o primeiro dia da viagem, José e Maria não sentiram falta do menino. O fato de ter Ele ficado para trás, sem que José e sua mãe o soubessem, indica que Jesus vivia livre em companhia dos meninos da sua idade, e que tinha

convívio com amigos e parentes. Sabendo-o um menino normal, José e Maria não se preocuparam com sua ausência. No segundo dia, porém, sentiram sua falta, "e procuravam-no entre os parentes e conhecidos". Acharam-no ao terceiro dia, no Templo.

II. Jesus Encontrado no Templo (Lc 2.46-50)

1. Os sábios atônitos. Nesse período, o Templo exercia profundo fascínio sobre o menino Jesus, porque chegara a um momento crítico de sua vida: a consciência de sua natureza e missão divinas afetava-o poderosamente. O escritor foi inspirado a incluir este incidente para deixar claro aos leitores que, aos doze anos de idade, Jesus estava ciente de sua condição de Filho de Deus e de que tinha uma missão a cumprir. Nada mais natural, portanto, fosse Ele encontrado na casa do seu Pai, "assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os". Diz-se que havia uma sinagoga (casa de reuniões) dentro do Templo, onde os grandes ensinadores de Israel ministravam nos sábados e feriados religiosos. No decurso das preleções, os rabinos faziam perguntas aos ouvintes, que, por sua vez, tinham licença para interrogar o mestre. "E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas". E, se o debate era acerca do Messias e sua obra - o que é bem provável -, podemos entender a estupefação dos mestres ante as perguntas e respostas do menino. Sabendo ser o Messias, Jesus debatia o assunto com clareza, unção e autoridade.

2. José e Maria ficaram atônitos. "E quando o viram, maravilharam-se, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procurávamos" (cf. v. 50). Maria perdeu de vista, por um momento, a natureza divina de Jesus, ao cuidar de sua natureza humana, considerando-o afetuosamente o seu "menino". Temos aqui um desses toques casuais que atestam a veracidade dos escritores dos Evangelhos. É muito improvável que um pio contador de histórias tivesse representado Maria no ato de repreender o Filho de Deus. A história dos Evangelhos é sobrenaturalmente natural!

3. Jesus ficou atônito. “E ele lhes disse: Por que é que me procuráveis? Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?”

Há uma nota de surpresa nestas palavras. Afinal, desde antes de seu nascimento, José e Maria estavam informados da natureza e missão de Jesus. Considerassem este fato e o teria procurado primeiro na Casa de Deus, porque era o desejo supremo de Jesus fazer a vontade do Pai: “Não sabíeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” Estas palavras espelham o homem que Jesus viria a ser. Sua obra se desenvolveu segundo o espírito destas palavras, de modo que, na cruz, pôde exclamar, triunfante: “Está consumado!” Aquelas palavras atestavam a filiação, dedicação e serviço de Cristo.

3.1. Filiação. “Meu Pai”. Quando Maria disse: “Teu pai”, falando de José, Jesus corrigiu-a, de modo suave e indireto, dizendo: “Meu Pai”, referindo-se a Deus. Note-se que José não é descrito como pai de Jesus, que nasceu da virgem; são chamados: “José e sua mãe” (Lc 3.23). Entendemos assim que, mesmo em tenra idade, Jesus sabia que era Filho de Deus (quanto à natureza) e o Messias (quanto à vocação). A expressão “Meu Pai” era o modo mais comum pelo qual Ele descrevia seu relacionamento com Deus. Em nenhum lugar dos Evangelhos Jesus o chama “nosso” Pai. (A Oração Dominical ensinava os discípulos a orar, e eles tinham de dizer: “Pai nosso”.) Noutras palavras: Ele era o Filho de Deus. O homem regenerado é um filho de Deus.

3.2. Dedicação. “Me cumpria estar”. Desde a meninice, Jesus era plenamente consagrado a Deus, e tinha profundo senso de responsabilidade. A expressão “cumpre-me” levou-o à cruz. E Ele empregou-a até o fim. Aparece cerca de 30 vezes no Novo Testamento com relação à sua missão, morte, ressurreição, ascensão, soberania sobre as nações e vitória final sobre o pecado e Satanás. Ver Mateus 16.21; 26.54; Marcos 8.31; Lucas 4.43; 19.5; 24.44; João 3.14; 4.4; 9.4; 10.16; 12.34; 20.9.

3.3. Serviço. “Na casa de meu Pai”; ou: “Tratar dos negócios do meu Pai”. Aos

12 anos, Jesus tinha uma "vocação" ao serviço de Deus. Aos 30 anos, começou seu ministério ativo. Para Ele, "negócios do Pai" era glorificar a Deus na sua vida, como perfeito exemplo, e na morte, oferecendo-se como sacrifício pelos pecados do mundo.

III. Jesus se Desenvolve no Lar (Lc 2.40,51,52)

1. Sua perfeita obediência. "E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito". Com estas palavras, informa-nos Lucas não ser a declaração no verso 49 um repúdio ao dever filial. Embora Filho de Deus, Jesus não exigia isenção de responsabilidades, obrigações e fardos da vida. Ainda na agonia da cruz, preocupou-se com o futuro de sua mãe (Jo 19.26).

2. Seu crescimento normal. Os escritores dos Evangelhos mantêm silêncio quase total acerca da juventude de Jesus. Não é seu propósito satisfazer esta curiosidade, mas inspirar a fé. Desta fase, este é o único incidente registrado, e só Lucas o menciona. E o faz em fidelidade a seu propósito de mostrar a perfeita humanidade do Filho de Deus - que Jesus cresceu como qualquer outra criança. Ele era verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem - Filho de Deus e Filho do homem, Filho do Céu e Filho da terra, Amigo de Deus e Amigo do homem, Habitante da eternidade e Habitante do tempo. Notemos:

2.1. Crescimento físico. Crescia em "estatura". "E crescia Jesus". Por vezes, representam-no os pintores pálido e doentio. É certo, porém, que o trabalho braçal na carpintaria e o tempo passado ao ar livre tenham-lhe dotado de corpo forte e saudável. Um corpo forte e saudável é de grande ajuda ao serviço cristão.

2.2. Crescimento mental. "E crescia Jesus em sabedoria". Um gigante pode ser mentalmente retardado. Mas o Senhor crescia em conhecimento. Melhor ainda,

na capacidade de aplicar este conhecimento - esta é a sabedoria. O homem cresce em sabedoria mediante a correção de erros e falhas. Jesus, porém, teve crescimento perfeito, livre das limitações de uma natureza pecaminosa.

2.3. Crescimento espiritual. "Crescia... em graça para com Deus". "E a graça de Deus estava sobre ele". Por causa de sua natureza humana, Jesus tinha de viver pela fé no Deus invisível, e conservar-se em comunhão com Ele mediante a oração e leitura da Palavra. Ao seu desenvolvimento físico acompanhava o crescimento da bênção divina em sua vida. A beleza de caráter daí resultante merecia, naturalmente, a boa graça dos seres humanos. Quando este favor divino manifestou-se de maneira mais marcante? (Mt 3.16,17).

IV. Ensinamentos Práticos

1. Procurando o Cristo perdido. Embora intimamente relacionados com o Filho de Deus, José e Maria perderam-no de vista em meio à multidão. Os que se relacionam espiritualmente com Ele podem passar pela mesma experiência.

1.1. Onde Ele foi perdido. José e Maria perderam Jesus no mesmo local e circunstâncias em que nós também o podemos perder: numa grande cidade, numa celebração religiosa e numa multidão. Na corrida das experiências diárias e no turbilhão de deveres podemos, desapercebidamente, perder a presença de Cristo. "Estando o teu servo ocupado duma e doutra parte, entretanto desapareceu" (1 Rs 20.40). Descrevem estas palavras a experiência espiritual de muitas pessoas.

1.2. Como foi achado. Descoberta a perda, voltaram os pais, tristes, procurando-o diligentemente, até o acharem na Casa de Deus. Se não há mais presença de Cristo em nossa vida, voltemos ao lugar onde perdemos o contato com Ele. Embora seja Ele invisível aos nossos olhos, não demoremos em

descobrir sua ausência. Durante algum tempo, Sansão "não sabia ainda que já o Senhor se tinha retirado dele". Mas chegou o momento em que descobriu a triste verdade (Jz 16.20,21). É possível perdermos a sua presença, estando na igreja. Como José e Maria, "supomos" estar Ele entre os presentes. No que diz respeito a Cristo, suposições não bastam; é preciso certeza. Há o perigo sutil de presumirmos demais na vida espiritual, e acharmos que tudo vai bem.

1.3. A busca premiada. José e Maria encontraram a Cristo. Este falou-lhes palavras divinas, voltou com eles, e ainda foi-lhes mais precioso que antes. Tal será a feliz experiência dos que reencontram o Salvador.

2. A experiência dá autoridade. "E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas". Quem conhece seu relacionamento com Deus pode falar com autoridade. O salvo sempre será convincente ao falar da salvação; a pessoa curada pode testificar com autoridade sobre cura divina; e o crente cheio do Espírito Santo confundirá os sábios ao discorrer sobre as coisas espirituais (cf. Jo 7.15; At 4.13).

3. "Por que fizeste assim para conosco?". Estas palavras expressam o sentimento do coração de José e Maria. O Senhor às vezes usa métodos estranhos - para nós - ao tratar com os que o amam. À semelhança de Maria e José, nós o procuramos, "aflitos". A adversidade, a tentação e as provações deixam-nos perplexos. No final, porém, ficamos sabendo que Ele faz bem todas as coisas.

4. Onde achá-lo? Esquecendo momentaneamente a vocação e a profunda espiritualidade de Jesus, José e Maria procuraram-no em lugares normalmente freqüentados por crianças. E Jesus indicou-lhes o lugar onde certamente o haveriam de achar - a casa do seu Pai.

Saberiam, hoje, as pessoas onde encontrá-lo? Há pelo menos um lugar onde o irão achar: na Casa de Deus.

5. O constrangimento de um coração obediente. "Me convém tratar dos negócios de meu Pai". Jesus expressa o sentimento de dever que havia sobre Ele - a necessidade de cumprir seu ministério salvífico. Tal necessidade pode ser externa - quando a pessoa faz o que é certo por força da lei - e interna - quando o ato de fazer o que é certo obedece a um impulso íntimo. Este era o caso de Jesus. Sua inclinação coincidia com o dever. E sua vontade era submetida inteiramente à autoridade do Pai.

Quando a inclinação da pessoa não coincide com o seu dever, e ela o cumpre, mas preferindo fazer sua própria vontade, seu serviço torna-se um tipo de escravidão. Quando, porém, a pessoa tem prazer em cumprir a vontade de Deus, seu serviço constitui-se na mais sublime forma de liberdade.

Que fazer quando relutamos cumprir nosso dever? Podemos orar: "Senhor, faze-me disposto a cumprir tua vontade".

6. Os negócios do cristão. John Vassar, ganhador de almas inglês, falou de Cristo a uma senhora, e ela contou ao marido o que ele lhe dissera. O marido respondeu: "Você deveria ter-lhe dito que cuidasse de seus próprios negócios". "Se você estivesse ali", retrucou a senhora, "teria pensado que o negócio dele era justamente falar de Cristo".

O cristão sincero e dedicado considera dever primeiro de sua vida o servir a Deus. Sua ocupação secular lhe fornece o sustento, enquanto ele serve ao Senhor: "Buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33).

7. A verdadeira liberdade. Depois de declarar-se livre para tratar dos assuntos de seu Pai, Jesus foi para casa com José e Maria: "E era-lhes sujeito". Demonstrava, assim, possuir a verdadeira liberdade. Ser livre não significa fazer o que se bem entende. A verdadeira liberdade é poder cumprir com os deveres.

O Dr. C.E. Jefferson escreveu: "Uma folha morta caindo de um galho pode fazer o que lhe apraz, porque é morta, e ninguém se importa para onde vai, flutuando, nem aonde cai. O grande planeta terra, porém, viajando ao redor do sol, toma muito cuidado para não sair do seu caminho, porque um mínimo desvio do caminho que Deus marcou para ele conturbaria toda a vida sobre a sua superfície. A terra é muito mais livre do que uma folha do outono. Recebe do sol sua liberdade. Fôssemos apenas folhas secas, poderíamos flutuar para lá e para cá como quiséssemos; sendo, porém, almas imortais criadas à imagem de Deus, temos uma obra grandiosa para fazer, e devemos ficar dentro da órbita que o amor do nosso Pai traçou".

Jesus Ressuscita os Mortos

Texto: Lucas 7.11-18; 1 Co 15.50-54; Ap 21.4

Introdução

Os quatro evangelhos narram três incidentes de ressurreição de mortos: da filha de Jairo, que morrera havia muito pouco tempo; do filho da viúva, morto há muitas horas; e de Lázaro, cuja morte ocorrera há quatro dias. Não foram ressurreições no sentido pleno da palavra, porque os ressurretos permaneceram mortais e, finalmente, morreram outra vez. Podemos chamá-las de curas levadas ao mais alto grau. Além disso, tais ressurreições demonstram ser Cristo o Doador da vida, e profetizam a ressurreição final e eterna daqueles unidos a Ele pela fé.

I. O Milagre (Lc 7.11-18)

1. O que Cristo viu. Aproximava-se Jesus da entrada da cidade, quando um cortejo fúnebre veio em sua direção. Em primeiro lugar, chegaram as mulheres com suas lamentações; depois, o "esquife", que não era um caixão fechado, como conhecemos, mas uma tábua com um pequeno beiral, ou, às vezes, um tipo de cesto de vime. Era carregado por amigos que se revezavam a intervalos.

Atrás do esquife vinham os pranteadores principais e os seus amigos. A multidão de simpatizantes vinha por último. Grande tristeza expressam as palavras: "Eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade".

2. O que Cristo sentiu. "E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela, e disse-lhe: Não chores". Os milagres de Cristo eram as credenciais de sua missão divina. Porém, jamais eram operados de modo mecânico, desprovido de sentimento. A mola propulsora de suas operações era a compaixão. Comovia-o a enfermidade das pessoas, e Ele tomava sobre si a tristeza delas. "Não chores!" soava diferente nos seus lábios. Os consoladores humanos não podiam dar boas razões à viúva para que cessasse o choro. O Senhor Jesus, porém, é um verdadeiro Consolador. Quando nos manda afastar o medo ou a tristeza, Ele tem sempre boas razões para nos colocar acima destas coisas.

3. O que Cristo disse. "Chegando-se, tocou o esquife". Sua intenção foi corretamente entendida pelos carregadores, porque pararam. Segue-se então a palavra de autoridade. Jesus falava em seu próprio nome: "Mancebo, a ti te digo: Levanta-te". O Príncipe da Vida possuía autoridade para ordenar ao jovem o retorno à vida. O toque de Jesus simbolizava o seu poder em impedir o triunfo da morte. A vida encontrara-se com a morte; a procissão fúnebre tinha de parar.

4. O que Cristo fez. "E o defunto assentou-se, e começou a falar". No sono, há certa desconexão entre o corpo e a alma, mas a voz humana pode restabelecer contato. A morte é a separação total entre o corpo e a alma, porém a voz do Senhor pode restabelecer a conexão. Cristo pode despertar alguém do esquife tão facilmente como outra pessoa pode despertar alguém da cama. Compare a facilidade de Cristo em realizar tal obra com os esforços e orações dos agentes de Deus (1 Rs 17.20-22; 2 Rs 4.34,35; At 9.40). Certo pregador francês falou de Elias: "É claro que ele está invocando um poder fora de si mesmo; que está chamando da morte uma alma sobre a qual não tem autoridade. Ele mesmo não tem domínio sobre a vida e a morte. Jesus Cristo ressuscita os mortos sem

esforço, como num ato corriqueiro. Ele é o Senhor dos que dormem o sono final. Sua soberania sobre vivos e mortos é percebida na grande calma ao operar os mais poderosos milagres".

Depois de ressuscitado, a quem pertencia o jovem? (Rm 6.13). Grande parte dos seguidores de Jesus recebera dEle cura ou libertação de demônios. Para eles, aquEle que lhes dera vida tinha o direito de dizer-lhes como empregá-la. Sendo Jesus o Salvador, tinha de ser também o Mestre. Mesmo assim, com a intenção de dar ao jovem tempo para considerar suas obrigações espirituais, Jesus "entregou-o à sua mãe".

5. Como Cristo foi honrado. O milagre fez o povo lembrar-se de Elias e Eliseu, que também haviam restaurado a vida a mortos, "e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo". Havia quatrocentos anos, os profetas tinham cessado suas atividades, restando ao povo ouvir as insossas interpretações dos escribas. Jesus, no entanto, trouxe-lhes a esperança de que os céus estivessem abertos novamente, a iluminá-los com viva mensagem.

II. A Profecia (1 Co 15.50-54; Ap 21.4)

Ao ressuscitar o jovem, Jesus profetizava sua própria ressurreição. O jovem de Naim foi transformado de morto em vivo, transferido da terra dos mortos para a terra dos viventes. Aos cristãos, reserva-se transformação ainda mais gloriosa: serão transformados da mortalidade para a imortalidade, da terra para o Céu. Esta transformação é:

1. Indispensável (v. 50). "Carne e sangue" - a nossa natureza mortal - não podem herdar o Reino de Deus. Cada criatura tem seu próprio ambiente: o peixe não pode viver na terra seca; o boi não pode viver no mar; e o ser

humano, mortal, não pode viver no Céu sem passar por uma mudança. O corpo passível da corrupção não pode entrar na "herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar" (1 Pe 1.4).

2. Certa (v. 51). "Eis aqui vos digo um mistério". Nas Escrituras, "mistério" é a revelação de uma verdade que o raciocínio humano não pode descobrir. Neste caso, a revelação era o fato de que alguns membros da Igreja universal viveriam para ver a vinda do Senhor; não passariam pela morte. Os mortos seriam transformados pela ressurreição, e os vivos, pela glorificação.

3. Instantânea (v.52). Num momento, quando o mundo menos esperar, soará a trombeta e haverá a ressurreição dos mortos e o arrebatamento dos crentes vivos.

4. Gloriosa (v.53). A ilustração refere-se ao ato de vestir e tirar as roupas. Usamos, agora, um manto de carne, sujeito à morte e à corrupção, mas seremos vestidos de um corpo imortal e glorioso.

5. Vitoriosa (v.54). A morte, que engole suas vítimas, será por sua vez engolida. A vitória do Senhor sobre a morte, em Naim, é um pálido quadro de sua vitória permanente. A morte domina como rei (Rm 5.17), mas Cristo veio tirá-la do trono.

6. Eterna (Ap 21.4). "Não chores", disse Jesus à mãe triste. E, imediatamente, fez-lhe secar as lágrimas, ressuscitando o filho. Embora recebesse tão grande consolo, não estava ela imune às tristezas futuras, pois continuaria a viver neste vale de lágrimas que é o mundo. Chegará o dia em que o grande Consolador dirá: "Não chores". E todas as lágrimas cessarão, para sempre. A morte, a dor e toda tristeza serão abolidas.

III. Ensinamentos Práticos

1. A compaixão de Cristo. Cristo possuía um coração compassivo que sentiu a aflição daquela mãe; lábios compassivos que lhe falaram palavras de consolo; pés compassivos que se apressaram para ajudar; e mãos compassivas que tocaram o jovem, restaurando-lhe a vida.

A compaixão é destaque nos ensinos de Cristo, e a falta dela constitui-se horrível pecado. De fato, o demonstrar compaixão era ministério específico na Igreja Primitiva. Paulo incluiu o ministério de exercer misericórdia entre outros, tais como a profecia e o ensino (Rm 12.8).

Henry Ward Beecher escreveu: “Feliz é o homem que tem na sua alma aquilo que opera nos deprimidos como os ventos da primavera sobre as raízes das violetas. As dádivas que vêm pelas mãos são ouro e prata, mas o coração dá aquilo que ouro e prata não podem comprar. Estar cheio de bondade, transbordar de bom ânimo, simpatia e esperança que ajuda, faz com que o homem possa carregar bênçãos das quais ele mesmo não tem consciência, assim como a lâmpada não tem consciência do próprio brilho. Tais pessoas movimentam-se pela vida, assim como as estrelas se movimentam por sobre os mares à noite, guiando os marinheiros perdidos”.

2. A morte separa, Cristo une. “E entregou-o à sua mãe”. O Senhor repreendeu a morte, e os entes queridos do moço fizeram maravilhosa reunião, de especial comunhão e felicidade. Que tempos de júbilo haverá para os que estão em Cristo! Amigos e conhecidos, irmãos e irmãs, marido e esposa, mãe e filho, todos radiantes como o sol do meio-dia!

3. A morte é o pregador. Voltava o arcebispo Leighton para casa certa manhã, e sua irmã perguntou-lhe: "Foste ouvir um sermão?" Ele respondeu: "Encontrei-me com um sermão". O sermão que encontrara foi um cadáver a caminho da sepultura. O pregador era a morte.

Governos intolerantes podem prender os pregadores do Evangelho, mas não podem prender a morte. Ela ergue sua voz na presença de tiranos e zomba do poder deles. Passa por guardas armados e entra aonde quer. Levanta sua voz para dizer ao homem que ele é criatura a caminho da eternidade; que, mais cedo ou mais tarde, sua pompa, orgulho e ambições hão de cair por terra; e que é melhor ficar de bem com Deus, a cuja presença será levado.

"Os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus" (Jo 5.25). O jovem a quem Cristo falara estava além do alcance da voz humana: grito algum, da mãe ou de parentes, chegava a ele. Mas a voz de Cristo soou, e a ordem foi ouvida nas regiões da morte.

Esta voz, no futuro, chamará os nossos corpos desaparecidos em meio aos elementos, erguendo-os da poeira. Nem o mar, nem a morte, nem o inferno poderão deter seus mortos quando Ele os requerer. Cristo é o Senhor da vida e da morte, e não devemos temer nem uma, nem outra.

4. A morte da morte. "Tragada foi a morte na vitória". A morte aqui é considerada um inimigo. E por quê? Porque separa amigos e entes queridos, interfere na felicidade do homem e acaba com as esperanças de uma vida útil.

Dr. Talmage descreve numa passagem eloqüente o conflito entre a morte e a vida: "É uma visão horrível a de um exército derrotado e fugindo. Há, porém, neste texto derrota pior. Parece que um gigante negro se propôs a conquistar o mundo. Como exército, reuniu todas as dores, enfermidades e doenças. Lançou

barricadas de sepulturas, e estabeleceu suas tendas de necrotérios. Algumas das tropas avançam lentamente, comandadas pela tuberculose; outras, a passo duplo, são comandadas pela pneumonia. A alguns, derrota pelo sítio dos maus hábitos; a outros, pelo golpe do machado dos acidentes. E tem vencido todas as batalhas. O conquistador de conquistadores marcha triunfante, e todos os generais, presidentes e reis caem debaixo dos pés de seu cavalo de guerra. No dia de Natal, porém, nasceu aquEle que seria seu antagonista. Este recebe o poder para despertar aqueles que tombaram através dos séculos. Muitos campos de batalha já foram conquistados, mas só no dia final haverá a batalha decisiva. Quando Cristo comandar suas duas brigadas - os mortos ressuscitados e as hostes celestiais - o gigante negro recuará, e as brigadas, surgindo das sepulturas rachadas, o atacarão por baixo. Os imortais que vêm do Céu o atacarão por cima. A morte será, então, tragada pela vitória.

O Bom Samaraitano

Texto: Lucas 10.25-37

Introdução

Um filósofo persa pagava a um missionário para ler-lhe o Novo Testamento. O missionário tinha grande alegria em prestar este serviço. Certo dia, leu as palavras de Tiago: “A língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar, é mal incontido, carregado de veneno mortífero”. “Chega por hoje!” exclamou o persa. E, levantando-se do assento, foi embora. Voltou três meses depois, e explicou sua conduta: “Queria aprender aquele versículo antes de prosseguir a leitura”.

A parábola do bom samaritano é uma das histórias bíblicas mais conhecidas. No entanto, ainda contém lições a serem dominadas.

I. Uma Pergunta Acerca da Boa Vizinhança (Lc 10.25-29)

A parábola teve origem no questionamento de um certo doutor (ensinador) da

Lei. Ele fez duas perguntas a Jesus; a primeira era agressiva, a segunda, defensiva. Seu propósito era fazer apenas a primeira pergunta, mas viu-se compelido a fazer a segunda.

1. O doutor da Lei na ofensiva. "E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?" Não se atribua malícia a este homem. É provável que, inspirado pelo orgulho da posição e sabedoria humana, quisesse debater o assunto com o jovem rabino da Galiléia, acerca do qual tanto ouvira falar. Respondeu-lhe o Mestre com outra pergunta, a melhor forma de testar a seriedade de um questionamento: "Que está escrito na lei? Como lês?" Era como se perguntasse: "Você procura realmente informações, ou deseja meramente um debate? Por que perguntar, se a resposta está contida na Lei, da qual você é ensinador oficial?"

O doutor da Lei demonstrou conhecer a resposta, pela rapidez com que recitou: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo". A citação do grande mandamento (Mt 22.36,37; Mc 12.30) era prova de que o rabino possuía discernimento e conhecimento espirituais. No entanto, era-lhe necessário mais que conhecimento. Há diferença entre conhecer e praticar.

2. O doutor da Lei na defensiva. Às pessoas que o tentavam embaraçar com perguntas manhosas, devolvia Jesus as questões, aplicando-as às suas próprias vidas. Não poucos se afastavam com a consciência doendo. Jesus colocou o dedo na ferida quando disse ao doutor da Lei: "Faze isso, e viverás". A flecha atingiu-lhe a consciência, pelo que percebemos no relato bíblico: "Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?" A expressão "querendo justificar-se" dá-nos a chave do problema do homem. Sem dúvida, perturbava-o algum ato de má vizinhança praticado contra algum membro da sua nação. A auto-justificação é a defesa de uma consciência culpada. Sua pergunta soava como uma confissão: "Não amo a meu próximo; tenho dificuldade em observar este mandamento". O sol não pergunta: "Sobre

quem brilharei?", pois é de sua natureza o brilhar. Quem possui espírito de perdão não pergunta: "Até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei?" (Mt 18.21). O perdoar é próprio da natureza perdoadora. E aquele movido pelo espírito de boa vizinhança e amor não pergunta: "Quem é o meu próximo? A quem serei gentil?" A essência do verdadeiro amor não conhece limites, nem exceções: oferece-se instintivamente a qualquer pessoa cujas necessidades a transformam em objeto de simpatia e benevolência.

II. Uma Ilustração de Boa Vizinhança (Lc 10.30-35)

Conforme já percebemos, o problema do doutor da lei era prático, e não intelectual. Faltava-lhe o espírito de boa vizinhança, ou seja, não era bom vizinho. Para despertá-lo neste sentido, conta-lhe Jesus uma parábola que bem demonstra o espírito de boa vizinhança. Ilustram-se três atitudes:

1. Brutalidade. "Descia um homem de Jerusalém para Jericó". Infere-se que este homem era judeu; isto colocaria em relevo a bondade do samaritano, membro de uma raça hereditariamente inimiga dos judeus. "Descia", não somente por ser a posição de Jerusalém mais alta que Jericó, mas porque uma viagem a Jerusalém, a capital, era sempre considerada uma "subida". A estrada passava por uma região rochosa e desolada, referida em Deuteronômio 34.3 e Josué 16.1.

"E caiu nas mãos dos salteadores, os quais, o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto". Este incidente foi tirado de uma situação real. Um antigo historiador judeu menciona o grande número de salteadores que infestavam as estradas da Palestina naqueles tempos. Houve época em que a estrada que levava de Jerusalém a Jericó era chamada Caminho Sangrento, porque muito sangue fora nela derramado.

2. Desumanidade. “E ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo”. O sacerdote voltava de Jerusalém, onde acabara de ministrar no Templo. Ia para Jericó, uma das cidades dos sacerdotes. Cumprira todas as cerimônias vestido nas vestes sacerdotais, oferecendo os sacrifícios, dizendo as orações e, de modo geral, agindo qual modelo de piedade e santidade. Agora, porém, vemo-lo viajando sozinho, revelando a sua verdadeira natureza. Por causa de seu ofício, tinha um padrão de vida elevado, contudo, age como pessoa comum nas circunstâncias. Diferente dos salteadores, não era positivamente brutal; faltava-lhe compaixão, porém.

É natural tenha o sacerdote justificado seu ato de negligência, a exemplo do doutor da Lei que interrogara Jesus. Podemos imaginá-lo dizendo consigo mesmo: “Onde houve um ataque, pode haver outro. Melhor continuar a viagem mais depressa, porque os salteadores podem estar espreitando na vizinhança. É pena que este coitado tenha sofrido assim. Porém, é impossível atender a todas as vítimas do infortúnio. Além disso, a importância do meu ofício não me deixa aceitar riscos, porque precisam de mim no Templo. E, se me achassem perto do homem, poderia ser acusado de assassiná-lo, o que resultaria num escândalo de grandes proporções. Além disso, o coitado está além do socorro humano. Orarei por dele enquanto estiver andando. Ah, vejo um levita lá atrás: ele que cuide do coitado”.

“De igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo”. Os levitas eram assistentes dos sacerdotes, e somente eles, como descendentes de Arão, podiam ministrar no altar do sacrifício. O levita, por certo, tinha também suas desculpas: “Certamente não tenho a obrigação de arriscar-me numa situação que o próprio sacerdote repudiou. Fosse isto um dever, e ele não teria deixado de cumpri-lo - ele é o meu exemplo. Ajudar o homem em tais circunstâncias seria uma afronta ao meu superior, uma acusação indireta de desumanidade”.

3. Compaixão. “Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão”. Diferente dos demais, o samaritano

não passa de largo, mas sente compaixão pela vítima. Corria o mesmo perigo, e não era um patrício que precisava de ajuda, mas um membro de uma raça hostil. Mas não lhe importava a nacionalidade, merecimento ou religião da vítima. Bastava-lhe que havia ali um homem necessitado. Os vários atos de compaixão (vv. 34,35) são cuidadosamente enumerados para mostrar a eficiência, disposição, abnegação e paciência incansáveis do verdadeiro amor. Outra marca do genuíno amor é a ausência de sentimentalismo. Tudo é feito sem afetação e com bom senso, este demonstrado especialmente nos arranjos financeiros. Não é grande a soma que o samaritano entrega ao hospedeiro, mas suficiente para cobrir as despesas que porventura surgissem. Acrescenta-lhe a promessa de pagar o restante na volta. Não é o ato de alguém que pretender mostrar, ou motivado por uma alegria ocasional; seu gesto é próprio de alguém habituado a praticar o bem conforme vão surgindo as oportunidades. Ele age de modo sensato e eficiente. A bondade deve ser guiada pela sabedoria.

Notemos a lição central da parábola: o samaritano não parou para perguntar a si mesmo: “Será este coitado realmente o meu próximo? Talvez eu deva consultar o sacerdote no monte Gerizim antes de arriscar-me a cometer um erro” (v. 29). Pelo contrário, havia compaixão no coração deste homem, e a necessidade humana era suficiente para colocá-la em operação. O amor não precisa de instruções escritas para saber como, quando e a quem amar.

III. Uma Exortação à Boa Vizinhança (Lc 10.36,37)

1. O teste. “Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?” Notemos que Jesus não responde diretamente à pergunta do doutor da lei. O Senhor responde com outra pergunta: “Quem é o bom vizinho, o que demonstra amor ou o que não demonstra?” Não é uma interrogação que requeira resposta. Como responder de modo lógico à mãe que pergunta: “Qual dos meus filhos deve ser objeto das minhas afeições?” A resposta seria: “Seja mãe - e saberá a resposta”. Da mesma forma, Jesus não responde à pergunta, mas ao espírito do doutor da lei. Ele o faz entender que sua pergunta revelava a falta do espírito de humanidade que faz um bom

vizinho. Peça a Deus que lhe dê o mesmo espírito que animava o samaritano, e saberá quem é o seu próximo. Perguntar não é necessário: qualquer pessoa necessitada é o seu vizinho.

"E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele". Por que não respondeu claramente: "O samaritano"? Era muito penoso a um rabino judeu exaltar um membro da desprezada raça dos samaritanos, tendo em contrapartida a reprovação a membros do sacerdócio e do povo da Aliança. Lição difícil, mas aprendida pelo doutor da lei.

2. A conduta dirigida. "Disse, pois, Jesus: Vai, e faze da mesma maneira". Esta exortação adequava-se às necessidades pessoais do doutor da lei, em cuja vida existia um grande abismo entre o saber e o fazer - entre conhecer e praticar o dever do amor. O melhor método para se aprender verdades espirituais é agir à altura delas.

IV. Ensinamentos Práticos

1. "Em perigos de salteadores" (2 Co 11.26). "Um homem... caiu nas mãos dos salteadores". Parece ter sido imprudente o homem da parábola. Ninguém, em sã consciência, faria aquela viagem sozinho. Pessoas prudentes sempre viajam em grupos. Talvez estivesse com muita pressa, tipificando as pessoas que andam pelos caminhos da vida sem atentar onde pisam. Há salteadores no caminho - prontos a tirar da juventude o seu amor pelo lar, pela pureza, pelos nobres ideais, pela fé. Sábio é o jovem que se cerca de orientadores experientes.

Assaltantes espreitam o cristão, querendo roubar-lhe a vida de oração, a consagração e a consciência delicada (Jo 10.10,11). O diabo e o mundo são ladrões desejosos por furtar-nos a certeza de nossa vida em Cristo. Teremos segurança, viajando com Cristo e seu povo.

2. O pecado de ser inútil. Nenhum crime é atribuído ao sacerdote ou ao levita. Reprova-os o Mestre por terem "passado de largo". O rico, em Lucas 16.19-31, não é condenado por crimes cometidos, mas pelo que deixou de fazer. Nenhum vício destrutivo é mencionado no julgamento dos bodes e ovelhas (Mt 25.31-46). A acusação é a inutilidade. A ênfase a este pecado é encontrada em todos os ensinamentos de Cristo. A lição é ilustrada em termos de negócios (Lc 19.12-22), agricultura (Lc 13.6-9; Jo 15.6) e vida doméstica (Mt 21.18-31).

Nossos pecados de omissão costumam ser mais numerosos que os pecados cometidos.

3. Cristianismo prático (1 Jo 3.17,18). Disse alguém com certa dose de sábio humor: "Há muitos bons samaritanos, hoje, que se esquecem do vinho, do óleo, do dinheiro e da vítima. Estão cheios de amor para com o próximo, na condição de que este possua boa saúde e uma boa conta no banco. Perdem este amor, no entanto, se o vizinho perde a saúde e o dinheiro. Esquivam-se quando suspeitam que alguma ajuda lhes pode ser pedida e, naturalmente, não oferecem socorro algum. Dizem que este é um mundo sofrido, e que basta a cada um cuidar de si mesmo. Como o sacerdote e o levita, vão adiante, dizendo que por certo uma ambulância virá socorrê-lo e levá-lo ao hospital por conta do município".

Nosso mundo é a estrada de Jericó, cheia de viajantes feridos. E não há modo de passar sem vê-los. Os seguidores de Jesus, mais que todos, devem destacar-se pelo espírito de fraternidade. A falta deste espírito denuncia ao mundo a discrepância entre a profissão e a prática da fé.

Professar a fé, sem verdadeira bondade, é pedra de tropeço à aceitação de Cristo. O testemunho cristão apoiado por abnegada benevolência é degrau para a fé.

4. Serviço e sacrifício. Tanto o sacerdote quanto o levita teriam sido bons vizinhos se isto não lhes custasse nada - se permanecessem intactos seu tempo, dinheiro, conveniência e conforto. Milhares há que seriam bons vizinhos nestas condições favoráveis. Seguir o exemplo do Bom Samaritano exige sacrifício. Os altos ideais exigem esforço. Estes, porém, quando inspirados na divina personalidade de Cristo, recebem dEle a graça para serem alcançados.

Dois indianos, um cristão e um hindu, comentavam a triste situação dos proscritos, a vergonha da injustiça. O hindu, educado, falava eloqüentemente acerca de uma nova era política, em que os proscritos seriam tratados como irmãos. Ao avançarem, encontraram um operário semimorto, deitado ao lado da estrada. Disse o cristão: “Se não o socorrermos, levando-o para a cidade, ele não sobreviverá”. O hindu protestou: “Não podemos carregar um miserável deste, sujo como está”. O cristão, então, levantou o proscrito e, cambaleante, o foi levando para a cidade, enquanto o hindu o seguia, amaldiçoando-lhe o gesto.

Só pelo Espírito de Cristo venceremos o orgulho e preconceito, para, a despeito das críticas, seguir o Mestre.

5. Um quadro da redenção. A parábola do Bom Samaritano permite-nos vislumbrar o quadro da nossa redenção. A estrada de Jericó representa a estrada da vida; os salteadores, as forças que levam a alma à perdição; o viajante é o homem sem Cristo; o Bom Samaritano, o próprio Cristo; e a hospedaria representa a Igreja.

O Filho Pródigo

Texto: Lucas 15.11-32

Introdução

"E chegavam-se a ele [Jesus] todos os publicanos e pecadores para o ouvir". Estariam os fariseus dando graças a Deus por estarem esses homens voltando-se para uma vida de retidão? Não! Pelo contrário: queixavam-se e murmuravam: "Este recebe pecadores, e come com eles". Então, contou-lhes Jesus três parábolas para mostrar como estavam em desarmonia com o Céu, pois, enquanto eles murmuravam, os anjos regozijavam-se com o arrependimento dos pecadores.

Na parábola do Filho Pródigo, dois retratos falados confirmam a lição espiritual. O primeiro é bem conhecido, mas prestemos também atenção ao segundo, que nos ensina uma verdade importante.

I. O Pecador Arrependido Recebe a Bênção (Lc 15.11-24)

1. O pecado. “Um certo homem tinha dois filhos; e o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence”. Vê-se por este pedido que os laços do lar já haviam se soltado no coração do jovem. O amor esfriara. Espiritualmente, o pedido do filho mais moço exprime o desejo do homem em proclamar-se independente de Deus e planejar sua vida de acordo com a própria vontade. Cansando da provisão divina, pensa poder encontrar em si mesmo uma fonte de bênçãos maiores. Este é o retrato do pecado, o querer impor a própria vontade, que é a raiz dos demais pecados.

“E ele repartiu por eles a fazenda”. O pai concedeu-lhe o pedido, concluindo sabiamente que não havia proveito em reter aquele cujo coração já se distanciara. Deixou que o filho descobrisse por si mesmo, pela amarga experiência, a estultice de seu pedido.

Assim Deus trata conosco. Se o homem não o quer servir de todo o coração, pensando poder tirar maior proveito longe dEle, é-lhe permitido fazer a prova. Quando os israelitas cobiçaram carne, “satisfez-lhes o desejo, mas fez definhar a sua alma” (Sl 106.15).

2. A partida. “E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua”.

Passou-se um certo tempo até ele deixar a casa do pai. Antes de alguém agir como desviado, já possui um coração desviado. O coração do Filho Pródigo levara-o para longe da vontade do pai, antes de o levarem seus pés para fora de casa. Ao coração separado de Deus, seguem-se as ações ímpias.

“Ajuntando tudo”. Os bens que recebera foram transformados em dinheiro ou jóias. Da mesma maneira, o pecador ajunta todas as suas energias e poderes para extrair do mundo tudo o que puder.

“Terra distante” é a esfera onde não há comunhão com Deus, onde vivem os que deliberadamente se afastaram de Deus (cf. Lc 18.13; Ef 2.13; Hb 3.12). Estão afastados de Deus, não pela distância, mas pelos sentimentos. Como pode uma pessoa separar-se de Deus? (Hb 3.12). O que possibilita a tal pessoa voltar a Deus? (At 17.27).

“E ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente”. Primeiro, ajunta os bens; agora, os dissipa. A apostasia transforma-se na loucura de gastar. Por um tempo, gostou da emoção da independência, de ser seu próprio chefe, da exaltação de dias felizes e noites brilhantes. Mas estava pagando um preço alto - “desperdiçou a sua fazenda”. Viver para o próprio-eu é desgastante: gasta os talentos, enfraquece a vontade, destrói as oportunidades e quebranta o corpo.

3. A fome. “E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades”. Este é o quadro da decadência da alma que deliberadamente se separou da Fonte de felicidade e alegria. Não é de imediato que o pecador descobre seu miserável estado, porque os “prazeres transitórios do pecado” lançam um brilho atraente sobre o caminho da vida. Mesmo assim, apressa-se o desviado à falência espiritual. Chega o tempo em que o prazer que o dinheiro pode comprar se acaba. Saciado de prazeres à repulsão, descobre haver grande fome na terra - fome por amor e verdade e por todas as coisas das quais depende a sobrevivência da alma.

Tão logo começou a “padecer necessidade”, o jovem desejou retornar ao lar. Mas seu coração orgulhoso não fora ainda subjugado; ele preferiu insistir no péssimo caminho em que estava: “E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra”. Tão grande era a sua necessidade, que ele, judeu orgulhoso, implorou a um gentio que lhe desse emprego. Na sua liberdade, imaginava ser dono do mundo; agora, descobre-se escravo. Muitas pessoas sentem-se livres, entregando-se aos prazeres pecaminosos, mas descobrem que não têm liberdade para fugir dos seus maus efeitos. Quem procura fazer do mundo um servo para ministrar ao seu prazer, descobrirá invertido tal relacionamento: o mundo é que o

está usando como escravo.

Observa-se um toque de esperança neste versículo. O jovem agrega-se a um "cidadão" daquele país, mas não se naturaliza. Há sempre esperança para o que se sente estranho no país do pecado.

O pecado não somente empobrece; degrada, também. O patrão gentio "o mandou para os seus campos a apascentar porcos". Esta era a maior humilhação imaginável a um judeu de boa família. "E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada". As bolotas, ou alfarrobas, normalmente usadas para alimentar o gado, serviam também de alimento a pessoas muito pobres. São grandes vagens secas, de gosto um tanto doce. O trabalho de guardador de porcos simboliza o pecador servindo às concupiscências e prazeres, negligenciando os desejos mais nobres de sua natureza, enquanto atende a instintos mais baixos. A vã tentativa de encher o estômago com as cascas secas descreve a tentativa do pecador em diminuir a fome da alma, mediante a satisfação ilimitada de apetites carnais. Mas quem procura sustentar-se com uma vida de pecado descobrirá que está se enchendo sem alimentar-se.

4. O arrependimento. Chegamos ao ponto crucial desta viagem para baixo, onde começa a volta. Já descrevemos sua trajetória do lar confortável ao chiqueiro vil. Acompanhemos, agora, sua viagem de volta à plena restauração dos direitos e privilégios de filho. Por mais deplorável que fosse a sua condição, havia esperança. Estava longe de Deus, mas Deus não estava longe dele. Por conseqüência de seu próprio pecado, sobreviera-lhe a desgraça, mas esta era, ao mesmo tempo, uma expressão do amor divino. Deus tornou-lhe amargo o caminho a fim de levá-lo a abandonar o erro.

"E, tornando em si". Alguém traduziu: "Mas quando voltou aos seus sentidos". O homem distanciado de Deus não vive sua verdadeira personalidade. O pecado é um tipo de loucura espiritual que leva a pessoa a abandonar o que há de mais

nobre em sua natureza, aquela parte sob a influência de Deus e da consciência. A pessoa afastada de Deus vive de forma contrária à natureza, pois não foi feito o homem para viver sob o jugo do pecado. Não é o caminho do homem a satisfação da própria vontade. A terra distante não é sua pátria.

“Disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!” A bela fotografia revela-se no quarto escuro. Da mesma maneira, na escuridão do doloroso isolamento, veio à mente do Filho Pródigo a visão do lar e do conforto que tão tolamente abandonara. Atacou-lhe uma crise de saudades quando voltou a si. A prática do pecado não é a pátria da alma, e a perturbação e insatisfação dos maus nada mais é que o anseio do coração pelo Lar. Não nos criou Deus para que nos sentíssemos bem no meio do pecado. Trazemos em nós a semelhança do Deus bondoso, e o ar natural da alma é o amor, a pureza e a alegria do Céu.

“Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros”. A expressão “Levantar-me-ei” sugere ressurreição espiritual. Ele estava morto em delitos e pecados, mas agora levanta-se, inspirado pelo desejo de procurar o pai amoroso e o lar confortável. “Levantar-me-ei” - Estava sentado no chão, o trono natural dos desesperados (Jó 2.8,13). Assim como dantes ajuntara seus bens para viajar àquela terra distante, reúne agora suas energias para deixá-la. Por que o pai não enviara servos para compeli-lo a voltar? Isto não teria mudado o seu coração. O pecador está ao volante da sua alma (sua vontade). A salvação começa quando ele se volta à “casa paternal”.

5. A volta. “E, levantando-se, foi para seu pai”. Imediatamente, age à altura de sua resolução, tornando real o seu arrependimento. Crê no amor do pai, e descobre-o maior do que imaginara: “E, quando ainda estava longe, viu-o seu pai”. Não foi acidente ter sido o pai o primeiro a vê-lo. Sem dúvida, dia após dia observava o caminho, na esperança de ver o filho voltar. O amor tornou-lhe o olhar telescópico.

Teria o pai ido ao encontro do filho com rosto severo, embaraçando-o com repreensões? Não! “Se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou”. Assim também Deus aguarda a volta do pecador, velando sobre os primeiros sinais de arrependimento (Tg 4.8). Deus dá cem passos em resposta a um único passo do arrependido. “Pai, pequei contra o céu e perante ti”. A realidade do arrependimento está no reconhecer a raiz do pecado como transgressão da lei de Deus (cf. Sl 51.4). Podemos prejudicar a nós mesmos pela nossa maldade, e injustiçar ao próximo. Mas, no sentido restrito, é contra Deus somente que pecamos. Todo erro é cometido contra Deus.

“Já não sou digno de ser chamado teu filho”. O pecador comprova-se digno de perdão ao confessar a sua indignidade.

6. A restauração. O pai não deixa o filho continuar, pois percebe seu arrependimento. Feliz com sua volta, promove alegre celebração. Os detalhes mencionados são sinais de afeição e honra entre os orientais, e ensinam-nos as seguintes lições: Deus receberá o arrependido com alegria e, ao invés de lançar-lhe em rosto as suas culpas, honrá-lo-á com o melhor de suas bênçãos.

II. O Homem que se Considera Justo Perde a Bênção (Lc 15.25-32)

Gostaríamos de ver a parábola terminada no verso 24, mas alguém tinha de queixar-se! O Mestre faz uma sutil alusão aos fariseus, que murmuravam do seu interesse pelos pecadores. Grande é a diferença entre o coração amoroso de Deus e o coração mesquinho dos homens.

O irmão mais velho era:

1. Desamável. Enquanto o filho mais jovem dissipava a sua herança, o mais velho trabalhava fielmente. Voltava para casa, após mais um dia de trabalho, e foi surpreendido com o som da festa: "E, chamando um dos servos, perguntou-lhe o que era aquilo". Não entrou de imediato, nem entendeu que seu pai deveria ter bons motivos para fazer uma festa. Tem suspeitas, e exige uma explicação. Naturalmente, o imaginaríamos jubiloso com a volta do irmão. Por estranho que pareça, "se indignou, e não queria entrar". Nem mesmo o pai conseguiu aplacar sua contrariedade.

Também assim os fariseus - homens moralmente bons, mas que se recusaram a entrar, quando João Batista e Jesus proclamaram o Reino. Pensavam não precisar de arrependimento, por evitarem os pecados grosseiros da carne. Não percebiam que eram culpados de pecados do espírito. Não somente recusaram-se a entrar como também procuravam conservar as outras pessoas do lado de fora (Mt 23.13; At 13.45; 1 Ts 2.14-16).

2. Sem amor. Ele evita a palavra "pai". E não diz: "Meu irmão", mas sim: "Teu filho". Não ama ao pai nem ao irmão. Procura chamar a atenção para a sua própria bondade, fazendo do irmão um pano de fundo escuro para suas virtudes (Lc 18.11).

3. Ingrato. O pai não quer estragar a felicidade da ocasião, mas tem de arrazoar com o descontente. Primeiro, adverte-o, de modo indireto, que estava caindo no mesmo erro do irmão, pedindo sua parte nos bens: "Filho, tu sempre estás comigo; e todas as minhas coisas são tuas". Era ingrato ou pela convivência com o pai ou pelos suprimentos diários. Nos versos 31 e 32, podemos assim traduzir as palavras do pai: "Filho, estamos unidos pelo convívio e por nossas posses. Unamo-nos, agora, na alegria redentora, regozijando-nos por ter seu irmão se arrependido de sua obstinação". Disse alguém que os fariseus tinham a luz divina sem o amor divino; tinham o zelo de Deus pela Lei, mas não o seu amor pelos pecadores.

Cristo, o irmão mais velho, também partiu para uma terra distante - para buscar e salvar o que se havia perdido. Que diferença deste irmão mais velho que ardia em ciúmes!

IV. Ensinamentos Práticos

1. O mundo pródigo. Tivesse alguém conversado com o Filho Pródigo enquanto este alimentava os porcos, teria descoberto, pela sua maneira de falar, que ele pertencia a um bom lar. E, naturalmente, perguntaria: "Como você chegou a esta condição?"

O Filho Pródigo representa o ser humano, feito à imagem de Deus e degradado pelo pecado. A parábola não é somente a representação de um indivíduo, mas de toda a humanidade. O mundo desgarrou-se de Deus, e está sofrendo as conseqüências. Cristo veio restaurar a humanidade a Deus - a Bíblia termina com uma descrição da humanidade redimida.

2. O perigo da bondade negativa. "Não havendo bois, o celeiro fica limpo" (Pv 14.4). A ilustração é tomada de uma fazenda leiteira. O chão é limpo e completamente livre de detritos, tudo em perfeita ordem, com uma exceção: não há vacas, e também não há produção.

Há tudo quanto uma fazenda leiteira precisa - menos as vacas.

Provérbios condena a virtude negativa, tão bem ilustrada na conduta do irmão mais velho do Filho Pródigo. Talvez não tenha praticado maldade, mas também não praticava o bem. Não quebrara os mandamentos, mas faltava-lhe amor. Seu celeiro estava limpo, porém vazio. Era tão bom - para nada. E "nada" é o valor

que Paulo atribui aos que, por melhor equipados que sejam, não possuem amor (1 Co 13).

A pessoa que não comete pecados abertos pode pensar que não comete pecado algum. Não percebe que, embora livre dos pecados da carne, pode ser culpada de pecados do espírito: falta de amor, inveja, orgulho, egoísmo, cobiça e mau humor. E assim, não há arrependimento em sua vida. Não é necessário, porém, viajar a uma "terra distante" para experimentar o arrependimento. Os mais nobres entre os santos de Deus têm sido homens de muito arrependimento. Possua o cristão mais alto ideal que o restante da humanidade, e sua vida, por mais inculpável que pareça aos outros, jamais ficará sem contrição e humildade, fonte de todo bom caráter e da nobre conduta.

É fácil criticar os outros quando cometem pecados pelos quais não sentimos tentação, e nada há de especialmente heróico em viver conforme as normas de uma sociedade. O verdadeiro santo, medindo a si mesmo conforme o padrão de Deus, reconhece suas imperfeições e tem compaixão dos que transgridem (Gl 6.1).

3. O espírito sem amor exclui a bênção. "Ele se indignou e não queria entrar". O irmão mais velho representa aquele que não quer entrar na bênção. O que havia de errado com ele?

Em primeiro lugar, não podia entender a atitude do pai, embora o honrasse. Teria entendido, se tivesse entrado na casa e confiado em seu pai. Muitas pessoas se excluem de bênçãos espirituais porque esbarram em coisas que não entendem. Porém, se avançassem, confiando em Deus, logo as entenderiam. Os caminhos de Deus são como os vitrais coloridos das igrejas: do lado de fora, são escuros e sem significado, mas revelam sua beleza aos que estão dentro.

Em segundo lugar, estava zangado com o irmão, e nada nos separa de Deus tão rapidamente como o ódio (Mt 5.21-26). Diz um antigo ditado judeu: “Quando alguém se zanga, se é um profeta o espírito da profecia abandona-o; se é um sábio, a sua sabedoria abandona-o”.

Em terceiro lugar, confiou-se em relatórios de terceiros. Ao invés de depender da informação de empregados, deveria ter entrado para ver por si mesmo. Talvez uma olhada no irmão o comovesse. Os empregados contaram a verdade, mas talvez num tom de voz que o tenha irritado. Muitas pessoas perdem a verdade e a bênção por preferirem evidência indireta ao invés de investigarem por si mesmas.

Pense no que o filho mais velho perdeu - o que mais precisava naquele momento: a limpeza, a comida e o descanso. O preconceito pode tirar da pessoa o que ela mais precisa. Como ficou triste, enquanto os outros estavam se alegrando! Finalmente, perdeu a oportunidade de dar felicidade a outros. Sua ausência foi a única sombra. Sua presença teria sido um toque coroador à festa.

O mau humor e o ressentimento trancam-nos a bênção, e lançam uma sombra negra sobre a felicidade dos outros. Ninguém excluiu o irmão mais velho - ele mesmo excluiu-se da festa.

Receber a Cristo no coração é o antídoto ao espírito sem amor.

O Rico e o Lázaro

Texto: Lucas 16.19-31

Introdução

Esta é a lição da parábola do Administrador Infiel: “Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos”. Noutras palavras: “Neste mundo, o dinheiro é freqüentemente empregado com propósitos maus e egoístas, e nos prazeres terrenos. Quanto a vocês, filhos do Reino, devem empregá-lo para a glória de Deus, tendo em vista os valores eternos. Ao deixarem esta vida, receberão as boas-vindas de muitas pessoas beneficiadas pela sua generosidade. Portanto, empreguem seu dinheiro de maneira a fazer amigos para a vida futura. Invistam-no visando dividendos eternos”.

No texto em estudo, o homem rico ilustra a pessoa que não soube empregar seu dinheiro de modo a conservar a amizade de Deus e dos homens. E, ao passar para a outra vida, viu-se sem amigos e abandonado. Não edificara personalidade digna do céu, e foi lançado nas regiões dos perdidos, atormentado por remorsos tardios e desejos não cumpridos.

I. Duas Condições (Lc 16.19-21)

1. O rico. "Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente". Não se pode chamá-lo inescrupuloso, pois a forma como obteve sua fortuna é omitida; não era avarento, porque nenhum avarento vive "regaladamente"; não há indícios de que era cruel. Certa pintura célebre mostra os servos do rico chicoteando a Lázaro, mas não há base bíblica para tal concepção. O fato de ser o mendigo trazido diariamente à casa do rico dá a entender que recebia comida. O mendigo oriental é sábio em escolher um bom lugar para ficar. O rico provavelmente admitia o mendigo de modo formal, sentindo nojo e desprezo por aquele ser esfarrapado. Passava por Lázaro várias vezes ao dia, mas nunca o enxergava realmente. Não sentia a mínima compaixão, e jamais expressou-lhe um mínimo de simpatia ou amizade. Os farrapos e úlceras não comoviam o rico. Lázaro era apenas parte do cenário familiar. Assim era o rico: indiferente, egoísta e sem coração. Ser rico não era o seu crime - era a sua oportunidade. Seu crime era o amor-próprio mundano e uma profunda falta de fé que fazia secar a fonte de humanidade e simpatia.

Note-se que Cristo dá nome ao mendigo, mas identifica o outro como "certo homem rico". É uma atitude deliberada, para mostrar que a ordem espiritual das coisas é contrária à mundana. No mundo, os nomes dos ricos são conhecidos, ao passo que os dos pobres ou são desconhecidos ou considerados indignos de serem mencionados.

2. O mendigo. "Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia cheio de chagas à porta daquele. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas". É gritante o contraste. O rico veste-se de púrpura e linho finíssimo; Lázaro está coberto de chagas, sintoma de alguma doença crônica e horrível. O rico regala-se esplendidamente; Lázaro alimenta-se de migalhas - pedacinhos de pão que, no Oriente, eram usados para limpar a boca e os dedos dos hóspedes. O rico dispõe de grande número de atendentes para cumprir suas

vontades; Lázaro só conhece a áspera atenção dos cachorros. Tem-se sugerido que o lamber das chagas aliviava os sofrimentos do mendigo. O contrário é mais provável: Lázaro não tinha forças para afastar os cachorros que agravavam suas dores ao lamber-lhe as feridas. Eram animais sujos, agindo como necrófagos da cidade.

Não se diz quanto tempo Lázaro passou à porta do rico, mas foi suficiente para este, ao entrar e sair, familiarizar-se com as suas feições, pois reconheceu-o logo ao vê-lo no seio de Abraão. Não podia, portanto, alegar ignorância às necessidades do mendigo. Conforme Moody disse: "Tropeçou num pobre e caiu no inferno".

"Lázaro" significa "Deus é minha ajuda", o que nos dá uma idéia de sua condição moral. Sugere fé em Deus, seu único Ajudador.

II. Dois Enterros (Lc 16.22)

Tanto a glória quanto a miséria do mundo hão de findar. Graças a Deus, são momentâneas, não realidades eternas.

1. O mendigo. "E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão". Uma mudança repentina e gloriosa! Num instante, Lázaro recebe no céu a simpatia e ajuda que lhes foram negadas na terra. Aquele que durante a sua vida não tivera um só amigo, repentinamente passou a ser servido por anjos.

A expressão "seio de Abraão" revela a quietude da comunhão íntima. É como o gesto de tomar o filho no colo para consolá-lo. Para os judeus do tempo de Jesus

significava “estar no jardim do Éden” ou “estar debaixo do trono da glória” - o lugar das almas felizes que esperam a consumação final. Representa a realidade experimentada pelos cristãos separados desta vida; é situação de expectativa sem dor e doce repouso, entre a morte e a perfeita comunhão na segunda vinda de Cristo. É o “paraíso” (Lc 23.43), o lugar das almas debaixo do altar (Ap 6.9); é o estado de bem-aventurança que precede a glória que será revelada na vinda de Cristo e na ressurreição dos justos (Fp 3.21; 1 Jo 3.2). A este lugar foi transportado Lázaro.

Foi Lázaro levado ao seio de Abraão só por ter sido pobre? É a pobreza passaporte para o céu? O repouso celestial, mereceu-o por ser filho de Abraão, não apenas segundo a carne (que não pode efetuar a salvação espiritual, Jo 3.5,6), mas conforme o seu caráter (Jo 8.39).

2. O rico. “Morreu também o rico, e foi sepultado”. Sua provação chegou ao fim. Talvez sua última oportunidade de arrependimento fosse o mendigo colocado sob seu olhar. O desprezo por Lázaro pode ter sido a gota que fez transbordar a taça da longanimidade de Deus. Tivesse tratado bem a Lázaro, teria hospedado um anjo, sem saber. Deixando passar a oportunidade, porém, sua própria morte seguiu-se logo após a de Lázaro. Há ironia na menção de seu enterro, considerando o que se segue. Podemos imaginar um enterro magnífico: inúmeros pranteadores alugados, especiarias e ungüentos de grande valor, sepulcro majestoso. Mas a glória que recebeu o seu corpo foi a mesma dada a um ídolo de barro. Seu verdadeiro ser despertou do sonho de confortos e prazeres para enfrentar o rigores da eternidade.

III. Dois Destinos (Lc 16.23-31)

Grande lição notamos aqui: Lázaro, evidentemente, precisou da ajuda do rico, mas o rico jamais imaginara vir a precisar de Lázaro. Busca, agora, ajuda daquele que fora mendigo, porém é tarde demais! Faz dois pedidos: 1) “Mande

Lázaro para mim!” 2) “Mande Lázaro para os meus irmãos!”

1. Mande Lázaro para mim. “E no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio”. A morte tirou do rico as glórias nas quais se deleitava; tirou-lhe todo o conforto; arrancou-lhe a máscara de carne vestida em púrpura, revelando sua alma minguada, pobre e atormentada. O Hades (no hebraico, “Sheol”) é o lugar dos espíritos dos mortos. Antes da ascensão de Cristo, tanto os bons quanto os maus iam para Sheol, que se dividia em dois compartimentos. O rico encontrava-se na segunda seção. “Seio de Abraão” e “Hades” são estados intermediários. Assim como o Paraíso (agora no terceiro céu, 2 Co 12.2,4) é uma espécie de sala de espera onde os justos aguardam a glória final, o Hades é uma sala de espera, onde os ímpios aguardam julgamento - daqui, serão enviados ao inferno final, o Lago de Fogo.

“Viu ao longe Abraão e Lázaro no seu seio” (cf. Is 65.13; Lc 13.28). As Escrituras não informam se os condenados ao Lago de Fogo poderão observar os justos no Céu. Porém entendemos que a miserável situação dos perdidos será agravada quando comparada à bem-aventurança dos salvos (Lc 15.17).

“E, clamando, disse: Pai Abraão”. Firmava-se ele ainda na esperança de que seus privilégios naturais lhe dessem alguma vantagem; alegava ser Abraão antepassado seu (Mt 3.9; Jo 8.41; Rm 2.17), não percebendo que estava somente aumentando a sua culpa. Por que fora lançado no lugar de tormentos? Porque não andara nos passos do generoso e fiel Abraão!

“Tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama”. Clama, agora, por um amigo, alguém que lhe conceda um mínimo alívio às suas dores.

Abraão informa-o de que duas leis eternas impossibilitam a concessão do pedido.

1.1. A lei da eqüidade. “Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente os males (Mt 5.4; At 14.22; 2 Co 4.17); e agora este é consolado e tu atormentado”. Noutras palavras: “Lembre-se de como você vivia na terra, e entenderá a sua atual condição”. Enfatiza-se o pronome teus. Roupas finas, divãs macios e festas alegres tinham sido a sua alegria. Como fora cego para as coisas realmente “boas”! Instintivamente, sabia não haver nada melhor que o amor a Deus e ao próximo, mas escolheu viver para o próprio-eu. Lázaro recebera “males”, não porque os escolhera ou porque eram “dele”. Trágicas circunstâncias os lançaram sobre ele. Uma centelha de compaixão pode ter ardido no peito do rico ao enxergar o mendigo pela primeira vez, mas o sopro gelado do amor-próprio rapidamente a apagou. Pode-se perguntar: “Se Lázaro era verdadeiramente filho de Deus, por que Ele permitiu que vivesse e morresse em pobreza total?” Não há registro da experiência espiritual de Lázaro, mas é possível que as coisas as quais o rico considerava “males” - a pobreza, a dureza e a doença - fossem meios de levar Lázaro a confiar totalmente em Deus, ao invés de depositar confiança nas coisas da terra. Talvez este fosse, para Lázaro, o caminho mais seguro.

1.2. O caráter determina o destino. O rico, agora tão pobre, pode entender que, na morte, separam-se os elementos bons dos ruins, que no mundo se misturam e confundem. Por força de lei eterna, os semelhantes se agrupam: “E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tão pouco os de lá passar para cá”. Tão grande é este abismo quanto a diferença entre o bom e o ruim, a santidade e o pecado, a abnegação e o egoísmo. Fixa-se o abismo porque tais qualidades tendem à permanência, e porque nada há no inferno que conduza à regeneração do caráter. No Céu estão os que amavam a Deus e ao próximo; no inferno, os que, esquecendo-se de Deus, amavam apenas a si mesmos.

2. “Mande Lázaro a meus irmãos!” O propósito dos versos 27-31 é ensinar que

a ignorância não é desculpa para os que vivem de maneira indigna. A preocupação do rico pelos irmãos (vv. 27, 28) parece indicar arrependimento de seu egoísmo e falta de amor. Examinando melhor o assunto, porém, percebe-se a tentativa de justificar a si mesmo e acusar a Deus, como se dissesse: "Fosse eu alertado a tempo, tivesse Deus me dado clara evidência da necessidade do arrependimento e deste lugar, jamais chegaria a esta condição. Mas, embora não tenha eu recebido advertência, meus irmãos poderão recebê-la". A resposta de Abraão é breve e quase severa: "Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos". Ou seja: "Já estão advertidos. Têm o suficiente para livrar-se deste lugar de tormento" (cf. Jo 5.39, 45-47).

O suplicante insiste: "Se alguém voltasse de entre os mortos, com a clara luz da eternidade a brilhar nos olhos, para informar-me que a vida além-túmulo não é ficção, então teria crido e deixado meus caminhos egoístas". O rico dá a entender que a Palavra de Deus lhe era insuficiente. Deixara suas riquezas, mas levou consigo o desprezo pelas Sagradas Escrituras. Abraão, com um olhar profético na descrença mundial, respondeu: "Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite". Comprova-se esta declaração por João 11.44-48. A placa na estrada pode indicar a direção da cidade, mas se a pessoa não quiser viajar naquela direção, os sinais de trânsito não poderão forçá-lo a tal. Os milagres são sinais sobrenaturais que apontam para Deus e sua justiça; mas, erguendo-se o homem contra Deus, os milagres não o poderão forçar a crer. O incrédulo achará sempre uma maneira de "explicar" o milagre.

Jesus Ensina Acerca da Gratidão

Texto: Lucas 17.11-19; Salmo 103.1-5

Introdução

"Se você quer amar a humanidade, não exija demais das pessoas", dizem os franceses. A ingratidão da natureza humana é proverbial. Uma das primeiras lições aprendidas por quem é freqüentemente chamado a ajudar pessoas é não esperar gratidão. Realmente, podem se dar por felizes se escaparem sem receber críticas ou até calúnias.

O texto a ser estudado neste capítulo inspirar-nos-á o espírito de gratidão.

I. A Petição Respondida (Lc 17.11-19)

1. A lição dos dez. "Saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos". O sofrimento comum pode tê-los ajuntado, porque eram excluídos da sociedade (2 Rs 7.3). Mais que isto, derrubara o muro de inimizade feroz que separava judeus e samaritanos - um samaritano fora admitido neste triste grupo. O pecado reduz-

nos ao mesmo nível. É doença comum à família de Adão (Rm 3.22,23). A lepra tipifica o pecado: é contagiosa, separa os doentes dos que são limpos e é repugnante.

Estes pobres proscritos, obedecendo ao mandamento (Lv 13.46) “pararam de longe; e levantaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós!” Respondeu-lhes Jesus: “Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes”. Não se prendia o Mestre a um único método de curar pessoas. Revelam-nos os evangelhos marcante variedade de modos com que tratava os doentes. Por exemplo, a um certo leproso, purificou-o primeiramente, e só depois mandou-o apresentar-se no Templo (Mt 8.2-4). Neste caso, os dez são mandados a mostrar-se aos sacerdotes sem a imediata purificação. “E, aconteceu que, indo eles, ficaram limpos”. Não os curou imediatamente para testar-lhes a fé. Sem que houvesse sinal de cura, receberam ordem de fazer o que dava a entender estarem curados. Sabiam que os sacerdotes não podiam curar - a tarefa destes era declarar limpo o leproso, e formalmente reintegrá-lo à congregação (Lv 14.3,4). Note-se que, quando possível, Cristo requeria fé da parte dos que curava. A obediência dos dez leprosos demonstra que a fé começara a operar neles. Pretendia também o Mestre testar-lhes a gratidão. Quando perceberam-se curados, é pouco provável que estivessem perto de seu benfeitor; é possível que se encontrassem bem adiantados na viagem, não sendo, portanto, tarefa fácil voltar para agradecer-lhe.

2. A lição dos nove. “Não foram dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?” Esta pergunta é crucial. Os nove receberam a dádiva, e esqueceram-se do Doador. Estavam todos felizes, mas apenas um era grato; todos disseram: “Por favor!”, mas somente um lembrou de dizer: “Obrigado”; dez saíram a obter algo do Senhor, mas somente um retribuiu-lhe algo.

3. Uma lição do um. “E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz, e caiu aos seus pés, com o rosto em terra dando-lhe graças; e este era samaritano”. Já avançados na viagem, ficaram cônscios de que o poder de Deus os curava, e foram purificados. Um deles voltou para dar glória a Deus

e agradecer ÀquEle que o curara - como Naamã, o sírio, que, liberto de igual infecção, voltou, rogando ao homem de Deus que aceitasse um presente (2 Rs 5.15).

Os outros nove continuaram seu caminho, de posse da sua bênção, sem se preocuparem em agradecer. Gritaram bastante ao pedir a cura; agora, emudeciam à gratidão. Abrimos nossas bocas até Deus abrir suas mãos para nós; depois, cheios de boas coisas, ficamos mudos e indiferentes. O samaritano, que levantara a voz na oração, grita igualmente no louvor. Sua impureza o forçara a guardar distância, porém, uma vez curado, cai aos pés do Salvador.

"E disse-lhe: Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou". Não era único propósito do Senhor, ao curar, o alívio aos sofrimentos físicos, mas, sim, empregar a cura do corpo como passo em direção à cura da alma. Seu desejo era transformar em discípulos aqueles a quem curava. Em muitos casos, não era necessária a persuasão, porque a beleza e poder de sua personalidade atraía as pessoas. Os nove leprosos receberam a cura física, mas ficaram sem a bênção mais importante: a espiritual. Recebeu-a apenas o que voltou para agradecer.

II. O Coração Aberto e o Louvor Derramado (Sl 103.1,2)

Deus abençoa ao homem com dádivas; o homem bendiz a Deus com louvor.

O salmista bendiz ao Senhor:

1. Com sua alma. "Bendize, ó minha alma, ao Senhor". Não meramente com a língua e a pena, mas com o mais profundo do seu ser. O espírito, o íntimo do próprio-eu, conclama a alma, parte mais fraca que pode ser desestimulada (Sl

42 e 43). A alma precisa de estímulo e controle para contemplar as dádivas de Deus e louvá-lo. Distingue-se o homem na criação animal pela sua capacidade de refletir sobre si mesmo, raciocinar consigo mesmo, negar a si mesmo, examinar a si mesmo e despertar a si mesmo espiritualmente (2 Tm 1.6).

2. Com todo o seu ser. "E tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome". Como general capaz, Davi alista no serviço de Deus cada faculdade, pensamento, capacidade e afeição. A alma do ímpio é um exército sem general; suas energias não estão sujeitas a um poder controlador. O homem consagrado é aquele que submete todo o seu ser à vontade de Deus.

3. Com a lembrança das bênçãos recebidas. "Não te esqueças de nem um de seus benefícios". O homem esquece com facilidade, precisando ser exortado a lembrar-se da bondade e misericórdia de Deus (cf. Dt 6.12; 8.11,14; 32.18; Sl 105.5; 106.7,21; 116.12; Jr 2.32; Lc 17.15-18). Ao lembrar-se dos benefícios recebidos do Senhor, o coração conhece o calor da gratidão.

4. Com reverente admiração pelo caráter de Deus. "Bendiga o seu santo nome". O "nome" é o caráter de Deus. A palavra "santo" inclui a perfeição da sua natureza divina, que o separa de tudo que é pecaminoso e imperfeito. "Bendizer" é mais que louvar; é louvar com amor e gratidão.

III. Os Céus Abertos e as Bênçãos Derramadas (Sl 103.3-5)

O salmista conta as bênçãos que fazem brotar louvores em sua alma.

1. "É ele que perdoa todas as tuas iniqüidades". Este é o maior dos benefícios, razão pela qual o salmita o coloca em primeiro lugar. Nenhuma bênção virá da

parte de Deus se o caminho não estiver aberto mediante o perdão dos pecados.

2. “Sara todas as tuas enfermidades”. Mesmo séculos depois da aliança de cura, em Mara, Israel reconhecia que era o Senhor quem curava o seu povo (2 Cr 16.12).

3. “Quem da cova redime a tua vida”. Quando a doença é mortal, e o perigo nos ameaça, Deus intervém e nos “redime” - ou liberta (Sl 116.8; Is 38.16-20). Deus preserva a alma salva por Ele. A alma é salva pelo perdão, e o corpo, preservado pela cura. Os salvos enfrentam perigos mil, porque Satanás anda em derredor, procurando a quem devorar. Deus, porém, redime nossa vida da destruição.

4. “E te coroa de benignidade e de misericórdia”. O amor de Deus não somente liberta do pecado, da doença e da morte; transforma seus filhos em reis, coroando-os com sua graça e misericórdia. Sobre os pecadores redimidos, derrama incontáveis riquezas vindas de seu coração, e mostra-lhes o suave caminho do amor. A misericórdia é a ternura do amor eterno.

5. “Quem enche a tua boca de bens”. Os bens são acima de tudo espirituais. Deus satisfaz os mais profundos anseios e necessidades da alma, durante toda a vida.

6. “De sorte que a tua mocidade se renova como a águia”. Esta é, talvez, uma alusão à troca de penas da águia, quando aumentam suas forças e atividades. Como pode envelhecer alguém que vive com Deus? O corpo, sim, porém jamais a alma. Deixando para trás poderes passíveis de decadência, receberá em troca mais capacidade espiritual.

IV. Ensinamentos Práticos

1. Causas da Ingratidão. A gratidão deveria ser tão comum como o orvalho. O mundo, porém, é estéril em gratidão para com Deus e os homens. O mesmo também se pode dizer dos crentes, porque o texto em apreço ressalta que é possível orar, crer e obedecer, e ainda assim não dar graças.

Causas da ingratidão:

1.1. Ausência de reflexão. Os nove leprosos eram pessoas comuns - não costumavam refletir. Talvez estivessem por demais ocupados com a bênção.

1.2. Orgulho. Talvez os nove leprosos considerassem que, por serem israelitas, tinham direito à bênção. O estrangeiro, excluído da comunhão de Israel, sentia sua indignidade. A humildade jaz à raiz da gratidão.

1.3. Visão encoberta. As pessoas tendem a ser ingratas quando não vêem seu benfeitor. A cura dos dez leprosos aconteceu quando Jesus não estava visível. "Longe dos olhos, longe do coração" diz o adágio popular. Facilmente as pessoas desfrutam da criação sem lembrar do Criador. Esquecem-se os homens que, numa ceifa, dois por cento do trabalho é feito pelo homem. Noventa e oito por cento é resultado da cooperação da natureza - e de Deus.

1.4. Baixa estima. Outra razão comum para a ingratidão é a apreciação imperfeita dos dons de Deus. A saúde é cobiçada pelos doentes, mas pouco estimada pelos que a possuem. Há um perigo espiritual vinculado à ingratidão. Ver Romanos 1.21. Alguém disse: "Aquele que se esquece de ser agradecido, pode um dia ver-se sem nada para agradecer".

2. Avançando firmado na Palavra de Deus. Os leprosos, ao saírem para procurar o sacerdote, não tinham uma clara promessa de que Cristo os curaria, estava apenas subentendida. Mas eles sabiam: o Mestre desejava que confiassem nEle. Assim, ainda com a lepra, foram procurar o sacerdote para que este os declarasse curados. Sua fé era recomendável, e foi honrada.

Fé não é crer no que vemos; é ver o que cremos. Pessoas há que avançaram confiadas na Palavra de Deus, sem considerar evidências contrárias, e receberam a bênção. Também nós devemos agir, supondo já concedido por Jesus aquilo que pedimos, embora não tenhamos ainda consciência do resultado. Temos de - por assim dizer - procurar o sacerdote enquanto ainda sentimos a lepra.

3. Persistindo na bondade a despeito da ingratidão. Jesus certamente sentiu-se decepcionado ao ver que só um voltou para agradecer. No entanto, jamais desistiu de curar. Que ministério imaculado! Suas obras de misericórdia foram recebidas com ingratidão, mas a torrente de boa vontade e bênçãos continuava a fluir.

Os que se dedicam a ajudar os outros podem sofrer a tentação de perder a confiança na natureza humana. A estes, vale a admoestação: “E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido” (Gl 6.9).

4. “E este era samaritano. Mais profunda gratidão recebeu o Messias de Israel de um estrangeiro que de alguém do seu próprio povo. João 1.11 poderia ser assim traduzido: “E chegou aos que eram dEle, e os do seu próprio povo não o apreciavam” (cf. Mt 8.10).

As cataratas do Niágara são mais apreciadas pelos visitantes que pelos moradores locais. As bênçãos do Senhor freqüentemente são mais apreciadas pelos recém-chegados à igreja que por aqueles já há muito no Caminho. Vivamos a nossa fé, conservando a simplicidade e a humildade infantis, e não perderemos a novidade de nossa experiência.

5. A vida de louvor. Deu-se a certo homem uma alcunha. Nos lugares em que freqüenta, chamam-no "Aleluia". Quando se hospeda num hotel, os demais viajantes dizem: "Aí vem o Aleluia". Recebeu o apelido porque é um cristão que louva. Tendo Cristo como fonte de alegria transbordante, tal nome torna-se agradável e bem aplicado. A gratidão, na terra, é excelente preparo à vida no Céu.

6. Louvando a Deus de antemão. O fazendeiro planta a semente, aguardando a ceifa. Ao final da ceifa, quando tudo já está nos celeiros, celebra o dia de Ação de Graças. Isto é razoável com respeito às coisas materiais. Porém, ao plantarmos sementes espirituais, tais como orações, as ações de graças devem ser antecipadas.

Fossem todas as nossas orações respondidas, não teríamos vontade de louvar a Deus? Por que não louvá-lo antes que nos responda. É comum pagarmos um produto antes que nos seja entregue. Demonstramos, mediante tal ato, nossa confiança na loja. Se pedimos algo ao Senhor, é justo pagarmos de antemão o louvor que lhe é devido.

Não estaria o nosso vôo em direção à presença de Deus tão desajeitado por termos mais desenvolvida a asa da petição que a do louvor? Estamos orando muito por certo favor? Talvez o Senhor deseje que cessemos a petição e comecemos a louvar.

A Conversão de Zaqueu

Texto: Lucas 19.1-10

Introdução

Os fariseus reconheciam duas atitudes para com o pecado: a condenação e a tolerância. Jesus também condenava o pecado, mas demonstrava uma terceira atitude para com o pecador, a saber, a redenção. Veio não somente anunciar aos homens que estavam perdidos, mas buscar e salvar os que assim se encontravam. Tal atitude é ilustrada na conversão de Zaqueu.

I. A Salvação Desejada (Lc 19.3)

“Procurava ver quem era Jesus”. Mera curiosidade? Fosse assim, seria mais um caso de curiosidade que resultou em salvação. Talvez Zaqueu tivesse ouvido acerca deste rabino excepcional, conhecido como “amigo dos pecadores”, que amava aos publicanos. Por isso, desejava ver de perto o Mestre que possuía algo que faltava aos demais rabinos.

A multidão era-lhe obstáculo por causa da sua pequena estatura. Mas esta é a história de um homem que venceu as próprias limitações, resoluto em ver Jesus. Subiu num sicômoro com toda a pressa. Não era um lugar muito digno para um diretor do Departamento do Tesouro, mas, que era a honra dos homens comparada aos valores celestiais que sua alma ansiava receber? Venceu o orgulho que impede a tantos receberem o melhor de Deus.

II. A Salvação Impedida (Lc 19.1-3)

Havia quatro obstáculos a serem vencidos por Zaqueu:

1. Seu emprego. Zaqueu pertencia à odiada classe dos coletores de impostos judeus empregados pelo governo romano. Era o "maioral dos publicanos", ou seja, diretor de impostos na cidade de Jericó. Mesmo fossem tais pessoas honestas, sua situação seria ruim, porque representavam o governo de Roma, que conquistara a Palestina. Mas, além de tudo, eram desonestos e opressores. Fixavam valores irreais às mercadorias sobre as quais cobravam impostos. Às vezes emprestavam dinheiro aos que não conseguiam pagá-los, cobrando juros exorbitantes. Sua própria posição tentava-os a cobrar a mais e a oprimir, porque a única defesa dos extorquidos era um juiz romano.

Os rabinos classificavam os publicanos como salteadores, adúlteros, assassinos e pagãos, e apregoavam legítimo o não-pagamento de tais dívidas. Além disso, os publicanos eram considerados excluídos da vida da nação, mortos para os deveres religiosos e respectivos privilégios. Tinham-nos por cheios de mundanismo e desejo de lucro; sem consciência, temor a Deus e aspirações devocionais.

Se tal era a opinião geral, seguia-se que os publicanos se enquadravam nela e consideravam assim determinada a sua sorte: na sua posição, não podiam temer

a Deus nem guardar os seus mandamentos. E, já que não receberiam qualquer crédito pela honestidade e retidão, não havia incentivo para buscarem a aprovação dos homens ou cultivarem o respeito próprio. Havia, no entanto, alguém que os entendia e simpatizava com eles, e que sabia como despertar neles o desejo de voltar à casa paterna. A parábola do Filho Pródigo deve ter sido a experiência de centenas destes homens, salvos por Jesus de uma vida de pecado e transformados em filhos do Pai celestial.

2. Seu dinheiro. "E era rico", obstáculo um tanto difícil para quem deseja entrar no Reino. Zaqueu, ao contrário de um outro rico, possuía riquezas, mas não era delas escravo. Ver Mateus 19.16-26 e comparar os dois homens: um era de boa moral, o outro, pecador; um era um oficial na sinagoga, o outro, representante dos pagãos invasores; um era popular, o outro, odiado; um não tinha multidão a impedi-lo, o outro teve de superar obstáculos para ver Jesus; um deles afastou-se triste, o outro foi embora feliz. E, se ambos tivessem se aproximado de Jesus ao mesmo tempo, os que os cercassem certamente elegeriam o jovem oficial como melhor candidato a discípulo. Jesus, porém, sabia julgar os homens.

3. Seu tamanho. "Era de pequena estatura". Ao ver Jesus passar por Jericó acompanhado de uma multidão de discípulos, grande número de entusiastas imaginavam-no a caminho de Jerusalém para estabelecer pomposamente o Reino de Deus. É fácil imaginar Zaqueu correndo para lá e para cá, procurando achá-lo no mar de gente, tentando abrir caminho a cotoveladas, ficando na ponta dos pés. Tudo em vão. Seu tamanho era impecilho à sua esperança.

4. Sua religião. O verso 7 sugere que o desamor dos religiosos não atraía Zaqueu à Casa do Senhor.

III. A Salvação Oferecida (Lc 19.4,5)

1. O Salvador que busca. O rosto esperançoso e suplicante olha para baixo, em meio à verde folhagem. Finalmente Zaqueu o avista. Mas, veria Jesus o publicano? Como poderia deixar de vê-lo? Jesus reconhece os seus, mesmo nos lugares improváveis. Assim como descobrira Mateus cobrando impostos e Natanael debaixo da figueira (Jo 1.48), com um olhar certeiro, vê Zaqueu no sicômoro e revela o seu esconderijo: "E quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu..." O coração do Salvador, a ansiar por pecadores, e o coração do pecador, ansiando pela salvação, não deixariam de notar-se! O Redentor tem olhar penetrante, e enxerga os que dEle têm necessidade. O Cordeiro tem "sete olhos".

2. O Salvador que chama. "Zaqueu, desce depressa". Como sabia Jesus o seu nome? Ver João 10.3. As pessoas surpreendiam-se ao constatar o quanto Jesus sabia delas (Jo 1.48; 4.29). Ilustra-se aqui o chamado de Jesus a cada pecador. Fixando nele o olhar, e chamando-o do meio da multidão, o Salvador não deixa dúvida de que o conhece e entende seus caminhos e desejos. Deixa claro também que tratará com ele individualmente. O não-convertido pode desprezar o convite à fé por julgá-lo generalizado. Porém chegará o momento em que a mensagem será dirigida a ele, especificamente (1 Co 14.24,25). O Senhor sabe onde estão as pessoas.

Jesus ordenou a Zaqueu que se apressasse, porque não queria deixá-lo em suspense e perigo. Nenhum preparo foi necessário. O único argumento que o homem pode oferecer é a sua necessidade e desejo de salvação.

Há, porém, algo que Zaqueu e todo pecador precisa fazer: descer, a fim de encontrar-se com o Salvador. Aquele que busca a salvação deve descer de seu orgulho pecaminoso e curvar-se em arrependimento e fé. Descendo Zaqueu, Jesus poderia então levantá-lo.

3. O Salvador que se convidou. "Hoje me convém pousar em tua casa" (Jo 14.23; Ap 3.20). Não era falta de delicadeza convidar-se para ser hóspede na

casa de alguém? Jesus, porém, é Rei, e um rei não espera convite, apenas anuncia sua visita; a honra não é para o soberano, e sim para o súdito. E o Rei da salvação de Zaqueu sugere seja o banquete preparado imediatamente. O "convém" expressa o constrangimento do amor divino, porque seu coração se estende a este homem; revela o constrangimento do propósito divino, porque Zaqueu precisava ser salvo, e importava fosse feito logo.

IV. A Salvação Aceita (Lc 19.6,8)

Quanta graça oferecida a Zaqueu! Os fariseus e escribas o desprezavam e condenavam, mas Jesus o recebe, ama e honra. Fecharam-lhe o Templo, mas sua casa recebe maior glória que aquele. Fora excluído da sociedade, mas era agora amigo do Rei. Negaram-lhe fraternidade espiritual, mas ele tornou-se cidadão do Reino de Deus, onde terá incontáveis companheiros e irmãos. A resposta imediata a esta graça foi a sua conversão.

Evidências da sua conversão:

1. Obediência. "E apressando-se, desceu, e recebeu-o gostoso". Zaqueu subiu na árvore como pecador, e desceu como um santo, feliz. Fez-se a oferta da graça, e Zaqueu aceitou-a. A grande transação se completara.

2. Testemunho público. "E, levantando-se Zaqueu, disse ao Senhor". Encontrara a graça de Deus, e não lhe importava que as pessoas o soubessem. Na verdade, queria tornar conhecida a mudança que se efetivara em sua vida.

3. Boas obras. "Senhor, eis que dou aos pobres metade dos meus bens". Contrastar Mateus 19.21,22. Temos aqui tangível evidência da mudança de

Zaqueu. Quando a conversão atinge o bolso, certamente há nela algo de real. Note-se não estar o publicano distribuindo aos pobres a fim de ser salvo, mas porque já era salvo. Tinha a viva fé que por si mesma produz boas obras.

4. Restituição. "E, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado" (cf. Êx 22.1-4). Alguns acreditam não serem estas palavras um reconhecimento de abusos que cometera, mas um desafio aos críticos: se ele defraudara alguém, que o provassem. Fosse este o caso, Zaqueu seria uma rara exceção, pois, uma vez que alguém entrasse no "esquema" dos impostos, fatalmente se corrompia. De qualquer forma, a presença de Jesus o teria endireitado, fazendo dele um homem justo, disposto a corrigir os erros do passado. Sendo considerado justo por Deus (pela obra de Cristo), queria também ser justo para com os homens.

V. A Salvação Justificada (Lc 19.7,9,10)

1. A crítica. "E, vendo todos isto, murmuravam, dizendo que entrara para ser hóspede de um homem pecador". Sempre há alguém para estragar uma boa reunião, pondo defeitos! Muitas mãos estavam dispostas a amarrar novamente sobre Zaqueu o fardo do qual acabara de libertar-se. Os descontentes tinham na memória terríveis injustiças praticadas por pessoas como Zaqueu. Se Jesus favorecesse um homem desta classe desprezada, tiraria o sentimento de superioridade daqueles que se consideravam justos (cf. Lc 18.11).

Erravam tais pessoas ao criticar Zaqueu como se ainda fora pecador. Outro exemplo de incapacidade para discernir realidades espirituais, ver Lucas 7.36-39; Mateus 26.6-10.

2. A defesa. A beleza da obra de Cristo revela-se pelo modo como defende seu ministério aos pecadores. Ele apresenta dois motivos para tornar-se hóspede de

Zaqueu: 1) “Pois também este é filho de Abraão”. Ao defendermos um ato de bondade a algum miserável, falamos: “Bem, ele é um ser humano também”. Da mesma forma, Jesus explica o direito de Zaqueu à graça do Messias. 2) “Porque o filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”. Noutras palavras, é seu trabalho procurar pessoas desgarradas, e levá-las de volta a Deus e à retidão.

VI. Ensinamentos Práticos

1. Erguendo-nos acima das deficiências. Zaqueu foi um “maioral”, mas era pequeno em estatura. Cada pessoa é pequena nalgum aspecto: na paciência, na simpatia, no bom senso, na caridade. “Pois todos pecaram e carecem...” (Rm 3.23, ARA).

Como Zaqueu, talvez encontremos uma árvore que nos permita erguer-nos acima das nossas deficiências: a árvore do arrependimento, da oração, da resolução ou da persistência.

2. Tirando vantagem das deficiências. Zaqueu representa o homem que vence obstáculos. É comum vermos pessoas abandonarem a luta, desesperadas; admiramos, no entanto, as que sabem surgir por cima dos obstáculos. Miguelângelo, o célebre escultor, veio a Roma para fazer um trabalho especial. Ao chegar, descobriu que outro escultor levara os melhores pedaços do mármore, deixando-lhe apenas um bloco rachado. A situação parecia desesperadora, mas ele não amaldiçoou o escultor desonesto, nem lamentou a inferioridade da pedra. Sentou-se em frente ao bloco por muitas horas, planejando o trabalho ao redor da rachadura e das partes lascadas. Finalmente, começou a trabalhar, e produziu uma de suas obras-primas - o Menino Rei.

Deus nos ajudará a fazer o melhor uso de nossas vidas, a despeito dos

obstáculos, “porque somos feitura dele”.

3. A virtude equilibrada pela compaixão. Os homens que criticavam Jesus por causa de Zaqueu eram bons e respeitáveis, e devemos dar-lhes o devido crédito. Sua virtude não era perfeita, no entanto, porque não harmonizada à compaixão pelos pecadores. A virtude sem compaixão produz o tipo de religioso chamado “fariseu”. Lutando por serem santos, perdem contato com a santidade (1 Co 13).

Pessoas que alcançam a verdadeira santidade manifestam sua virtude temperada com humildade e compaixão. O que faz com que o caráter de Jesus seja amado até pelos não cristãos? A combinação da verdadeira bondade com a compaixão pelos que vivem no erro!

4. “Hoje veio a salvação”. Pessoas há que vêem a salvação como uma bênção distante - esperam ser salvos no fim. Jesus, no entanto, falava da salvação como realidade presente. Zaqueu soube imediatamente que havia sido salvo. Temos nós a salvação presente? Reconhecemo-nos plenamente salvos - salvos de nossos medos e ansiedades, e do poder do pecado?

5. O valor de uma alma. Após ouvir uma palestra sobre dissecação, certo estudante, normalmente falastrão, quedava-se muito quieto, e um amigo perguntou-lhe por quê. Respondeu: “Aconteceu uma coisa curiosa, hoje. Ao indicar o cadáver no qual trabalhávamos, o professor disse: ‘Cavalheiros, houve tempos em que uma alma imortal habitava ali’”.

Da mesma forma, Cristo veio a um mundo ocupado com muitos negócios, e surpreendia as pessoas ao revelar que cada indivíduo possuía uma alma imortal, de valor infinito para Deus. Esta a razão de deixar o pastor as noventa e nove ovelhas para procurar a extraviada. A expiação baseia-se no valor de cada

personalidade diante de Deus (Mt 16.26).

6. Cristo, o restaurador. O verso 10 pode ser considerado uma mensagem aos cristãos. O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido - ideais, alegria e outros valores espirituais. O Calvário é a melhor "repartição de objetos perdidos".

7. O melhor obreiro. Quem é o melhor obreiro cristão? Não é o grande pensador, nem o líder destacado, mas aquele que, com humildade, firmeza e oração procura as almas perdidas.

Pedro Nega o Seu Senhor

Texto: Lucas 22.47-62

Introdução

O texto em estudo trata de dois homens que não foram leais a Cristo: Judas, que o traiu, e Pedro, que o negou. O primeiro pecado foi premeditado, o segundo, cometido num impulso. O pecado de Judas foi a apostasia - a separação permanente de Cristo por malignidade de coração; o pecado de Pedro foi o desvio - a alienação momentânea de Cristo. A traição selou a apostasia de Judas, e foi seguida de remorso sem proveito; a negação de Pedro expôs a sua condição de fraqueza, e levou-o a um arrependimento piedoso que o aproximou ainda mais do Mestre.

I. Judas Nega a Cristo (Lc 22.47-53)

1. O beijo do traidor. A agonia do Getsêmani terminara havia pouco, e um grupo de pessoas se aproximava. Era lua cheia, e podia-se facilmente vê-los avançando ao longo da estrada poeirenta. Compunha-se o grupo de soldados romanos, policiais do templo, sacerdotes, membros do sinédrio e alguns servos dos sacerdotes. Estando Jesus acompanhado por onze homens resolutos, que

poderiam atrair grande número de simpatizantes no caminho da cidade, decidiu-se enviar uma companhia de soldados para prendê-lo. Alguns membros do sinédrio vieram em pessoa, ansiosos por que o plano não falhasse. Vieram com espadas (os soldados romanos) e cassetetes (a polícia do templo), e carregavam consigo lanternas e tochas, porque acreditavam ter de procurar Jesus nalgum esconderijo, no jardim.

O líder do grupo era Judas, cujo crime tinha agravantes: 1) profanara a Páscoa, o período mais santificado do ano; 2) invadiu o santuário das devoções do Mestre, sabendo ser o Getsêmani um dos seus lugares de oração favoritos e tirando vantagem deste fato; 3) agiu com hipocrisia. É provável que viesse à frente do grupo, agindo como se não pertencesse a ele. Aproximou-se de Jesus como para adverti-lo do perigo e mostrar-se solidário em seu infortúnio: abraçou-o e beijou-o repetida e fervorosamente (este é o significado, no original).

2. A resistência dos discípulos. Os discípulos exclamaram: "Senhor, feriremos à espada?" E Pedro, sem esperar resposta, desferiu um golpe contra o servo do sumo sacerdote. Era, porém, um golpe desferido por um homem nervoso. Pedro teria sofrido duras conseqüências não tivesse Jesus interferido, colocando-se entre Pedro e as outras espadas que poderiam ter abatido o discípulo: "Deixai-os; basta. E, tocando-lhe a orelha o curou". "Todos os que lançam mão da espada, à espada morrerão", foi a advertência do Senhor a Pedro, cujo ato precipitado não era condizente com a dignidade de Cristo (Mt 26.53), nem com as Escrituras (Mt 26.54), nem com o propósito do Pai (Jo 18.11).

A expressão "poder das trevas" (v. 53) demonstra ser o Mestre consciente de que era a luz, e que a oposição a Ele eram trevas. Docemente, submete-se à negra inundação. Tinha a certeza de que as ondas do mal logo passariam. Breve era o triunfo das trevas, e levaria à eterna vitória da luz.

3. A repreensão do Senhor. Podemos assim interpretar as palavras dos versos 52 e 53: "Quantas vezes ensinei publicamente no Templo, onde vocês são a

autoridade estabelecida, e jamais puseram as mãos em mim. Por temerem o povo, que consideravam amigos meus, não ousavam prender-me à luz do dia. Há, porém, uma razão mais profunda para fazê-lo agora: esta é a hora determinada por Deus para que cumpram o seu maligno propósito. O poder que os impulsiona harmoniza-se com esta hora, porque é o poder das trevas".

II. Pedro Nega a Cristo (Lc 22.54-62)

1. O cenário da negação. Quando Cristo foi preso, no Getsêmani, Pedro fugiu com os demais. Sua afeição ao Mestre, porém, o atraiu de volta. Seguia a uma distância segura o bando de soldados e, acompanhado por João, chegou ao palácio do sumo-sacerdote, onde Cristo haveria de ser processado (ver Jo 18.15,16). Parece que João entrou na corte com os guardas e, graças à amizade que tinha com a pessoa que cuidava do portão, conseguiu entrada a Pedro. A casa do sacerdote, como outros lares orientais, era edificada ao redor de um alpendre com quatro lados. No centro do alpendre, os empregados assentavam-se, aquecendo-se junto ao fogo. Pedro ora assentava-se com eles, ora andava inquieto pelo pátio, fingindo indiferença, mas na realidade traindo a si mesmo.

2. O prelúdio à negação. "E Pedro seguia-o de longe". Era melhor que não seguir de modo algum. Este seguir à distância indicava afeição. Porém, os acontecimentos que se seguiram provam que "de longe" não é a distância ideal para se estar do Mestre. Tivesse Pedro se colocado ao lado do Mestre, a presença deste conceder-lhe-ia firmeza. A firme decisão evita o ataque do inimigo. Tivesse Pedro tomado esta posição, talvez o deixassem em paz. Os provocadores nos atormentam tanto mais quando nos vêem irritados. A melhor maneira de seguir a Cristo é bem de perto e até ao fim.

3. O ato da negação. Juntando as narrativas dos quatro evangelhos, vemos Pedro ser zombado em três ocasiões. As pessoas que o seguiam pelo pátio divertiam-se com os temores do discípulo.

3.1. A primeira negação. “Este também estava com ele”. Falava a criada que ficava de vigia no portão. Parecia suspeitar dele desde o princípio, observando-o desde que entrara e se assentara perto do fogo. Ao dizer “também”, talvez se referisse a João, a quem deixara entrar, e não corria perigo algum, porque não temeroso por sua própria segurança. Por certo percebeu o temor refletido no rosto de Pedro. A pergunta da empregada trouxe à superfície os temores escondidos de Pedro, e ele ficou assustado a ponto de dar uma negação indireta. Tivesse olhado a moça nos olhos, e respondido: “Sou um seguidor de Jesus, e orgulho-me disso. Por que pergunta?”, a moça provavelmente teria pedido desculpas e ido embora.

3.2. A segunda negação (v. 58). A esperança de Pedro quanto ao esquivar-se às perguntas era em vão.

3.3. A terceira negação (vv. 59,60). O sotaque de Pedro indicava que era da Galiléia, e, como a maioria dos seguidores de Jesus vinha daquela região, supunham ser ele um discípulo: “E Pedro disse: Homem, não sei o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo”.

4. O arrependimento após a negação (vv. 60-62). Simultaneamente ao cantar do galo, Jesus voltou-se e olhou para Pedro da câmara que dava para o pátio. Demonstrava que, apesar dos próprios sofrimentos e tristezas, não se esquecera do apóstolo fraco. Seu olhar atingiu o coração e a consciência de Pedro.

Pedro fugiu dali, desaparecendo na noite, um homem de coração partido, querendo ficar a sós com sua consciência e com Deus, para levar a efeito seu arrependimento. Diz a tradição que Pedro não podia mais ouvir um galo cantar sem que caísse de joelhos e chorasse. O que distingue o arrependimento de Pedro do de Judas? (Mt 27.3-5). O arrependimento de Judas era apenas remorso, que se dói pela conseqüência do pecado - Tivesse o Senhor escapado da morte,

Judas ficaria satisfeito pelas moedas de prata no bolso. O arrependimento, porém, magoa-se com a negridão do pecado.

III. Ensinamentos Práticos

1. A fraqueza da força. Pedro foi sincero ao insistir que seguiria o Senhor até à morte. Não tinha, porém, conhecimento das suas fraquezas; confiava demasiadamente em suas forças. Sem dúvida, imaginara uma cena impressionante. O sumo sacerdote diria a ele: "Simão, filho de Jonas, faça a sua escolha: renuncie a Jesus ou irá com ele para a prisão". E Pedro vê-se aprovado pelo Mestre e secretamente admirado pela corte ao responder: "Minha escolha está feita. Mesmo que todos neguem o meu Mestre, eu não o negarei".

O que aconteceu na realidade? O apóstolo, tremendo, ficou à distância. Bastou a pergunta de uma empregada qualquer, para que toda a sua coragem se esgotasse. E um galo lembrou-lhe a derrota!

Temos mais probabilidade de cair por nossos pontos fortes que por nossas fraquezas. Isto porque a confiança em nossa própria força nos torna descuidados. Preparamo-nos para enfrentar um leão, e perdemos a coragem por causa de umas picadas de mosquito! Pedro orgulhava-se de sua lealdade ao Mestre. Mas foi justamente neste ponto que ele caiu. Paulo escreveu: "Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia" (1 Co 10.12). De si mesmo, disse: "Porque quando estou fraco então sou forte" (2 Co 12.10).

2. Tomando posição firme por Cristo. Foi no meio da conversa comum do convívio humano que Pedro negou o seu Mestre. E a verdade é que cometemos ofensa semelhante quando guardamos silêncio nas horas em que devemos falar em prol dEle.

Numa festa em Londres, no século passado, os convidados começaram a falar leviandades acerca do Cristianismo, trocando piadas sobre as coisas santas. Então, um homem levantou-se, mandou que lhe fosse trazida a carruagem, e despediu-se de modo cortês: “Sinto muito ter de ir embora, mas sou um cristão”. Este homem veio a ser primeiro-ministro da Grã-Bretanha, “Sir” Robert Peel. Tivesse conservado silêncio, teria dito como Pedro: “Não o conheço”.

3. O discipulado à distância. A maneira mais fácil de seguir a Jesus é bem de perto. Pedro foi derrotado devido à sua hesitação. Fosse sua resposta um testemunho de coragem, teria sido respeitado. Às vezes um exército fraco mantém o mais forte na defensiva por meio de ataques corajosos. De igual modo, a firmeza é a melhor arma para o cristão enfrentar o mundo. A transigência e a timidez são um convite ao ataque, e inspiram o desprezo. Um marinheiro, por exemplo, se cristão dedicado, merecerá o respeito dos seus camaradas, mas ai dele se descobrirem qualquer inconsistência no seu proceder! A melhor maneira de seguir a Cristo é declarando-se corajosamente seu discípulo.

4. O poder do mal está limitado. “Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas”. Estas palavras sugerem duas verdades. A primeira é que há momentos indicados por Deus quando permite que Satanás e os homens persigam o seu povo; a segunda é que o tempo é limitado e curto.

“Por que Deus não mata o diabo?” perguntam muitos. Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. Por sábio propósito, Deus permite a Satanás que trabalhe, porque suas atividades acabam por resultar em glória para Ele e bem para o seu povo. Deus é mais poderoso do que o diabo, e pode transformar as vitórias de Satanás em derrotas. O inimigo imaginava ter desferido um golpe contra Deus ao incitar a crucificação de Cristo; mas o Calvário tornou-se sua sentença de morte. Foi ali que o Filho de Deus esmagou a serpente.

A Igreja, ao sofrer o ataque dos perseguidores, saber estar enfrentando a hora das trevas. O poder do diabo é limitado, porém (cf. Ap 12.12; 20.3), e logo é posto um fim à sua fúria.

5. Olhos como chama de fogo. "E, virando-se o Senhor, olhou para Pedro". Havia naquele olhar tríplice mensagem.

5.1. O Mestre presenciara as negações e a covardia de Pedro. Contempla-nos o Senhor a cada momento, testemunhando os atos pelos quais, na prática, o negamos. Mas consola-nos saber que há compaixão no seu olhar, e que Ele nos entende melhor que nós mesmos. Pedro, mais tarde, sabiamente passou a confiar na capacidade de julgamento do Mestre (Jo 21.17). O olhar do Senhor removeu a máscara que encobria o coração de Pedro. Preocupado em salvar-se, Pedro não percebeu que magoava o Mestre. Como um raio a iluminar a área onde cai, o olhar do Mestre mostrou a gravidade do ato de Pedro.

5.2. O Mestre estava triste com a negação. Pedro não pensava estar entristecendo o Mestre, preocupava-se apenas em poupar a si mesmo. Se a obediência agrada ao Senhor, não lhe traria tristeza a infidelidade?

5.3. O Mestre ainda amava a Pedro. Apesar da tristeza e decepção, o olhar do Mestre dizia que Ele ainda o amava e estava pronto a perdoá-lo. O amor transmitido por aquele olhar evitou que a tristeza de Pedro se transformasse em desespero, porque comoveu-o até às lágrimas. Agradeçamos a Deus pela capacidade de chorar os nossos pecados.

Teremos certeza de que nossos atos são corretos se os submetermos ao olhar do Mestre. Levar tais atos à presença de Jesus nos fará a consciência iluminada e vivificada de tal maneira, que os motivos que nos tentam a praticar o mal parecerão por demais mesquinhos.

6. O arrependimento e o remorso. O arrependimento de Pedro interrompeu sua corrida para baixo. Era um arrependimento verdadeiro, e não remorso sem valor. O arrependimento conserva-nos na esperança; o remorso nos leva ao desespero. O arrependimento leva-nos de volta a Cristo; o remorso pode levar-nos para longe dEle. O arrependimento conduz-nos à novidade da vida; o remorso nos leva a pecar mais profundamente. Quando envergonhados pelo fracasso, Satanás pode tentar-nos a fugir de Cristo. Mas não devemos abandonar a fé, e, ao contrário do que sugere Satanás, corramos para Cristo. O que sustentou a Pedro na terrível tentação, preservando-o de queda irrecuperável? A intercessão de Cristo: "Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça" (cf. Hb 7.25).

7. O espírito quebrantado e contrito. Ouvindo que certo pregador recebia muitos louvores, o piedoso Dr. Duncan comentou: "Ainda não foi suficientemente quebrantado; possui talento e cultura, mas falta-lhe quebrantamento".

Como Jacó, mancando após a luta com o anjo, Pedro trazia, por certo, a marca espiritual de seu fracasso. No entanto, por mais dolorosa que tivesse sido, a experiência resultou-lhe em bênção. O homem quebrantado pode, por sua vez, ajudar pessoas fracassadas. Antes de Pedro negá-lo, Jesus lhe disse: "E tu, quando te converteres [a restauração após a negação], confirma teus irmãos" (Lc 22.32).

Na caminhada da fé, não há substituto para o espírito quebrantado.

A Crucificação de Jesus

Texto: Lucas 23.26-49

Introdução

Enquanto Jesus caminhava em direção à colina do Calvário, seguiam-no muitas mulheres, lamentando por Ele. À primeira vista, Cristo parecia vítima indefesa de circunstâncias esmagadoras. Mas o olhar da fé o vê como Vencedor mesmo em meio às agonias mais cruciantes. À luz deste fato, estudemos a história da crucificação, vendo nela a revelação da vitória.

I. Vitorioso no Amor

Jesus ensinara a seus discípulos: “Amai a vossos inimigos... e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5.44). Provou que praticava seus próprios ensinamentos, quando, na cruz, orou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Notemos:

1. A invocação. Não era raro falarem os condenados, estando pendurado na

cruz. Suas palavras consistiam em gritos de dor, pedidos de clemência e maldições contra Deus e os que os crucificaram. Quando Jesus voltou a si do desmaio causado pelo choque dos pregos, sua primeira reação foi orar, e a primeira palavra, "Pai". Era uma condenação indireta aos seus juízes. Agiam em nome da religião e de Deus; mas qual deles tinha devoção suficiente para orar pelos perseguidores, ou comunhão com Deus em meio à agonia?

A exclamação "Pai" comprova inabalada a confiança que Jesus depositara em Deus, apesar de tanto sofrimento. A situação de Jesus atingira sua fase mais negra, e sua causa parecia perdida; mas Ele olha para cima e exclama: "Pai".

2. A petição. "Perdoa-lhes". Quando lemos como os sumo sacerdotes torceram a forma da Lei para incriminar o Senhor; como Herodes o desprezou; como Pilatos brincou tão levianamente com seus interesses; e como a multidão gritava contra Ele, o nosso coração arde, indignado. Jesus, porém, orou: "Pai, perdoa-lhes". Tivesse Jesus proferido palavras de condenação a seus inimigos, quem o contestaria? Pois é da natureza divina a indignação contra o pecado. Jesus, porém, prefere revelar seu amor.

3. O argumento. "Porque não sabem o que fazem". Estas palavras revelam mais profundamente o amor divino. Pessoas há que, ao sofrer injúrias, pensam o pior de seus perseguidores. Jesus, porém, no auge da dor procura desculpar seus inimigos. Deus, que é perfeitamente justo, toma em consideração a ignorância do pecador (ver At 3.17; 1 Tm 1.13). Isto, porém, não isenta o homem da responsabilidade pelas suas ações. A oração de Jesus dava a entender que seus inimigos eram culpados e precisavam de perdão. De fato, foi por saber do perigo a que sua culpa os expunha que Ele, esquecendo-se do próprio sofrimento, intercedeu por eles.

II. Vitorioso na Humilhação

1. A indiferença. “E o povo estava olhando”. Mateus fala dos soldados que “assentados ali, o guardavam”. Os que crucificaram a Cristo e os que estavam ao redor da cruz, olhavam indiferentes para o Sofredor. Os soldados contemplaram durante horas a cena que comoveria o mundo, e nada mais viram que um judeu moribundo. Ainda hoje, pessoas há indiferentes à mensagem da cruz.

2. Os ladrões. “Ali o crucificaram, e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda”. Talvez num último gesto de maldade, crucificaram a Cristo entre dois ladrões, como a dizer: “Eis aqui o vosso Rei e dois de seus súditos!” No entanto, não lhe era estranha esta posição, porque, durante seu ministério terreno, estava sempre no meio dos pecadores, como seu Amigo e Redentor (Lc 15.1,2); era natural que ficasse no meio deles ao morrer, já que morria por eles! Foi contado com os transgressores a fim de serem os transgressores contados com os santos.

3. As vestes. “E, repartindo os seus vestidos, lançaram sortes”. Os guardas agiam como a cumprir um dever rotineiro - a natureza humana desce a este ponto. Ignoraram a Jesus, mas lançaram sortes pela suas vestes, dando mais valor a estas. Notemos quão profundamente desce Jesus ao vale da humilhação. Aquele que se despiu de sua glória por amor à humanidade é agora despido até das suas roupas terrenas. Este fato, porém, glorificava a Deus porque era cumprimento de uma profecia messiânica (Sl 22.1-18).

4. A zombaria. Além dos sofrimentos físicos, Cristo experimentava a pressão psicológica das zombarias. Zombavam dEle:

4.1. O povo (v. 35; cf. Mt 27.39,40). Talvez houvesse entre tais pessoas algumas das que gritaram “Hosana!”, durante a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém.

4.2. As autoridades. “E também os príncipes zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou, salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus”. Sem perceber, acabaram falando uma verdade. Tivesse Cristo evitado a cruz, não poderia oferecer salvação às pessoas.

4.3. Os soldados. Jesus era escarnecido pelos soldados (v. 36). Oferecendo-lhe o vinho azedo que bebiam, faziam piadas grosseiras às expensas do Sofredor.

4.4. Pilatos. Percebe-se sua zombaria na inscrição: “Este é o Rei dos judeus”. Os judeus tinham razão em queixar-se de que se tratava mais de uma proclamação que de uma acusação (Jo 19.21,22). De acordo com a acusação, Pilatos deveria ter escrito: “Este homem alegou ser rei dos judeus”. Pilatos, ao que parece, queria vingar-se dos judeus que o haviam forçado a tomar uma decisão contra a sua vontade.

Seja qual for o motivo, Jesus, mesmo na morte, acabou proclamado Rei pelo governo. Pilatos poderia ter dito: “O que escrevi, Deus escreveu”. Segundo a lei romana, a acusação, uma vez colocada da cruz, não podia ser alterada. E não havia necessidade de alterá-la porque verdadeira. A cruz foi realmente o trono de Cristo. Ele tornou-se o Rei dos homens ao morrer por eles.

III. Vitorioso na Graça

Notemos três fatos com respeito ao ladrão arrependido:

1. O que pensava de si mesmo. Os companheiros de aflições geralmente simpatizam entre si, mas neste caso os ladrões crucificados, enlouquecidos pela dor, juntaram-se à zombaria dos sacerdotes e do povo (Mt 27.44). A dor

excessiva pode levar as pessoas a fazer qualquer coisa para esquecer a agonia. Mais tarde, um deles recuou em seu comportamento. Seu próprio pecado o levou a perceber sua condição. Provavelmente arrependeu-se pelo que vira e ouvira de Cristo, ali mesmo, na cruz. Ouvira-o orar pelos inimigos e as palavras dirigidas às mulheres de Jerusalém (Lc 23.27-31). A oração de Cristo em favor dos inimigos deve tê-lo comovido profundamente, porquanto era coisa desconhecida naqueles dias.

2. O que pensava de Cristo. "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino". O ladrão arrependido separara-se do pecado e de seu companheiro impenitente. Reconhecer a vítima cruenta como Senhor e Rei foi um ato maravilhoso de fé. Era brilhante a visão deste olhar que, na morte, conseguia enxergar a vida; na ruína, a majestade; na vergonha, a glória; na derrota, a vitória; na escravidão, a realeza. Talvez jamais tenha havido outro exemplo tão maravilhoso de fé. Isto era, para Cristo, uma consolação, como aquela oferecida pelo anjo no jardim. No ponto em que Pedro fracassou, o ladrão da cruz teve iniciada a sua fé. Estranho berço para nascer uma fé.

Este ladrão entendeu o verdadeiro sentido da cruz - a visão de um sofredor inocente que era Senhor e Rei, e que tinha poder para salvar os pecadores.

3. O que Cristo pensava dele. Gloriosa foi a resposta de Jesus: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso". Falou-lhe o ladrão como a um rei, e orou a Ele como se ora a Deus. Fosse Jesus apenas um homem, como muitos alegam, teria respondido: "Não ore para mim, porque sou como você, e vou para a mesma terra desconhecida". Mas aceitou a homenagem, e falou do mundo invisível como um lugar dEle bem conhecido. O grande pecador fez descansar nEle o peso da sua alma, dos seus pecados, e Cristo aceitou o fardo.

A resposta de Cristo confirmava-lhe o perdão, e prometia-lhe que, na morte, seria levado ao Paraíso, o estado em que as almas dos justos descansam em felicidade até à ressurreição. A Bíblia registra esta única conversão à hora da

morte, a fim de que ninguém perca a esperança na misericórdia de Deus; única, para evitar que as pessoas se tornem presunçosas quanto ao perdão divino.

IV. Vitorioso em Poder

1. O sol encoberto (v. 44). Por três horas, trevas sobrenaturais cobriram a terra. A natureza lamenta o pecado dos pecados - e expressa simpatia pelo Salvador moribundo. Podemos considerar o fenômeno o eclipse da Luz do mundo - por breve tempo encoberta pela escuridão do pecado. A escuridão encobria a agonia do Filho de Deus dos olhares zombeterios e cruéis.

2. O santuário descoberto (v. 45). A presença do véu à frente do Santo dos Santos, representando a plenitude da presença de Deus, era símbolo dos rituais que não permitem acesso direto a Deus. Ao morrer o Senhor, o véu do templo foi rasgado de modo sobrenatural, o que nos ensina a seguinte verdade: mediante a morte de Cristo, a Antiga Aliança, com seu sacerdócio e cerimônias, foi abolida, de maneira a permitir aos que crêem acesso direto à presença de Deus. Ver Hebreus 10.19-22; 4.14-16.

V. Vitorioso na Morte

1. O clamor final. A crucificação normalmente matava a pessoa por esgotamento; mas o grito final do Senhor é sinal de vitalidade abundante. Cristo despediu-se de seu espírito por um ato direto da sua vontade (Cf. Jo 10.18).

2. A oração final. "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" Nos dias de Jesus, esta oração tirada do Salmo 31 era usada especialmente por crianças na hora de dormir. Muito apropriada, portanto, a alguém prestes a fechar os olhos

para o sono da morte. As Escrituras, que eram o alimento de Jesus durante a vida, foram também o seu consolo na morte.

VI. Vitorioso na Influência (Lc 23.47,48)

1. A fé do centurião. Como o ladrão arrependido, o oficial romano pôde vislumbrar a divina majestade do Sofredor. Era acostumado a execuções, porém jamais vira alguém morrer assim.

2. O remorso do povo. Muitos dos que vieram movidos pela curiosidade, "para este espetáculo", voltavam "batendo no peito" - um sinal de arrependimento. Lamentavam as ações às quais os sacerdotes os tinham levado. O agir e o falar do Mestre, na cruz, encheu-os de temor - um santo de Deus fora assassinado naquele dia (cf. At 2.37).

VII. Ensinamentos Práticos

1. "Para que sigais as suas pisadas" (1 Pe 2.19-23). Nestes versículos, Pedro prapara os cristãos a enfrentarem os sofrimentos injustos, apontando-lhes o exemplo do Mestre. Como Jesus agiu sob sofrimentos injustos?

1.1. Sem proclamar sua inocência. Diferente de muitos condenados, Jesus não gritava: "Sou inocente!" Vivera uma vida justa, e dada a resposta aos juízes, deixou o resto nas mãos de Deus. Se aquEle sem pecado refreou-se em protestar inocência, que dizer de nós, que não estamos isentos de culpa? Afinal, seremos julgados, não por homens, mas por Deus. Naturalmente desejamos dos homens justo julgamento, mas importa estarmos de bem com Deus. "O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração".

1.2. Sem reclamar da injustiça. Jesus não condenou seus perseguidores nem os chamou injustos; orou por eles. Ele, a quem foi entregue todo o julgamento, não julgou seus algozes. Sabia que enquanto há vida, há esperança, e que sua morte poderia levá-los ao arrependimento. Ao deixarmos de julgar os que nos tratam injustamente, podemos levá-los a envergonhar-se até ao arrependimento.

2. A lei do perdão. "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". Jesus podia orar assim porque, sendo divino, conhecia os corações dos homens, e podia adiantar a desculpa: "Não sabem o que fazem". Embora não conheçamos os corações dos homens, podemos perdoá-los por três razões:

2.1. Porque Deus nos perdoou. Nenhum mal cometido contra nós pode comparar-se ao mal que cometemos contra Deus mediante nossos pecados. Ver Mateus 18.21-35. Na parábola do credor incompassivo, a dívida que o servo tinha para com o rei era 1.250.000 vezes maior que a do conservo para com aquele. A lembrança de nossa dívida para com Deus nos fará tratar os outros com ternura. O homem que esquece os próprios pecados, ou não sente necessidade de perdão, provavelmente tratará com dureza os que o ofendem. É mais severo juiz aquele que não examina a própria consciência (ver Tt 3.2,3).

2.2. Só o perdão pode banir o ódio. Se não perdoamos, o ódio reproduz-se com espantosa velocidade. O ódio multiplica-se ao odiarmos aos que nos odeiam. Se, por outro lado, perdoamos, pelo menos o ódio não é aumentado, e pode ser vencido (At 7.60; cf. Rm 12.19,20).

2.3. O ato de perdoar aos outros faz com que aceitemos o perdão para nós mesmos (Mt 18.35; 5.7; Tg 2.13). Uma garrafa cheia de vinagre, não pode conter, ao mesmo tempo, suco de laranja; o coração cheio de ódio, como poderá encher-se do amor de Deus?

3. A cruz e o sofrimento humano. Os ladrões crucificados com Jesus ilustram duas maneiras de se encarar o sofrimento. O primeiro, via o sofrimento como praga sem propósito; o outro, transformou-o em bênção.

O primeiro ladrão morreu amaldiçoando. Não via na cruz propósito algum. E por quê? Porque não soube vincular seu sofrimento ao Homem da cruz do meio. A atitude do Senhor em perdoar seus algozes nada significava para ele. Amargurado, amaldiçoou o próprio Senhor que poderia ter-lhe levado a alma ao Paraíso.

O sofrimento não possui em si mesmo poder santificador, não nos torna melhores. Pelo contrário, pode tornar-nos piores. Só por meio da cruz transforma-se em graça.

O segundo ladrão, no início, não via significado em seu sofrimento. Mas, assim como o relâmpago ilumina a vereda cuja entrada não era visível, as palavras e atitudes do Salvador mostram o caminho da misericórdia. Percebeu que Jesus era o Rei celestial, e que seus sofrimentos eram caminho para o seu trono. Compreendeu, então, terem sido seus próprios sofrimentos a oportunidade de entrar no Reino (Lc 23.40,41). Mais tarde, encontrou-se com seu Redentor nas brilhantes paragens do Paraíso. Certamente não cessava de dar graças ao Senhor pela terrível morte que o levou ao arrependimento.

Os sofrimentos pacientemente suportados por amor a Jesus refinam-nos o caráter, e nos aproximam da eternidade.

4. Duas petições. Os pedidos dos ladrões são uma lição acerca de orações respondidas e não respondidas. O primeiro pede para ser levado para baixo; o

segundo, deseja ser levado para cima. A primeira petição foi negada; a segunda, concedida. Por quê? O primeiro foi um pedido egoísta, visando benefícios materiais, feito em espírito de rebeldia. O segundo pedido foi sincero: o desejo de uma bênção espiritual expresso num espírito de submissão. O primeiro pediu o alívio à dor; o segundo, o perdão dos pecados.

Sejam as petições feitas com sinceridade e submissão a Deus, visando a sua glória. Não podemos esperar que Deus nos dê algo que nos fará distanciar dEle.

5. Conservando livre o nosso espírito. Jesus ensinou os discípulos a não temerem os que matam o corpo. No calvário, mostrou-se à altura de seus ensinamentos quando orou: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". Seu corpo estava em poder dos inimigos, e, por um tempo, sua reputação. Mas seu espírito estava livre. Podiam machucar-lhe o corpo, mas não o caráter. É possível aos homens martelar o ferro e derreter gelo, porque são coisas materiais. Mas não podem crucificar a fé, quebrar o amor ou queimar a esperança; são coisas espirituais.

Enquanto disposto o homem a conservá-las, ninguém as poderá tirar, não importando o que façam ao corpo. O Senhor pagou o preço da crucificação para conservar livre a alma. O tempo dos sacrifícios pode servir para conservar livre a nossa alma.

Jesus, oprimido pela injustiça, e sofrendo terríveis as agonias do Calvário, conservou o seu espírito livre do ódio, da auto-comiseração e das queixas. Difícil lição é conservar livre o espírito em meio à injustiça, mas bem-aventurado o homem que a aprende.

6. O homem na árvore. Os evolucionistas cultivam a imagem do homem-macaco, na árvore; mas o mundo precisa da visão do homem-Deus no madeiro.

Há duas teorias acerca da natureza, origem e dignidade do homem; uma é a de que a vida é um empurrão vindo de baixo; a outra, de que é uma dádiva vinda de cima. No primeiro caso, o homem deve agir como animal por ser descendente de animais; no segundo caso, deve agir como Deus porque feito à sua imagem e semelhança. A fonte da nossa dignidade não deve ser procurada numa árvore, mas no madeiro. O homem na árvore é o animal pendurado pela cauda na alegria egoísta de sua bestialidade. O homem no madeiro é Cristo Jesus na beleza extática da sua humanidade redentora. O homem na árvore é o homem-animal. O Homem no madeiro é o homem-Deus. O homem na árvore espera uma descendência de filhos de animais; o Homem no madeiro, uma descendência de filhos de Deus. O homem na árvore olha para trás, para a terra de onde veio; o Homem no madeiro olha para cima, para o Céu de onde desceu.

7. Lições do Calvário para o leito de morte (v. 46). Consideremos algumas verdades a respeito deste versículo.

As últimas palavras do Salvador foram uma oração. A oração é algo apropriado a todos os tempos e épocas, mais ainda no leito de morte.

A oração de Jesus foi uma citação das Escrituras (Sl 31.5). Se é natural a oração nos lábios dos que morrem, o mesmo se pode dizer com respeito às Escrituras. O latim é a língua do direito e da erudição; o francês, a da diplomacia; o alemão, a da filosofia; e o inglês, a do comércio. A língua dos relacionamentos sagrados é a da Bíblia.

Jesus orou com respeito ao seu espírito. Muitas pessoas no leito de morte preocupam-se com o corpo - sua dor, o que dele será feito depois da morte. Não freqüentemente, ocupam a mente com negócios terrenos. O exemplo de Jesus mostra que não é errado dar atenção a essas coisas na ocasião da morte, porque Ele mesmo disse: “Tenho sede”. Mas sua preocupação suprema era com o espírito - a parte mais nobre e sagrada do homem.

A Ressurreição

Texto: Lucas 24.1-12

Introdução

Se a carreira de Cristo tivesse terminado na cruz, morreriam com Ele as promessas, as profecias e a esperança de salvação para a humanidade. Mas Cristo vive, e também a sua causa. E foi o túmulo vazio e o Cristo ressurreto que primeiramente convenceram os discípulos desta verdade. A feliz descoberta foi feita por um grupo de mulheres que seguiam a Jesus.

I. O Amoroso Serviço (Lc 24.1)

1. Quem o fez. Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e as outras mulheres que estavam com elas (cf. Mt 28.1; Mc 16.1; Lc 8.2,3; 23.55,56; Jo 20.1). Provavelmente dois grupos de mulheres visitaram o túmulo. Isto explica as diferenças entre as narrativas. Não era intenção dos quatro evangelistas fazer um relatório minucioso das circunstâncias que envolveram aquela Páscoa; preocuparam-se simplesmente em narrar de forma breve o fato da ressurreição de Jesus, comprovado pelos discípulos e outras testemunhas. Cada escritor o apresenta de um ponto de vista, mencionando apenas os detalhes necessários ao

seu propósito. Este fato explica as diferenças de detalhes, tais como o número de mulheres, a posição dos anjos e o número deles.

2. Quando foi feito. "No primeiro dia da semana, muito de madrugada". Segundo Mateus, "No fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana"; segundo João: "No primeiro dia da semana... de madrugada, sendo ainda escuro". Conclusão: as mulheres visitaram o túmulo bem cedo, na manhã do domingo, antes do nascer do sol e pouco tempo após a ressurreição.

3. Por que feito. "Foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado. O embalsamamento era o costume judaico de colocar especiarias aromáticas nas ataduras em que envolviam o corpo. O propósito da visita ao túmulo indica que não esperavam um Cristo ressurreto. O escuro pano de fundo do desespero fez brilhar ainda mais o amor destas mulheres. A morte, acreditavam, destruíra as reivindicações de Cristo, mas não o amor que sentiam por Ele. A nação estava contra Ele, mas elas desejavam prestar-lhe uma última homenagem. É possível, também, segundo o costume da época, que tenham ido lamentar por Ele.

No entanto, seu trabalho era desnecessário, porque Nicodemos já embalsamara o corpo (Jo 19.39,40). Além disso, o Senhor ressuscitara. É certo, porém, que Jesus nunca rejeita um ato de amor. Do serviço mal feito ou errado, jamais diz: "Para que este desperdício?"

Há momentos em que a vista é maior que a fé. As mulheres tinham ouvido que Jesus ressuscitaria no terceiro dia, e mesmo assim vieram embalsamar o corpo. Como explicar isto? Viram Jesus morrer, e isto era maior que a sua fé.

Quantas vezes as coisas materiais sacodem as verdades invisíveis em que acreditamos! Na verdade, as coisas reais da vida são invisíveis. Deus, que é

invisível, é mais real que o universo visível. O lar, composto de influências invisíveis, é mais real que a casa. “As [coisas] que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas” (2 Co 4.18). Vida espiritual não é crer no que vemos, mas ver o que cremos.

“E ele desapareceu-lhes” (Lc 24.31). Ele está ausente da nossa vista, mas não da nossa fé. “Ao qual, não havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais” (1 Pe 1.8). Virá o dia em que a fé se transformará em vista, e o veremos conforme Ele é.

II. Uma Descoberta Assombrosa (Lc 24.2,3)

“E acharam a pedra revolvida do sepulcro”. As mulheres disseram umas às outras: “Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?” (Mc 16.3). Tinham visto a grande rocha colocada à entrada do túmulo em forma de caverna, e sabiam que removê-la era trabalho para vários homens. No entanto, a exemplo dos aparentes obstáculos entre o pecador e Cristo, a pedra já fora removida. Um anjo a deslocara (Mt 28.2), não para que Cristo saísse, porque seu corpo glorificado podia passar por qualquer barreira, mas para deixar entrada aos primeiros arautos da ressurreição. “E, entrando, não acharam o corpo do Senhor. E aconteceu que, estando elas perplexas a esse respeito...” Sua primeira impressão foi de que os inimigos do Senhor haviam furtado o corpo para impedir o embalsamento. Maria Madalena, num impulso, correu à cidade, e comunicou seus temores a Pedro e João: “Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram” (Jo 20.2).

III. Os Visitantes Celestiais (Lc 24.4)

Enquanto Maria Madalena caminhava para a cidade, suas companheiras

entraram timidamente no túmulo, e “eis que pararam junto delas dois varões, com vestidos resplandecentes”.

Os críticos afirmam que os escritores dos evangelhos não concordam na descrição dos anjos, quanto ao número, posição etc. Mas é possível que grande número de anjos estivessem presentes, tornando-se um ou dois visíveis segundo a necessidade. O fato de serem chamados “varões”, demonstra que os mensageiros celestiais, quando em missão na terra, apresentam-se na forma humana. Quase sempre apresentam um rosto humano, falando a língua dos homens (cf. Gn 18,1,2,13 e 19.2,5). Neste caso, foram as vestes resplandecentes que convenceram as mulheres de que se tratavam de seres celestiais.

IV. A Mensagem Angelical (Lc 24.5-8)

1. Uma pergunta. “Por que buscais o vivente entre os mortos?” Os anjos queriam dizer: “Vocês estão surpresas de Ele não estar aqui, mas surpresa seria se estivesse. Lembrem-se de que Ele, como Filho de Deus, prometeu voltar ao Pai. Não é razoável procurá-lo no lugar dos mortos”.

Muitas pessoas cometem o mesmo erro, hoje. A quem procura o Cristo verdadeiro numa igreja que lhe nega a divindade e a ressurreição, podemos perguntar: “Por que buscais entre os mortos ao que vive?” Também a mesma pergunta pode ser feita àqueles que o buscam em tradições ultrapassadas e liturgias mortas.

A história a seguir foi tirada de uma revista de Escola Dominical.

“Em nossa casa havia um quadro que mostrava Cristo dizendo suas palavras de

despedida aos discípulos, a promessa suprema: ‘Eis que estou convosco sempre’. Certo dia, um vendedor judeu passou, estando eu sozinho em casa. O judeu ficou fascinado pelo quadro. Contemplou-o longamente e depois, virando-se para mim, perguntou: ‘É este o seu Messias, o seu Deus?’ Disse-lhe que era Cristo, o Salvador, e expliquei o significado do quadro. ‘E o que Ele diz?’ perguntou. Li a promessa escrita na parte de baixo: “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. O judeu pensou um pouco, e, voltando-se para mim, disse: ‘Que Messias maravilhoso vocês, cristãos, têm. Ele está sempre com vocês’. Olhou mais uma vez o quadro, tomou a maleta e deixou a sala, enquanto repetia, suavemente: ‘Que Messias maravilhoso: sempre está convosco!’ Cristo não somente morreu por nós, mas vive por nós”.

2. Uma declaração. Seguem-se palavras que são o único epitáfio apropriado a um crente: “Não está aqui, mas ressuscitou”. Estas palavras podem perfeitamente coroar o túmulo de cada cristão: “Sua verdadeira personalidade não está aqui, mas ressuscitou para estar com Cristo”.

Podemos dizer que são mortos os cristãos, mas realmente vivem - são mortos vivos. Após um breve período chamado “morte” passam à condição permanente: a vida. Estar ausente do corpo é estar presente com o Senhor (2 Co 5.8. cf. Lc 23.43; Fp 1.23). A morte não é um estado, para o cristão, apenas uma ponte do humano para o celestial, do imperfeito para o perfeito, da canseira para o descanso. Contrário a certos ensinamentos, a expressão “adormecer”, não significa perda de consciência até ao dia da ressurreição. A morte do cristão é chamada “sono” por duas razões. Primeiro, porque o alivia dos fardos da vida; segundo, porque assim como o sono é o desligamento com o mundo externo, a morte rompe as conexões com a existência terrena. Isto, porém, não implica em estar a pessoa inconsciente. O espírito continua ativo. Ao olharmos para o túmulo de um cristão, podemos dizer: “Não está aqui, graças a Deus. Está junto do Mestre”.

3. Uma lembrança. “Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galiléia, dizendo: Convém que o Filho do homem seja entregue nas mãos de pecadores, e

seja crucificado e ao terceiro dia ressuscite. E lembraram-se das suas palavras”. Quando o Senhor anunciou sua morte vindoura e ressurreição, os discípulos guardaram a profecia, perguntando entre si o que seria a ressurreição dentre os mortos. Por serem espiritualmente imaturos, não a supunham literal. O anjo relembra a promessa que, corretamente interpretada, teria iluminado o sepulcro vazio e solucionado o mistério. Quantas dores desnecessárias suportamos porque, nos momentos de provações e perplexidades, esquecemos as promessas de Deus.

“Ressuscitou, como havia dito” (Mt 28.6). Estas palavras são uma suave repreensão às mulheres, por terem esquecido o as palavras do Senhor. Cultive sua memória espiritual. As vitórias espirituais, se esquecidas, amanhã parecer-lhe-ão escuras. Lembre-se das antigas batalhas e vitórias, e de como a luz da presença de Deus transformou tudo em bênção.

A adversidade muitas vezes afasta de nossa memória as promessas que deveriam sustentar-nos: “E te lembrarás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou” (Dt 8.2).

V. O Estranho Ceticismo (Lc 24.9-11)

As mulheres, “voltando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos demais [cf. vv. 13-22]. E as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram”. Os apóstolos e os outros discípulos aguardavam a ressurreição, mas na realidade, era a última coisa que esperavam. A prisão e a crucificação do Mestre paralisara por um tempo a sua fé, de modo que não podiam crer no testemunho das mulheres. Descrença indesculpável, porque as mulheres viram o túmulo vazio, ouviram a mensagem dos anjos, e viram, tocaram e ouviram o próprio Jesus (Mt 28.9). Mas até esta descrença se torna em fundamento para a nossa fé, porque os apóstolos não teriam crido e pregado a ressurreição sem evidência convincente. Esta evidência, receberam-na quando o viram com seus

próprios olhos, e o tocaram, e ouviram a sua voz (Lc 24.36-43).

VI. A Investigação (Lc 24.12)

Dois dos apóstolos, o amoroso João e o enérgico Pedro, resolveram investigar, e correram para o túmulo, encontrando as roupas do sepultamento (cf. Jo 20.1-10). João chegou primeiro e viu os lençóis de linho. “Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro, e, abaixando-se, viu só os lenços ali postos; e retirou-se admirando consigo aquele caso”. O lençóis eram o sinal de que o corpo não havia sido arrebatado por inimigos, que não o teriam desembrulhado. Aliás, a aparência era a de que o corpo passara através deles, sem os desenrolar. João viu e creu (Jo 20.8), mas Pedro ficou perplexo. Teria sido perturbada a sua consciência por ter negado a Cristo? De qualquer forma, o Senhor apareceu a Ele em particular para dar-lhe segurança.

Concluindo, assim como foi impossível conservar Cristo na sepultura, também a verdade divina não pode ficar perpetuamente suprimida. Algumas semanas após a ressurreição, os líderes judaicos, ante um milagre operado em nome de Jesus, determinaram: “Mas, para que não se divulgue mais entre o povo, ameacemo-los para que não falem mais neste nome a homem algum” (At 4.16,17). Mas não tinham como aprisionar o Evangelho de Cristo.

Dizia um pastor, preso na Alemanha por sua posição corajosa em prol do Evangelho: “Não importa quantos obstáculos estão no caminho; não importa quantas rochas são roladas contra a Palavra de Deus. A Palavra é como fogo, e como martelo que esmiuça as rochas”.

VII. A Evidência da Ressurreição

A ressurreição de Cristo é o grande milagre do Cristianismo. Uma vez estabelecida a realidade deste acontecimento, a discussão dos demais milagres torna-se desnecessária. Sobre o milagre da ressurreição está firmada a nossa fé. Porque o Cristianismo é histórico, e baseia seus ensinamentos em acontecimentos ocorridos há quase 20 séculos, na Palestina. São estes eventos o nascimento e ministério de Jesus Cristo, culminando na sua morte, sepultamento e ressurreição. De tudo isto, é a ressurreição a pedra de esquina, porque, se Cristo não ressuscitou, não era o que alegava ser. Sua morte não seria morte expiadora - os cristãos estariam sendo enganados há séculos; os pregadores, proclamando erros; e os fiéis, acalentando falsas esperanças. Mas, graças a Deus, podemos proclamar esta doutrina: “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem!”

1. Como sabemos que Ele ressuscitou? “Vocês, cristãos, vivem na fragrância de um túmulo vazio”, disse um cético francês. É fato que os que vieram embalsamar o corpo de Jesus, naquela notável manhã de Páscoa, encontraram vazio o túmulo. Este fato não pode ser explicado à parte da ressurreição de Jesus. Quão facilmente os judeus poderiam ter refutado o testemunho dos primeiros pregadores, apresentando o cadáver do Senhor! Não o fizeram, porém - porque não podiam! Quando se lhes exigia uma explicação, alegavam terem os discípulos furtado o corpo, como se um pequeno bando de homens desanimados pudesse arrancar de guardas treinados o corpo do Mestre, cuja morte parecia ter-lhes tirado todas as esperanças.

Que faremos do testemunho dos que viram Jesus após a ressurreição, muitos dos quais falaram com Ele, tocaram-no, comeram com Ele? Centenas deles ainda viviam no tempo de Paulo, segundo ele mesmo testifica. Outros, dão seu inspirado testemunho no Novo Testamento.

Como rejeitar o testemunho de homens que pregavam a mensagem com o sacrifício da própria vida? Como explicar a conversão de Paulo, antes perseguidor do Cristianismo, transformado num dos maiores missionários?

Há apenas uma resposta a estas perguntas: Cristo ressurgiu! O túmulo vazio desafia o mundo:

À filosofia, diz: “Explique este evento!”

À História, diz: “Reproduza este evento!”

Ao tempo, diz: “Apague este evento!”

À Fé, diz: “Receba este evento!”

Alguns naturalistas oferecem outras explicações: “Foi uma visão que os discípulos tiveram”. Não é possível que centenas tivessem a mesma visão. Outros dizem: “Jesus não morreu de fato; foi tirado inconsciente da cruz”. Mas um farrapo de homem não poderia ter persuadido os discípulos de que era o Senhor da vida! São explicações tão fracas que trazem consigo a sua própria refutação. Outra vez afirmamos: Cristo ressuscitou! De Wette, grande estudioso racionalista, depois de um exame científico, afirmou: “A ressurreição de Jesus Cristo não pode ser mais questionada que a certeza histórica do assassinato de Júlio César”. Que firme fundamento à fé de alguém - o fato histórico de um Salvador ressuscitado!

2. O que significa a nós? Significa que Jesus é tudo quanto declarava ser: Filho de Deus, Salvador e Senhor. O mundo respondeu às suas reivindicações com a cruz; a resposta de Deus foi a ressurreição. Como Senhor ressuscitado, pede que dediquemos nossas vidas a Ele.

Significa que a morte expiadora de Cristo foi uma realidade, e que os homens podem achar perdão para os seus pecados e assim ter paz com Deus. A ressurreição completa a morte expiadora de Cristo. Não foi uma morte comum - porque Ele ressuscitou!

Significa que temos um Sumo Sacerdote no Céu que simpatiza conosco, que já viveu a nossa vida, conheceu nossas tristezas e enfermidades e pode dar-nos o poder de viver a vida nEle.

Significa que podemos ser batizados no Espírito Santo e receber poder para testificar deste Cristo ressurreto.

Significa uma vida no porvir. A objeção comum é: “Ninguém voltou para contar acerca do outro mundo”. Mas alguém já voltou de lá, sim - Jesus Cristo. À pergunta: “Se um homem morrer, viverá outra vez?” responde a ciência: “Não sei”; a filosofia: “Deveria haver”. O Cristianismo, porém, afirma: “Porque Ele vive, viveremos nós; porque Ele ressuscitou dos mortos, ressuscitaremos também”.

Significa certeza de juízo para os pecadores. Como disse o inspirado apóstolo: “[Deus] tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos” (At 17.31).

A inexorável justiça de Roma deu origem ao provérbio: “Quem quiser fugir de César, fuja para César”. Aos não-convertidos, advertimos: o juízo é certo, e a única maneira de escapar de Cristo, o Juiz, é fugir para Cristo, o Salvador.

A Caminho de Emaús

Texto: Lucas 24.11-35

Introdução

O rabino Gamaliel, descrevendo a carreira de Teudas, um falso messias, cuja insurreição fracassada terminou com a morte deste, disse: “todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos e reduzidos a nada” (At 5.36). Não passara muito tempo desde a morte de Jesus, porém, e seus seguidores estavam mais unidos que antes. E, poucas semanas mais tarde, ao invés de “reduzidos a nada”, eram milhares. No decurso do tempo, sua fé espalhou-se até Samaria e, finalmente, aos confins da terra.

O que explica ter-se dispersado o movimento Teudas, enquanto o de Jesus desenvolveu-se até alcançar o mundo inteiro? O texto em estudo responde à pergunta. Teudas permaneceu no túmulo, e Jesus ressuscitou de entre os mortos!

A crucificação tornou pesado o coração dos discípulos. Veremos como este peso foi transformado em júbilo.

I. Cristo Presente, mas Não Revelado (Lc 24.13-17)

1. O raciocínio dos dois discípulos. Um deles chamava-se Cleópas; o nome do outro não é mencionado. Estavam saindo de Jerusalém, provavelmente buscando alívio à ansiedade e tristeza na caminhada. Seu destino era Emaús, provavelmente o lugar onde moravam.

Não foram deixados sós em sua tentativa de decifrar o mistério da cruz: "E aconteceu que, indo eles falando entre si e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou e ia com eles" (ver Mt 18.20; cf. Ml 3.16).

2. O estranho e suas perguntas. "Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem". Por que não conseguiam reconhecê-lo? Primeiro, porque a ressurreição operara misteriosa mudança na pessoa de Jesus, de modo que as pessoas podiam olhar para Ele sem reconhecê-lo imediatamente. Em segundo lugar, os dois discípulos não sabiam que Ele vivia, e, conseqüentemente, não esperavam vê-lo. Sem fé, não podemos ver o Cristo vivo.

Jesus não fez a pergunta (v. 17) visando informar-se; era seu meio de levar aqueles homens sobrecarregados a derramar o que tinham no coração. Às vezes, o melhor que podemos fazer às pessoas tristes, é deixar que falem.

II. Cristo Ensinando sem Ser Reconhecido (Lc 24.18-27)

1. As Escrituras fechadas. Cleópas surpreendeu-se que alguém demonstrasse ignorância sobre Jesus de Nazaré e seu trágico fim. O estranho deixa-se informar como se nada soubesse, a fim de levar os discípulos a declarar-se.

Então, derramaram sua história. AquEle que haviam crido ser o Messias fora crucificado, e com Ele sua esperança e fé. Contaram-lhe dos anjos que algumas mulheres haviam visto, e como alguns dos discípulos encontraram vazio o túmulo, "porém a ele não o viram".

Notamos simplicidade e sinceridade nas suas palavras (vv. 19-24). Duvidavam da ressurreição do Mestre, e até do testemunho das mulheres. Somente o Senhor em pessoa poderia transformar estes duvidosos, tristes e cautelosos discípulos em corajosas testemunhas da ressurreição.

Sua descrença devia-se a não entenderem a cruz. Esperavam ver seu Mestre assentado num trono, mas Ele foi pregado numa cruz; imaginavam-no com a coroa de Davi, mas foi-lhe dada uma coroa de espinhos; esperavam fosse Ele saudado como Rei pelos líderes da nação, mas ouviram deles apenas denúncias e zombarias. Era-lhes a cruz tragédia, a morte de suas esperanças.

2. As Escrituras abertas. Mostra-lhes o Mestre que era necessário ao Messias sofrer para ser então exaltado. Os discípulos tomavam-no agora por um escriba. Abrindo as Escrituras, Ele conduziu os discípulos à Lei, aos Salmos e aos Profetas, reunindo profecias várias concernentes ao Messias, juntando-as de forma a produzirem um retrato de Jesus de Nazaré. Ver, por exemplo, Gn 3.15; 12.3; 49.10; Êx 12; Lv 16; Nm 21.9; 24.17; Dt 18.15; Is 7.14; 9.6,7; 42.1-4; 49.1-6; 53; 61.1,2; Jr 23.5.

É fácil imaginar o espanto dos discípulos: "Nunca tínhamos entendido as profecias desta maneira!"

III. Cristo Revelado e Reconhecido (Lc 24.28-35)

Depois de abrir os olhos espirituais dos discípulos, abre-lhes o Senhor os olhos físicos.

1. O convite sincero. O estudo bíblico começara pela manhã, mas caía a tarde antes de percorrerem os doze quilômetros que os separava de Emaús. O tempo passara rapidamente. A presença de Jesus tornara curta a viagem. "E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe". Era um gesto cortês: embora não quisesse forçar a sua presença, desejava ficar na companhia deles. O convite logo surgiu: "Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles".

2. A maravilhosa revelação. À mesa, pediram-lhe que orasse, talvez a bênção judaica tradicional: "Bendito és Tu, Senhor do Universo, que fizeste o pão surgir da terra". Então partiu o pão, e o deu a eles. Por certo, havia algo especial neste gesto, porque João lembra o lugar "onde comeram o pão, havendo o Senhor dado graças" (Jo 6.23). Seja como for, algo de familiar no gesto ou no tom de voz rompeu a influência que tolhia os olhares dos discípulos, e reconheceram o Mestre.

Agora que estavam convictos da sua ressurreição, sua presença física não era mais necessária: "E ele desapareceu-lhes". Durante dias, Jesus aparecia e desaparecia diante dos seus discípulos; agora precisavam acostumar-se a conhecê-lo como presença invisível. Seus freqüentes aparecimentos e desaparecimentos treinavam-nos para este modo de vida (cf. Jo 20.29; 1 Pe 1.8).

3. O feliz reconhecimento. "Porventura não ardia em nós o nosso coração, quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?" (cf. Sl 39.3; 104.34; Pv 27.9; Jr 15.16; Hb 4.12). Antes, imaginavam-no um escriba, embora lhes comovesse o coração; agora, sabiam ser aquEle que dissera: "As palavras que eu vos tenho dito, são espírito, e são vida".

4. A alegre proclamação. O reconhecimento de Cristo deu-lhes energia e eloqüência renovadas. Tornaram-se testemunhas - transbordavam de vontade de passar adiante as boas novas. Apressaram-se em chegar ao lugar de reunião dos apóstolos, e contaram "como deles foi conhecido no partir do pão".

Notemos a frase: "Já apareceu a Simão" (cf. Mc 16.7 e 1 Co 15.5). A ressurreição não transformou o Mestre - Ele continuou sendo o Salvador, compassivo com os errantes e caídos.

IV. Ensinamentos Práticos

1. O Senhor aproxima-se dos corações feridos. "E, falando eles destas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles". O que atrai Jesus às pessoas, hoje? O desejo por Ele, o arrependimento, o estudo das suas verdades, a tristeza. Ele percebeu a necessidade dos dois discípulos - sua fé estava sendo duramente provada. O Mestre aproxima-se dos corações que lamentam a sua ausência. Vem a galardoar o amor consistente e fervoroso, e a reavivar o amor que se tornou trêmulo e frio.

2. Olhando sem ver. "Os olhos deles estavam como que fechados, para que não o conhecessem". Por que não o reconheceram? Primeiro, porque suas mentes estavam ocupadas consigo mesmos - com sua amargura e decepção. Em segundo lugar, resistiam ao ensinamento da necessidade da morte do Messias. O anseio pelo futuro reino de glória obscurecera-lhes a mente sobre a necessidade da cruz. Em terceiro lugar, não haviam acreditado no testemunho das mulheres. Assim, não estavam em condições de reconhecerem a Cristo.

Cristo, de igual maneira, aproxima-se de nós nas variadas circunstâncias da vida. A tristeza, a amargura, a decepção e a descrença impedem-nos de reconhecê-lo. Nossos caminhos seriam menos solitários se aceitássemos plenamente a

promessa: “Eis que estou convosco sempre”.

3. Conte tudo a Jesus! Com suas perguntas, o Mestre procurava levar os discípulos a expressar suas dúvidas, temores e esperanças arruinadas. Derramando o coração diante dEle, trocamos o nosso fardo pela paz que ultrapassa todo o entendimento.

4. Permanecendo no Senhor. O agradável caminhar com Jesus chegou ao fim, e os discípulos o teriam perdido não o tivessem convidado a permanecer com eles. Em tempos de avivamento espiritual, a consciência da presença do Senhor chegará ao fim, se não nos esforçarmos por conservá-la. Os grandes avivamentos são freqüentemente seguidos por depressão. Faremos bem ficando vigilantes, para depois de o Senhor nos inspirar às alturas, não caiamos de lá. Clamemos: “Fica conosco”.

Emoções transbordantes deixam as pessoas mais duras e piores do que eram antes, a não ser que obtenham maturidade através de esforço espiritual constante.

5. O desejo sincero faz lugar para o Senhor. O Senhor emprega vários meios para fazer com que desejemos tê-lo conosco. Jesus desejava ficar com os discípulos, mas não entraria no lar deles sem convite. Então, fez como se fosse prosseguir viagem. Cristo às vezes tarda em responder à nossa oração - fazendo como se fosse prosseguir viagem - a fim de que nosso desejo aumente, e nos tornemos capazes de receber bênçãos maiores. É sua vontade abençoar-nos ao máximo, porém não o fará se não demonstrarmos desejar a benção. Não dará de si mais do que almejamos, razão pela qual procura intensificar-no o desejo. Ler Mateus 15.21-28.

6. Constrangendo ao Senhor. “E eles o constrangeram”. Como poderíamos constranger o Senhor? Jacó o fez, e venceu. Os homens fazem uso das energias

existentes na natureza após descobrirem suas leis e obedecer a elas. De igual modo, constrangemos a Deus descobrindo a sua vontade, submetendo-nos a ela e orando de acordo.

7. Reacendendo a chama do coração. Um antigo hino levanta a questão: "Onde está a bem-aventurança que conhecia quando vi o Senhor pela primeira vez?" A resposta é: "Exatamente onde você a deixou". Jesus escreveu à igreja em Éfeso: "Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor". Qual seria o remédio? "Arrepende-te, e volta à prática das primeiras obras". Se o coração ardente esfriou por causa da desobediência, podemos voltar ao Senhor. Ele nos estará esperando no lugar onde o deixamos. No mesmo lugar nos estará aguardando a nossa bênção.

Jesus reacendeu a chama da fé nos corações dos dois discípulos, explicando-lhes a necessidade da cruz e abrindo-lhes a Palavra. São dois meios eficazes: uma nova visão do Calvário e a apreciação da Palavra.

O Senhor Ressuscitado e a Grande Comissão

Texto: Lucas 24.36-53

Introdução

Os aparecimentos de Cristo após a ressurreição eram revelações especiais aos seus discípulos. Ao estudarmos a primeira parte deste capítulo, vimos como Ele abriu os olhos espirituais dos discípulos antes de abrir-lhes os olhos físicos. No incidente que se segue, o processo é invertido: Ele abre primeiramente os olhos físicos, e depois, os espirituais.

I. Aparece o Cristo Ressuscitado (Lc 24.36-43)

1. Paz. "E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles foi conhecido no partir do pão. E, falando ele destas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles". Os apóstolos reuniam-se numa sala, cujas portas eram cuidadosamente trancadas "por medo dos judeus". Esperavam a cada momento ouvir os passos dos oficiais e o tinir das armas, seguidos pela ordem: "Abram em nome da lei!" Então, à semelhança do Mestre, seriam presos, condenados e crucificados. Que horrível expectativa! Certamente nada menos que um milagre transformou estes tímidos discípulos nos corajosos pregadores

do dia de Pentecoste.

E o milagre ocorreu mesmo. Os onze e seus amigos tinham já ouvido o relatório das mulheres, descrevendo os anjos e o túmulo vazio; dois deles visitaram o túmulo. Agora, reuniam-se em conselho, na esperança de obter mais confirmações acerca da ressurreição do Senhor. Os dois discípulos de Emaús participaram da ansiosa assembléia, contando sua maravilhosa história. E, enquanto comparavam, emocionados, os detalhes dos aparecimentos, as brasas da sua fé quase extinta recomeçando a arder, "Jesus se apresentou no meio deles". Presença esta sobrenatural, sem dúvida, porque as portas estavam trancadas.

"Paz seja convosco". Era a saudação judaica normal, mas a ocasião dava-lhe importante significado. Jesus transformou um cumprimento usual em bálsamo a corações perturbados: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou" (Jo 14.27). Paz: a tempestade passara! Paz: seu Mestre lhes fora restaurado! Paz: nunca mais a escuridão desceria sobre eles!

2. A certeza. "E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito". Depois de ouvir a narrativa dos discípulos de Emaús, os apóstolos esperavam que algo acontecesse para confirmar a história. Não estavam preparados, todavia, para o aparecimento repentino e misterioso do Mestre. Ficaram com medo: "Pensavam que viam algum espírito". Que outra explicação haveria? Sem dúvida, não havia explicação natural para tal aparecimento. O Senhor possuía, agora, um corpo glorificado, não mais sujeito às leis naturais. Jesus estava ensinando os discípulos a vê-lo de modo diferente - como estando verdadeiramente com eles, sendo, ao mesmo tempo, invisível a eles: "Eis que estou convosco sempre".

"Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações?" Jesus falava de dúvidas, pelas quais os discípulos não eram totalmente responsáveis. O Mestre faz uso da saudação de paz para dissipar seus

temores. Parece dizer: “Vejam! Estou lhes dando a minha paz: por que estão perturbados? Por que permitem aos pensamentos perturbadores surgirem em seus corações? O passado é perdoado e esquecido. Não vim como irado Juiz a exigir contas da sua falta de fé e fidelidade, nem como fantasma para assombrá-los por me abandonarem no jardim. Trago do sepulcro algo muito diferente de repreensões”.

Mostra aos discípulos as mãos e os pés marcados pelos cravos, e convida-os a tocarem nEle a fim de se certificarem de que não era um espírito sem corpo, um fantasma. Foi o que mudou a vida dos discípulos. Comprovava-se a ressurreição, sem sombra de dúvida. Ameaças humanas já não amedrontavam os discípulos. Para eles, a vida e a morte eram a mesma coisa. Mesmo se fossem executados, o Mestre conquistara a morte para eles! Agora podiam sair e contar ao mundo que aquEle crucificado em Jerusalém era o próprio Senhor da vida, a quem a morte não podia derrotar. Sim, podiam asseverar: “O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida” (1 Jo 1.1). Jesus torna-se real quando o tocamos pela fé.

A fim de provar que não era um ser sem substância, mas o mesmo Jesus com quem tinham caminhado, o Senhor assentou-se à mesa e perguntou: “Tendes aqui alguma coisa que comer?... e comeu diante deles”. Desapareceu-lhes o medo. A saudação do Mestre tornara-se realidade, e os discípulos podiam prestar atenção às suas palavras.

Cristo não necessitava de comida para o corpo, mas os discípulos precisavam de fé para suas almas.

3. Alegria. “E, não crendo eles ainda, por causa da alegria”. Assim como o escritor inspirado desculpa os apóstolos por dormirem no jardim, dizendo estarem vencidos pela tristeza, atribui a dificuldade em crer ao excesso de alegria. Grandes emoções às vezes produzem efeitos opostos aos esperados. Quem pode estranhar que o fato que transformara a fumaça negra do desespero

em chama brilhante parecesse aos discípulos bom demais para ser verdadeiro? Notemos a condescendência do Senhor: acalma-os, permitindo que o toquem. Vendo-os ainda flutuando nas nuvens da própria alegria, consegue trazê-los de volta ao pedir algo para comer.

II. O Cristo Ressuscitado Instrui (Lc 24.44-49)

Após abrir os olhos físicos dos discípulos, abre-lhes o Senhor os olhos do entendimento para que compreendam o ensino que lhes fora ministrado e o ministério que estavam por assumir. Sugere-se conterem os versos 44-49 o resumo dos ensinamentos ministrados aos apóstolos durante os quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão (At 1.2,3).

1. Instrução. "São estas as palavras que vos disse, estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos". (Nota: Lei, Profetas e Salmos eram as divisões que os escribas atribuíam ao Antigo Testamento.) Os ensinamentos de Cristo, antes difíceis de entender, eram claros, agora, explicados à luz da ressurreição.

Deu-lhes o Mestre mais que instrução; transmitiu-lhes também inspiração: "Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras". Cristo difere neste aspecto dos professores humanos, pois não somente coloca a verdade aos discípulos, como os capacita a recebê-la. Esta é uma característica do Cristianismo: à palavra escrita acrescentam-se os dons e a inspiração para iluminá-la. A Palavra e o Espírito cooperam e concordam entre si.

2. Comissão. A ressurreição de Cristo possibilitou a mensagem de arrependimento e perdão, e impôs aos seus seguidores que pregassem o Evangelho ao mundo inteiro - tornou-se dever fazer da salvação uma realidade. O Evangelho tinha de ser pregado a partir de Jerusalém, porque era

primeiramente para os judeus, e era natural que os discípulos começassem onde viviam. Nossa "Jerusalém" é o lar, a fábrica, a igreja local, nossa própria cidade. Os que testificam com sucesso em "Jerusalém" terão sucesso "até aos confins da terra". Os que fracassam em seu lugar de origem provavelmente fracassarão quando chegarem "aos confins da terra".

3. Promessa. "Eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, pois, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder". Por que a "promessa de meu Pai"? Porque Deus já prometera o derramamento universal do seu Espírito (Jl 2.28). Jesus, em nome do Pai, reafirmou a promessa (Jo 7.37-39; 14-16). Que poder é este? É iluminação da mente, largueza de coração, santificação das faculdades e transformação do caráter - armas que possibilitarão aos cristãos conquistar o mundo para a verdade. Títulos oficiais - apóstolos, evangelistas, pastores e mestres - e vestes clericais eram em vão, sem o revestimento do poder divino. O mundo será evangelizado por homens que têm a experiência do batismo no Espírito Santo, e que são revestidos de sabedoria, amor e zelo.

III. A Ascensão (Lc 24.50-53)

Estes versos registram o milagre que encerra o ministério terrestre de Jesus. Entrara no mundo através de milagre; era muito apropriado que também o deixasse de modo milagroso. A ascensão foi um término e um início: o término da vida e ministério terrestres de Jesus, e o início de seu ministério celestial, através dos seus discípulos. A vida de Cristo, relatada por Lucas, é realmente continuada no livro de Atos.

1. A bênção. "E levou-os fora, até Betânia; e, levantando as suas mãos, os abençoou". A vida do Salvador fora uma continuidade de bênçãos, e seu último ato na terra tinha de ser abençoar os seus seguidores. Como um pai momentos antes de deixar seus filhos, reune-os, fala com eles, e então ergue as mãos para

abençoá-los. Também assim Jesus. No momento de voltar ao Céu, abençoou os apóstolos, bênção esta que permanecerá sobre toda a Igreja até a sua volta. No último vislumbre de Cristo, viram-no com as mãos erguidas para abençoar, e esta é sua atitude desde então. Assim como Elias deixou sua capa a Eliseu, que o viu ser levado às alturas, Cristo, na sua ascensão, deixou uma bênção aos apóstolos e à Igreja.

2. A ascensão. "Aconteceu que, abençoando-os ele, se apartou deles, e foi elevado ao céu". Jesus foi-se afastando dos discípulos a fim de que todos pudessem vê-lo sem impecilho; depois foi erguido, como se tirado da terra por alguma atração celestial, olhando os seus queridos companheiros lá em baixo, as mãos estendidas a abençoar.

3. A adoração. Esta foi uma despedida que não deixou tristeza. Os discípulos não lastimaram o desaparecimento do Mestre. Curvaram a cabeça em alegria reverente, sabendo que estavam ganhando, não perdendo, um amigo. Era-lhes a ascensão, não o crepúsculo, mas o nascer do sol, e não somente para eles, mas para o mundo inteiro.

IV. Ensinamentos Práticos

1. "Apalpai-me e vede". Eram estas palavras encorajamento aos tímidos e orientação para os perplexos. Nosso Senhor era paciente com as imperfeições da fé e do conhecimento dos discípulos, por isto convidou-os a verificarem por si mesmos. Tinha paciência com eles porque sabia que eram honestos.

Os que verdadeiramente conhecem ao Senhor não precisam temer as investigações dos que estão interessados em Cristo. Ao duvidoso honesto que pergunta: "Pode qualquer coisa boa vir de Nazaré?", respondem: "Vem, e vê" (Jo 1.46). Aos que duvidam da doce comunhão com o Senhor, podem dizer: "Vinde

e provai que o Senhor é bom”.

2. “Por que sobem tais pensamentos aos vossos corações?” Os pensamentos não podem ser conservados inteiramente secretos. Cristalizam-se em ações e circunstâncias, e, antes disto até, afetam nossas atitudes de tal maneira que possibilitam às pessoas reconhecerem nossos sentimentos para com elas. Um pregador geralmente tem meios de sentir como sua mensagem está sendo recebida. Muitos deles têm às vezes vontade de perguntar: “Por que sobem dúvidas aos vossos corações?”

“Odeio os pensamentos vãos”, exclamou o salmista com desgosto, “mas amo a tua lei”. Ele queria livrar-se dos pensamentos prejudiciais e deprimentes, e decidiu regulá-los de acordo com a Palavra de Deus. Como foi sábio! Do coração cheio da Palavra de Deus sobem pensamentos que trarão bendita influência sobre os que nos cercam.

3. Na escola do Espírito. “Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras”. Diferente dos demais ensinadores, Cristo não somente dava a instrução como também a inspiração. Não somente colocava a verdade diante deles como os capacitava a recebê-la. O trabalho de abrir as Escrituras foi entregue ao Consolador, seu representante: “Ele os guiará em toda a verdade”.

O relógio de sol pode parecer bonito ao luar, mas não informa as horas. Só funciona à luz do sol. As Escrituras parecem bela literatura à luz da razão, mas sua mensagem só é compreendida quando iluminada pelo Espírito Santo. É obra do Espírito iluminar a mente e levar o cristão a experiências que tornam reais as Escrituras. Um famoso evangelista testificou: “Na reunião de oração, esta noite, aprendi mais do significado das Escrituras que em qualquer outra ocasião. As telas sutis da alma são como as luzes que realçam a beleza de uma pintura”.

4. A evidência do revestimento do Espírito. Sejam quais forem os resultados do revestimento do Espírito, conforme registrado em Atos, descobrimos uma imediata e sobrenatural manifestação que inclui o falar em outras línguas. Portanto, concluímos e ensinamos que o falar em línguas é a evidência do batismo no Espírito Santo. Até estudiosos liberais reconhecem ser esta a crença da Igreja Primitiva.

Lembremos, no entanto, que o propósito do falar em línguas era testemunhar de Cristo. Gostamos de testificar do batismo conforme Atos 2.4. Mas, será que o recebemos conforme Lucas 24.49 e Atos 1.8?

5. Ressurreição e remissão (vv. 46,47). Notemos como a ressurreição e a necessidade de pregar vinculam-se nestes versículos. A ressurreição de Jesus é a base para pregarmos a remissão dos pecados, porque se Cristo não ressuscitou de entre os mortos, ainda estamos mortos em nossos pecados. A ressurreição garante também a pregação do Evangelho em escala mundial. Porque, tão certo como Ele ressuscitou, assim será pregado o Evangelho do Reino em todo o mundo como testemunho às nações.

Muitos perguntam, com pessimismo: “Teriam já passado os dias de reavivamento?” Enquanto houver um Cristo vivo, o Evangelho será pregado; e onde se pregar o Evangelho, haverá pessoas salvas.

6. O Cristo onipresente. Um menino perguntou ao avô: “Como Deus pode estar em duas cidades ao mesmo tempo?” O avô tocou-lhe as têmporas. “Você está aqui?” “Sim”, respondeu a criança. Depois tocou-lhe o ombro. “Você está aqui? É assim que Deus pode estar em duas cidades ao mesmo tempo”.

Por estranho que pareça, Cristo retornou ao Céu para ficar mais perto de nós. Na terra, podia apenas estar presente num só lugar. Ao ascender ao trono de Deus,

acha-se, através do Espírito Santo, em todos os lugares.

“Eis que estou convosco todos os dias”. Ao assaltarem-nos tristezas e problemas, não precisamos viajar para buscá-lo, ou procurá-lo através de recados. Ele sempre está ao nosso lado, um socorro sempre presente na hora da angústia.

7. Ninguém está isento de orar. Depois da maravilhosa experiência de contemplar o Cristo ressurreto, e de receberem a bênção na ascensão, os discípulos poderiam ter pensado: “Depois de uma experiência tão gloriosa, não será necessário orar muito. Já chegamos a Ele”. Ao contrário, porém, “estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus”.

Nenhuma experiência, por mais gloriosa, nos colocará em situação de não precisarmos mais dos meios normais da graça. Realmente, quanto mais maravilhosa a experiência, tanto mais graça precisaremos para conservar-nos humildes! Ver 2 Coríntios 12.7.